

CASA MARGARIDA MARIA ALVES

"É MELHOR MORRER NA LUTA DO QUE MORRER DE FOME"



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
- MESTRADO PROFISSIONAL -**

GERCIMÁRIA SALES DA SILVA

**Educação Patrimonial:
Ação Educativa no Museu Casa Margarida
Maria Alves – Alagoa Grande/PB**

CAMPINA GRANDE – PB
2019

GERCIMÁRIA SALES DA SILVA

**Educação Patrimonial:
Ação Educativa no Museu Casa Margarida Maria
Alves – Alagoa Grande/PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, *Campus I*, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de pesquisa: Ciências, Tecnologia e Formação Docente.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

CAMPINA GRANDE – PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Gercimária Sales da.
Educação Patrimonial [manuscrito] : Ação Educativa no Museu Casa Margarida Maria Alves – Alagoa Grande/PB / Gercimária Sales da Silva. - 2019.
168 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno , UEPB – Universidade Estadual da Paraíba."
1. Educação Patrimonial. 2. Resignificação. 3. Cultura escolar. 4. Patrimônio cultural. I. Título
21. ed. CDD 370.1

GERCIMÁRIA SALES DA SILVA

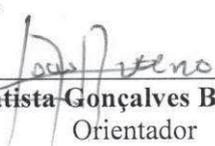
**Educação Patrimonial:
Ação Educativa no Museu Casa Margarida Maria Alves –
Alagoa Grande/PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, *Campus I*, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

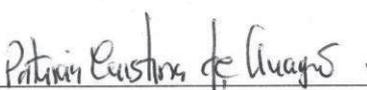
Linha de pesquisa: Ciências, Tecnologia e Formação Docente.

Aprovada em: 09 / 10 / 2019.

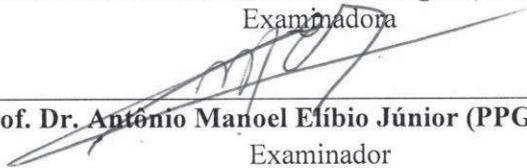
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno (PPGFP/UEPB)
Orientador



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (PPGFP/UEPB)
Examinadora



Prof. Dr. Antônio Manoel Elíbio Júnior (PPGDH/UEPB)
Examinador

Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino da Costa (PPGFP/UEPB)
Suplente

CAMPINA GRANDE – PB
2019

*À minha mãe, Gercina, exemplo de amor,
dedicação e determinação.
Grande incentivadora dos meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo milagre da vida! Compreender os Teus planos nem sempre é fácil, mas sentir que me amas e cuidas de mim a todo instante me faz prosseguir na certeza de que a caminhada sempre valerá a pena.

A Tibério, por entender minhas necessidades acadêmicas, apoiando-me ao longo desse processo.

À Gercina e Gerciana, por compreenderem a minha ausência e pela força e amor demonstrados, ajudando-me a enfrentar as dificuldades desse percurso trilhado. À Melina, pela leveza da infância, alegrando-me em dias difíceis! E a toda família, por me incentivarem na realização de mais este sonho.

Aos queridos professores da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro que participaram da Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”. Obrigada por aceitarem colaborar com a pesquisa e por todos os diálogos, as trocas de experiência e as histórias compartilhadas a cada encontro. A vocês, minha imensa gratidão!

Ao Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno, pelo carinho em suas orientações, apontando-me os melhores caminhos. Gratidão por compreender minhas inseguranças e acreditar em mim!

À Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão e ao Prof. Dr. Antônio Manoel Elíbio Júnior, por aceitarem compor a banca examinadora. Pela leitura minuciosa do texto, pela generosidade e pela precisão nas observações na qualificação. Obrigada pelas valorosas contribuições!

À Secretaria da Cultura e Turismo, em especial, ao secretário Marcelo Félix, por nos conceder autorização para que a ação educativa ocorresse dentro do próprio museu. E a todos os funcionários do Museu Casa Margarida Maria Alves, em especial, Alice, por ser sempre acolhedora e prestativa.

À Secretaria de Educação de Alagoa Grande, pelo reconhecimento da relevância deste trabalho.

À Secretaria Municipal de Educação de Alagoinha, pelo apoio prestado.

A todos os profissionais da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, em especial, a psicopedagoga Gildênia, pelo apoio e compreensão a mim dedicados.

Aos amigos, gratidão pelas inúmeras palavras de incentivo e demonstrações de amor. Em especial, Waldilson, por apontar os caminhos para essa nova investida, acreditando em mim incansavelmente, como também Geusa e Jacinta, por escutarem as minhas angústias e pelo estímulo permanente!

Aos companheiros da turma 2017 do mestrado, em especial ao “Quinteto fantástico”, presentes de Deus, nas pessoas de Amanda, Jéssica, Leonora e Rosana. Gratidão pela presença constante e generosidade nessa trajetória!

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB), em especial aos que tive oportunidade de conviver. Obrigada pelas experiências compartilhadas e por contribuírem com a minha formação.

A Hildon Régis Navarro filho, pela paciência e disponibilidade em contribuir com a pesquisa.

A Paulo Wanderley, pela dedicação na realização das imagens audiovisuais, instrumentos essenciais nesta pesquisa.

À Gorette, pela precisão na revisão textual deste trabalho.

Ao finalizar um trabalho como esse, percebi que não há como listar os nomes de todos e todas que contribuíram comigo, seja disponibilizando o tempo para compartilhar informações preciosas, seja para ceder um empréstimo de um livro, para uma simples conversa despreziosa ou, até mesmo, para gentilmente conceder-me a utilização de suas autorias em nosso trabalho. Enfim, imensamente grata a todas as pessoas que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para que eu chegasse até aqui. Gratidão!!!

RESUMO

A Educação Patrimonial enquanto processo permanente e sistemático pode delinear novos caminhos para reflexão e ressignificação dos conhecimentos relacionados ao patrimônio cultural no espaço educativo. Caminhos capazes de proporcionar sensibilização, provocar discussões e oportunizar mudanças nas práticas pedagógicas na condução de um planejamento no qual o patrimônio cultural local possa ser reconhecido, valorizado, tornando-se fonte inesgotável de preservação da memória e história de um povo. Ao olhar para as práticas que são desenvolvidas no âmbito escolar, relativas à Educação Patrimonial, percebe-se a ausência de um trabalho voltado especificamente para a história local, o que implica pensar no seguinte questionamento: como os professores podem ressignificar sua prática pedagógica a partir da Educação Patrimonial mediada pelo Museu Casa Margarida Maria Alves? Desse modo, este estudo tem como objetivo geral ressignificar a prática pedagógica relacionada à Educação Patrimonial, fomentando a valorização do patrimônio cultural local a partir da instituição museal Casa Margarida Maria Alves, localizada em Alagoa Grande, Paraíba. Para tanto, parte de uma ação educativa desenvolvida com os professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, Alagoa Grande-PB, por meio da Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”. A oficina visou o reconhecimento do Museu Casa Margarida Maria Alves como espaço de memória, suscetível a proporcionar vivências significativas. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, tendo como instrumentos de coleta de dados a entrevista, o questionário e os registros da vivência da oficina pedagógica por meio de imagens audiovisuais e do diário de campo da pesquisadora, os quais serviram de suporte para as discussões levantadas. Dentre as principais contribuições teóricas, destacam-se os estudos de Nora (1993); Horta, Grunberg e Monteiro (1999); Galzerani (2006; 2008; 2009); Halbwanchs (2006); e Mário Chagas (2010). Com base nos resultados, foi possível perceber que a realização desta pesquisa contribuiu sobremaneira para a ressignificação do olhar dos professores participantes no que se refere à abordagem do patrimônio local em sala de aula, mais precisamente, do Museu Casa Margarida Maria Alves, fomentando novas reflexões e ocasionando mudanças em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. Ressignificação. Museu.

ABSTRACT

Heritage Education as a permanent and systematic process may outline new ways for reflection and resignification of knowledge related to cultural heritage in the educational environment. Paths capable of providing awareness, provoking discussions and enabling changes in pedagogical practices in conducting a planning in which the local cultural heritage may be recognized, valued, becoming an inexhaustible source of preservation of the memory and history of a people. Observing the practices that are developed at school, related to Heritage Education, one notices the absence of a work focused specifically on local history, which implies thinking about the following question: how can teachers resignify their pedagogical practice from the Heritage Education mediated by *Casa Margarida Maria Alves* Museum? Thus, this study aims to resignify the pedagogical practice related to Heritage Education, promoting the appreciation of the local cultural heritage from the institution *Casa Margarida Maria Alves* Museum, located in Alagoa Grande, Paraíba. For this purpose, it starts with an educational action developed with teachers who work in the early years of Elementary School (1st to 5th grade) in the Primary and Elementary Municipal School Desembargador Severino Montenegro, Alagoa Grande-PB, through the Pedagogical Workshop “Resignifying memories and life stories - *Casa Margarida Maria Alves*”. The workshop aimed at recognizing the *Casa Margarida Maria Alves* Museum as a memory environment, susceptible to providing meaningful experiences. In methodological terms, it is a qualitative research of the action research type, having as instruments of data collection the interview, the questionnaire and the records of the pedagogical workshop through audiovisual images and the researcher’s field diary, which supported the discussions raised. Among the main theoretical contributions are the studies by Nora (1993); Horta, Grunberg and Monteiro (1999); Galzerani (2006; 2008; 2009); Halbwanhs (2006); and Mario Chagas (2010). Based on the results, it was possible to realize that the accomplishment of this research contributed greatly to the resignification of the participating teachers, regarding to the local heritage approach in the classroom, more precisely, to the *Casa Margarida Maria Alves* Museum, fostering new reflections. and causing changes in their pedagogical practices.

Keywords: Heritage Education. Resignification. Museum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Alagoa Grande-PB	16
Figura 2 – Igreja matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem.....	18
Figura 3 – Teatro Santa Ignez.....	18
Figura 4 – Memorial Jackson do Pandeiro	17
Figura 5 – Lagoa do Paó.....	18
Figura 6 – Margarida Maria Alves	39
Figura 7 – Capa do 1º Livro de Registro de Assinaturas.....	52
Figura 8 – Registro da assinatura da pesquisadora no 1º Livro de Assinaturas do museu.....	52
Figura 9 – Fachada do Museu Casa Margarida Maria Alves	53
Figura 10 – Expositor com moldura em madeira	54
Figura 11 – Pedestal de madeira com o Livro de Registro de Assinaturas	55
Figura 12 – Expositor de vidro com mensagens da anistia internacional	56
Figura 13 – Objetos que pertenceram à Margarida	56
Figura 14 – Fotos da exposição “Retratos da história: o caminho das margaridas”	57
Figura 15 – Maria da Penha Nascimento Silva	58
Figura 16 – Apresentação da oficina pela professora pesquisadora.....	79
Figura 17 – Objetos antigos e de valor afetivo dos professores participantes.....	82
Figura 18 – Os professores participantes passeando pelo museu.....	85
Figura 19 – Professor participante relatando sobre seu objeto museal escolhido	85
Figura 20 – Participação na dinâmica Cantando e recitando Margarida vamos vivenciando .	88
Figura 21 – Professores participantes da oficina	89
Figura 22 – Realização da dinâmica “Hora da novidade”.....	90
Figura 23 – Momento da dramatização	91
Figura 24 – Professores participantes elaborando o roteiro de atividades	93
Figura 25 – Os “mimos” que foram partilhados.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1	ENTRETECENDO OS FIOS QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AS AÇÕES EDUCATIVAS.....	22
1.1	Tessituras de histórias educacionais interligadas com a Educação Patrimonial.....	22
1.2	Visitas museais promovem a sensibilização do olhar e o encantamento.....	28
1.3	Educação Patrimonial, Patrimônio e Memória.....	30

CAPÍTULO II

2	MUSEU, ESPAÇO DE MEMÓRIAS SINGULARES.....	38
2.1	Margarida Maria Alves, “Margaridas floresceram”.....	38
2.2	Museu Casa Margarida Maria Alves.....	49

CAPÍTULO III

3	PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	63
3.1	Local da pesquisa.....	63
3.2	Colaboradores da pesquisa.....	64
3.3	Tipo de pesquisa e instrumentos utilizados.....	65
3.4	Percursos metodológicos da pesquisa.....	68

CAPÍTULO IV

4	CASA MARGARIDA MARIA ALVES: PERMEANDO REFLEXÕES E RESSIGNIFICAÇÕES.....	76
4.1	Oficina pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”.....	76
4.1.1	Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves – primeiro encontro.....	78
4.1.2	Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves segundo encontro.....	84
4.1.3	Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves – terceiro encontro.....	90
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS.....	101
	APÊNDICE.....	
	ANEXOS.....	

INTRODUÇÃO

O Museu Casa Margarida Maria Alves, localizado no município de Alagoa Grande, Paraíba, Rua Olinda, de número 624, é o objeto de estudo abordado nesta dissertação. Uma casa arquitetonicamente comum a tantas outras da região, mas de grande representatividade para a história local. Foi nesse espaço que viveu Margarida, a primeira mulher a presidir um sindicato de trabalhadores na Paraíba, que teve sua vida ceifada de forma trágica.

Durante o seu percurso de sindicalista, podemos destacar sua coragem e determinação em defender os direitos dos trabalhadores rurais, sobretudo com relação ao décimo terceiro salário, registro em carteira de trabalho, jornada de oito horas e férias obrigatórias. Diversas ações exitosas foram movidas na Justiça Trabalhista contra usineiros da região e latifundiários, provocando desafetos e ameaças a sua pessoa, que foram cumpridas em 12 de agosto de 1983, dia do seu assassinato.

Sua trágica morte a calou, mas os seus ideais tiveram uma dimensão não prevista e seu nome jamais foi esquecido. Por isso, no dia 26 de agosto de 2001, sua casa foi transformada no Museu Casa Margarida Maria Alves, um espaço suscetível à rememoração de sua história, narrada através de objetos pessoais, fotografias, livros, reportagens, documentos e tantas outras coisas que lá podemos encontrar.

Pensando em rememoração, não há como desenvolver esta dissertação sem retomar as experiências vividas pela pesquisadora enquanto pessoa, estudante até o formar-se professora, um desejo suscitado ainda em tenra idade. Tais experiências serão evidenciadas em primeira pessoa, a fim de dar visibilidade à voz da pesquisadora.

Ao regressar ao passado, no intuito de rememorar o início de minha formação escolar, revivi momentos que contribuíram e se tornaram significativos para minha vida profissional. Trouxe-me à tona muitas lembranças, sentimentos nem sempre positivos, momentos nem sempre felizes, ao mesmo tempo que me oportunizou refletir sobre todo caminho percorrido até aqui, caminhos de aprendizado e de busca constante dele.

Quando cito sentimentos nem sempre positivos, momentos nem sempre felizes, refiro-me à ausência paterna iniciada durante a época do primário, quando ainda tinha seis anos. Meu pai trabalhava como autônomo e gostava de desempenhar várias funções, entre elas cobrir sofá. Viajava regularmente à Campina Grande para comprar os materiais que necessitava para essa função. Em uma de suas viagens, não mais voltou, deixando todos os familiares e amigos angustiados e preocupados, sem saber, de fato, o que havia acontecido. Com o passar dos dias e com as vagas notícias que nos chegavam, percebemos que, na

verdade, ele havia abandonado a nossa família sem causa aparente ou nenhuma justificativa, deixando marcas difíceis de serem esquecidas, porém, com o passar do tempo, superadas.

Nasci em 21 de outubro de 1980, em Alagoa Grande, cidade do interior da Paraíba. Sou a caçula de duas irmãs, filha de Otaciano e de Gercina, uma mulher guerreira, extremamente amável e dedicada, ambos também nascidos em Alagoa Grande.

A minha trajetória com a educação é delineada muito cedo. Iniciei minha vida estudantil em 1984, numa “escolinha de reforço” localizada na rua em que morava. Era comum as mães colocarem os/as filhos/as para estudar em “escolinhas de reforço” antes de frequentarem o grupo escolar, sobretudo, se era uma mãe como a minha, que sempre valorizava a escola e reconhecia a importância dela para a vida. As “escolinhas” eram na sala ou na cozinha das próprias casas, onde as adolescentes professoras, carinhosamente chamadas por “tias”, moravam. Assim, iniciei meus primeiros rabiscos e a viagem ao maravilhoso mundo da leitura e da escrita antes mesmo de entrar para a 1ª série do primário.

No ano seguinte, em 1985, fui matriculada no Grupo Escolar Apolônio Zenaide para estudar da 1ª a 4ª série do primário. Lembro-me que ir à escola sempre foi muito importante para mim, eu acreditava que lá seria um lugar de grandes aprendizados, um espaço onde iria aprender a ler e escrever, fazer amizades, descobertas, cumprir regras, enfim, um lugar propício a viver grandes experiências. Recordo-me com carinho e admiração de cada professora do primário.

Cresci ouvindo as lindas e inspiradoras histórias de minha mãe sobre uma de suas profissões enquanto solteira: professora, ela era professora! Morava na zona urbana, mas ensinava na zona rural, também era assim com alguns de seus estudantes e juntos caminhavam “léguas e léguas” em direção à escola. Em suas conversas, ela deixava nítido o prazer, a alegria e o entusiasmo em ensinar, assim como evidenciava o jeito carinhoso como os estudantes a tratavam e o reconhecimento pelo seu trabalho.

Quando criança, brincar de “escolinha” era uma das minhas brincadeiras prediletas, na qual sempre eu era a professora, assim, espalhava livros e cadernos sobre as cadeiras ou sofá, criava alunos imaginários e dava minhas aulas sempre reproduzindo na brincadeira o reflexo das professoras da época. Com o passar dos anos é que percebi o quanto a vida é plena e ressignificada na relação com o outro. Certamente, tanto as professoras quanto a minha mãe foram fontes de inspiração para esse desejo que iniciou em forma de brincadeira.

Os anos seguiram e a escola pública sempre se fez presente em toda minha vida estudantil. Após o término da 4ª série, fui matriculada em outra escola pública estadual, em

1990, para cursar o 1º (5ª a 8ª série) e 2º graus (o científico). Os professores e professoras também deixaram suas marcas positivas.

Durante a 8ª série, em 1993, acredito que a partir do mês de setembro, recebi o convite para lecionar numa pequena escola particular da cidade em uma turma de pré-escolar; antigamente não havia tanta exigência com relação à escolaridade para exercer a docência, escolhia-se alguém por se ter uma ligação pessoal ou até mesmo por entender que aquela pessoa se encaixava no perfil de professor. De repente, o faz de conta deu lugar ao real, os protagonistas criaram vida e o sonho virou realidade. Mesmo sem formação necessária, recordo dos momentos vivenciados de forma positiva. Essa experiência suscitou ainda mais em mim o gosto pela profissão e a busca por habilitar-me para tal função. Inclusive, no município já existia o Curso Magistério que habilitava para lecionar as quatro primeiras séries do 1º grau.

No início de 1994, sempre com o incentivo da minha mãe, decidi cursar o 1º ano do Magistério, pela manhã, e o 1º ano do 2º grau, antigo científico, à noite. O Magistério me proporcionaria habilitação para realizar a tão sonhada docência. As exigências e dificuldades por estudar dois turnos eram grandes, mas o aprendizado e o encantamento pelo Magistério foram ainda maiores, quanto mais frequentava, mais me certificava da escolha e do caminho a ser trilhado. E, em 1996, vivi a alegria de concluir os dois cursos. Foram anos de estudos, lutas, encantamentos, angústias, alegrias, mas vivenciar esses momentos tinha um sabor maravilhoso: conquista!

Em 2000, comecei a lecionar como professora efetiva do município. A primeira escola a qual fui direcionada localizava-se na zona rural, em Caiana dos Crioulos. A turma era a antiga 1ª série, composta por trinta alunos com faixa etária que compreendia dos oito aos trinta anos. A turminha era para lá de mista. Alguns adultos repetentes, outros em idade infantil frequentando pela primeira vez a escola. Uns não apresentavam nenhum conhecimento de leitura e de escrita, enquanto outros já demonstravam familiaridade com o sistema alfabético. Tomada pela insegurança e inexperiência de todo profissional iniciante, via-me mergulhada em desafios constantes em busca de encontrar atividades e uma metodologia que atendesse aos interesses de um público tão diversificado e com anseios tão distintos.

Percebi que aquela docência dos sonhos, com alunos “imaginários”, dava lugar a seres de verdade, vivenciando uma docência real que ora me realizava, ora me angustiava. Foi um tempo de descobertas, sem dúvidas, e de muito aprendizado! Descobri, por exemplo, que é na

prática que nos tornamos professores, que o conhecimento tem prazo de validade e que aquele conhecimento adquirido anteriormente já não me dava as respostas para tantas inquietações.

Diante desse quadro conflituoso, mas consciente, senti-me motivada a buscar uma qualificação de nível superior, que me oportunizasse meios e me desse suporte para lidar com as situações que se apresentavam em sala de aula com todas as suas singularidades. Busquei na Pedagogia o caminho para mais uma formação profissional.

Em 2002, cursei Pedagogia em regime especial pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), concluindo em 2004. Através de um convênio entre a Prefeitura Municipal e a UEPB, o Curso Pedagogia foi oferecido a 40 professores selecionados por meio de um vestibular. As aulas eram aos sábados, o dia inteiro, e durante as férias, no mês de janeiro, de segunda a sexta. Não precisávamos ir até a Universidade, os professores e professoras vinham até nós. Não era fácil ensinar de segunda a sexta e aos sábados estudar o dia inteiro, mas era gratificante, e a Pedagogia me encantava a cada dia, realmente era o curso que precisava e me proporcionava embasamento para compreender e aprimorar minha prática pedagógica.

Os anos se passaram e a cada ano novos aprendizados, novos desafios, novos alunos/as, às vezes, até novas séries. Portanto, diante da complexidade do ser professora, a busca pelo aperfeiçoamento é algo inevitável. Em 2006, resolvi cursar uma pós-graduação *lato sensu*: Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos (FIP). Os conhecimentos adquiridos, entre tantos outros, permitiram-me compreender mais especificamente as dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as. Não me dando ainda por completa, alimentava o desejo de cursar uma graduação *stricto sensu*. E convicta desse novo desafio, comecei a embalar mais um sonho.

Em outubro de 2016 fui convidada a participar de uma Oficina para conhecer um pouco mais sobre a pós-graduação *stricto sensu*. Ouvi palavras inspiradoras, decisivas e estimuladoras, saí dali confiante. Resolvi participar do processo seletivo da turma 2017.1 do Programa Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Durante as etapas, os dias foram difíceis, estressantes, corridos, intensos, de muito estudo e dedicação. Mas vivenciar cada uma delas obtendo sucesso me estimulava mais e mais a continuar, fui aprovada e classificada. Tive o privilégio de ingressar na turma 2017.1 do Mestrado Profissional da UEPB. O sonho que parecia tão distante materializou-se em forma de mais uma conquista profissional e pessoal.

Ingressar no Programa Pós-Graduação em Formação de Professores foi motivo de honra e alegria, um valioso presente de Deus! Foi também um grande desafio, como tudo que se inicia. Através do mestrado profissional, na condição de professora e pesquisadora, pude

refletir sobre as questões relativas à educação, expandindo meus conhecimentos e ampliando o meu olhar para assuntos educacionais diversos, contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento de minha prática pedagógica.

Reconheço que o exercício da docência exige compromisso, responsabilidade, sensibilidade, dedicação e paciência, mas ter a oportunidade de mediar conhecimentos, indicar caminhos, acreditar e fazer a diferença na vida de alguém contribuindo com sua formação, desperta em mim sentimentos únicos, às vezes, inexplicáveis. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, tanto na época em que era iniciante como agora mais experiente, continuo reconhecendo o quanto sou apaixonada pela minha profissão e orgulhosa deste ofício. Tenho certeza de que todas as experiências vividas na relação com o outro ao longo desta carreira que almejei trilhar tiveram sua relevância na profissional que sou hoje. Considero-me uma profissional realizada, porém, consciente de que a busca pelo conhecimento, aperfeiçoamento, precisa ser constante.

Ao longo do meu percurso profissional, diante dos desafios enfrentados na atuação em sala de aula, refletir sobre o fazer pedagógico buscando aprimorar e contribuir mais significativamente com a aprendizagem dos alunos, inspira-me a encontrar respostas para as indagações que me rodeiam. Portanto, a partir de minhas experiências e inquietações enquanto docente do município de Alagoa Grande-PB nasceu o projeto de pesquisa para esta dissertação.

Em meio às ruas da cidade, no simples ato de ir e vir, por vezes, me deparei com grupos de pessoas que visitavam a nossa terrinha. Teve uma época que, semanalmente, um ônibus muito equipado estacionava próximo à praça central e dentro dele via-se sair um grupo de pessoas, algumas do próprio estado, outras de estados diferentes e ainda aquelas com traços e características que não eram tão comuns às nossas, as advindas de outros países. Por diversas vezes, fiquei a observá-los e percebia todo o encantamento que havia em cada olhar percorrido. Esses passeios, na sua grande maioria, eram acompanhados por um guia que os informava sobre a história local.

Todo esse cenário cultural me fez questionar: por que alguns habitantes não demonstravam ter o mesmo encantamento e nem percebiam a importância daquele patrimônio como aqueles que nos visitavam? Percebi que, mesmo reconhecendo a importância do patrimônio cultural do município, havia um distanciamento na valorização desse patrimônio no espaço escolar, o que poderia tornar-se um desafio, um problema a ser solucionado. Foi a partir desse pensamento que o projeto desta pesquisa nasceu, no intuito de fomentar a busca por estratégias capazes de interferir positivamente na realidade educacional e de produzir um

ensino que contribua para estudos futuros com relação à Educação Patrimonial, dando significado ao patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves.

Devo mencionar que, inicialmente, os objetos de pesquisa idealizados eram outros, numa visão muito ampla imaginei abordar alguns patrimônios locais: o teatro Santa Iñez, a igreja matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, os casarões no centro da cidade, o Museu Casa Margarida Maria Alves e o Memorial Jackson do Pandeiro. Contudo, enquanto estabelecia meus primeiros contatos com o meu orientador, o professor João Bueno, o trabalho foi tomando uma proporção inicialmente não planejada. Era necessário delimitar o objeto de estudo e, assim, optamos pelo Museu Casa Margarida Maria Alves. A pesquisa tomou outros rumos, enveredou por caminhos mais desafiadores e, justamente por isso, ampliou nossas possibilidades de investigação fortalecidas na relação com o outro, visto como um ser importante, produtor de conhecimento.

Concomitante a essa mudança, recebi algumas sugestões de leituras, dentre as quais destaco a dissertação de Nara Rúbia de Carvalho Cunha (2011), intitulada “Chão de Pedras, Céu de Estrelas: o Museu-Escola do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, década de 1980”; a tese de Helena Maria Marques Araújo (2012), sob o título “Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades”; e diversos textos de Maria Carolina Bovério Galzerani,¹ suas tessituras fizeram-me conhecer o pensamento benjaminiano e compreendê-lo de uma maneira mais fácil. Essas leituras estimularam-me a outras reflexões e a Educação Patrimonial passou a ser experimentada através da memória e das experiências vividas dos sujeitos colaboradores da pesquisa, ganhando outra dimensão neste trabalho.

A partir das memórias da pesquisadora, acreditamos que a Educação Patrimonial enquanto um processo permanente e sistemático pode apontar novos caminhos para reflexão e ressignificação dos conhecimentos relacionados ao patrimônio cultural no espaço educativo. Caminhos que sejam capazes de estimular os docentes na valorização do patrimônio cultural, a fim de que os discentes também possam ser alcançados.

Nosso trabalho é um convite a novos olhares, permeando novas leituras do patrimônio cultural local. Abordamos como objeto desta dissertação o Museu Casa Margarida Maria Alves, no qual é retratada a história de vida e morte de uma mulher que nasceu, cresceu e morreu no município de Alagoa Grande/PB. Margarida foi a primeira mulher a presidir um sindicato de trabalhadores na Paraíba. Tornou-se uma grande líder sindical, porque corajosamente defendia os direitos do trabalhador rural.

¹ Os textos serão citados no decorrer da dissertação.

Era admirada pela firmeza de suas ações junto à presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Mas, em consequência de suas atitudes com relação aos trabalhadores rurais, ela passou a sofrer diversas ameaças e, com 50 anos de idade, foi brutalmente assassinada a tiros de espingarda calibre 12 em sua própria residência, no dia 12 de agosto de 1983. Essa tragédia repercutiu nacionalmente e internacionalmente, transformando-a em um referencial, símbolo da luta dos camponeses contra a opressão latifundiária.

Adentrar na instituição museológica nos suscita (re)conhecer a história dessa mulher que se tornou um ícone após sua morte em defesa de melhorias para os trabalhadores rurais. Sua história é lembrada através de cada espaço, contada em cada um dos objetos pessoais, fotografias, livros, reportagens, documentos e tantas outras coisas que nos aproxima dessa história. Por ter sido a casa onde ela foi assassinada o próprio local já é marcante.

O Museu Casa Margarida Maria Alves está localizado na Rua Olinda, nº 624, no município de Alagoa Grande. A origem do nome deve-se ao fato de que existia uma lagoa bem grande no centro da cidade, que está situada na região do Brejo paraibano, 85 km da capital João Pessoa, limitando-se com os municípios de Juarez Távora, Areia, Alagoinha, Mulungu, Serra Redonda, Massaranduba, Gurinhém, Matinhas e Alagoa Nova, como podemos visualizar no mapa da Figura 1.

Figura 1 – Mapa de Alagoa Grande-PB



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Alagoa+Grande+-+PB>

No centro da cidade existem alguns casarões que formam um conjunto arquitetônico da metade do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX, alguns possuem ornatos neoclássicos e azulejos portugueses. Na Figura 2, podemos visualizar a igreja matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, construída a partir de 1861, que apresenta características de arquitetura eclética. O teatro Santa Ignez (Ver Figura 3) possui fachadas que lembram a

arquitetura italiana e é considerado o quarto mais antigo da Paraíba, tendo sido inaugurado em 2 de janeiro de 1905.

Figura 2– Igreja matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem



Figura 3 – Teatro Santa Iñez



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Fonte: <http://culturadobrejo.blogspot.com>

Algumas pessoas que nasceram e viveram em Alagoa Grande tiveram destaque na vida pública, como é o caso do político Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello; do poeta Osório de Medeiros Paes; do artista José Gomes Filho, ícone da Música Popular Brasileira (MPB), também conhecido como Jackson do Pandeiro; e da sindicalista Margarida Maria Alves, símbolo de luta e resistência. Vale ressaltar que os dois últimos têm seus nomes evidenciados através do Museu Casa Margarida Maria Alves e do Memorial Jackson do Pandeiro (Ver Figura 4).

Figura 4 – Memorial Jackson do Pandeiro



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Quanto aos patrimônios naturais, vale destacar a Lagoa do Paó (Ver Figura 5), a Cachoeira do Urucú (mais conhecida como Quinze) e Cachoeira de Serra Grande, os engenhos da Cachaça Volúpia e Gregório de Baixo, localizados no centro da cidade. Também não podemos esquecer da zona rural (cerca de 13 km da sede do município), onde existe a comunidade Caiana dos Crioulos², que mantém vivas suas tradições e resguarda muitos traços de sua cultura e história, sendo reconhecida como terras remanescentes de quilombo.

Figura 5 – Lagoa do Paó



Fonte: Júlio Teotônio

Ao reconhecer o patrimônio cultural do município de Alagoa Grande, visualizam-se diversas possibilidades de atividades educacionais. Porém, ao aguçar o olhar às práticas que são desenvolvidas no âmbito escolar referente à Educação Patrimonial, percebe-se a ausência de um trabalho pautado na essência e no destaque merecido para essa temática no cotidiano escolar, que valorize a história local, sobretudo, o museu Casa Margarida Maria Alves. Na perspectiva de Melo (2015, p. 76), os patrimônios culturais e a história local configuram-se

[...] recursos teórico-metodológicos de abordagens não só para a pesquisa, mas também para o ensino de história, com a possibilidade de através de recortes espaciais e temporais devidamente contextualizados, resgatarem atores sociais silenciados e omitidos da história geral tida como oficial.

²A portaria de reconhecimento da área foi publicada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), no *Diário Oficial* da União (DOU), em 6 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br>. Acesso em maio de 2019.

Essa necessidade de olhar para o museu Casa Margarida Maria Alves sob uma nova perspectiva, motivou-nos a pensar na seguinte questão: como os professores podem ressignificar sua prática pedagógica a partir da Educação Patrimonial mediada pelo Museu Casa Margarida Maria Alves? Partimos da hipótese de que, a partir do momento em que o museu ganhar um novo sentido, poderá tornar-se um espaço suscetível de memória e entrelaçamento de histórias.

Foi com esse intuito que propomos a Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”, destinada aos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, localizada no município de Alagoa Grande, Paraíba. A oficina, produto final desta dissertação, caracteriza-se pela “construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências” (CANDAUI, 1999, p. 23). Desse modo, para sua efetivação, assumimos uma perspectiva interdisciplinar, visto que os professores envolvidos na pesquisa lecionam do 1º ao 5º ano, podendo perpassar pelas diversas áreas do conhecimento, permitindo que algumas temáticas possam ser trabalhadas de maneira mais contextualizada.

Para o desenvolvimento dessa oficina foram selecionados alguns textos no intuito de fundamentar as discussões das temáticas abordadas, tais como: patrimônio, memória, museu, Margarida Maria Alves e Educação Patrimonial, incluindo músicas, poesias e cordéis relacionados à líder sindical. Ao final de sua vivência, foram elaborados pelos professores participantes roteiros com atividades pedagógicas. Portanto, esses textos, os roteiros e as etapas que foram vivenciadas durante a oficina, passaram a integrar o Material de Apoio Pedagógico, um desdobramento do produto final, elaborado para ser deixado na escola como fonte de pesquisa para outros profissionais interessados em ressignificar suas práticas pedagógicas.

Desse modo, destacamos como objetivo geral deste estudo ressignificar a prática pedagógica relacionada à Educação Patrimonial, fomentando a valorização do patrimônio cultural local a partir da instituição museal Casa Margarida Maria Alves, localizada em Alagoa Grande, Paraíba. Como objetivos específicos, elencamos: 1. Possibilitar o reconhecimento do Museu Casa Margarida Maria Alves como espaço de memória, atribuindo-lhe sentido na experiência vivida; 2. Elaborar e aplicar uma oficina pedagógica que vise à sensibilização, reflexão, reconhecimento, pertencimento e valorização do patrimônio cultural local, considerando a instituição museal e a possibilidade de sua apropriação no

espaço escolar; e 3. Oferecer subsídios para que os professores possam desenvolver atividades pedagógicas relacionadas ao Museu Casa Margarida Maria Alves com a finalidade de ressignificar esses conhecimentos na prática pedagógica.

Do ponto de vista metodológico, é pertinente evidenciar que a presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação, visto que a professora pesquisadora foi a campo mediar um trabalho que objetivou a sistematização da temática Educação Patrimonial nas práticas pedagógicas de forma significativa. Segundo Severino (2007, p. 120), “a pesquisa ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada”.

Tivemos como colaboradores da pesquisa uma funcionária do museu, o ex-prefeito responsável pela criação e inauguração do museu e os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, localizada do município de Alagoa Grande – Paraíba.

Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados: entrevistas semiestruturadas, aplicadas à funcionária do museu e ao ex-prefeito, questionários com os professores e os registros da vivência da oficina pedagógica, através das notas do diário de campo da professora pesquisadora e de imagens audiovisuais, os quais serviram de suporte para nossas discussões. Na perspectiva de Severino (2007, p. 124), a entrevista é uma

[...] técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Uma interação entre pesquisador e pesquisado. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Em termos estruturais, além desta parte introdutória, esta dissertação é composta por quatro capítulos. No primeiro capítulo, evidenciamos através do Estado da Arte quatro produções acadêmicas (três dissertações e uma tese) relacionadas à temática Educação Patrimonial envolvendo o processo educativo. Destacamos a relevância desses estudos enfatizando seus objetivos, metodologia, suas ações educativas e, conseqüentemente, suas contribuições para esta pesquisa. Também trazemos algumas abordagens conceituais sobre Patrimônio, Memória e Educação Patrimonial.

No segundo capítulo, apresentamos a história da líder sindical Margarida Maria Alves e da instituição museal local Museu Casa Margarida Maria Alves. Também estão expostas as

narrativas das entrevistas realizadas com a funcionária do museu e com o ex-prefeito do município.

Os percursos metodológicos adotados na construção desta pesquisa foram abordados no terceiro capítulo. Nele, expomos o tipo de pesquisa utilizada, a escola onde os professores colaboradores e a professora pesquisadora lecionam, um breve perfil dos professores colaboradores e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. Além disso, também descrevemos as narrativas dos professores colaboradores, encerrando com uma sucinta apresentação das etapas da oficina pedagógica.

O quarto capítulo descreve toda a vivência da Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”, uma ação educativa propiciadora de transformação da prática pedagógica.

Por fim, apresentamos as considerações finais, evidenciando a relevância que este trabalho proporcionou aos docentes colaboradores da pesquisa, apontando a proposta como resultado de uma ação concreta para a escola, visto que os professores tiveram a oportunidade de refletir e resignificar suas práticas pedagógicas relacionadas ao patrimônio cultural local. E no apêndice, dispomos o Material de Apoio Pedagógico, contendo todos os textos, os roteiros de atividades e as etapas que foram vivenciadas durante a oficina.

Por meio desta publicação, esperamos contribuir com aqueles envolvidos com a educação, oferecendo-lhes suporte para suas inquietações, reflexões e resignificações de suas ações no tocante ao patrimônio cultural local.

CAPÍTULO I

1 ENTRETECENDO OS FIOS QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AS AÇÕES EDUCATIVAS

Este capítulo discorre acerca de quatro estudos realizados a partir da temática Educação Patrimonial que envolvem aspectos ligados ao processo educativo. Ao fazer esse levantamento, nosso intuito foi fazer uma análise descritiva de seus objetivos, metodologias utilizadas e suas respectivas ações educativas para, em seguida, apontarmos como esses trabalhos nos abriram horizontes na condução do nosso estudo e agiram de forma colaborativa na realização desta pesquisa. Ao final, traremos algumas abordagens conceituais envolvendo Patrimônio, Memória e Educação Patrimonial.

A seguir, vejamos os dados relacionados às três dissertações e à tese selecionadas: universidade, títulos, autor/a e ano de apresentação ou aprovação.

- 1ª Dissertação: Universidade Federal Fluminense (UFF) – Educação Patrimonial, História Local e Ensino de História: uma proposta para o trabalho docente – Acioli Gonçalves da Silva Junior (JUNIOR, 2016);
- 2ª Dissertação: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Patrimônio Cultural e História Local: a Educação Patrimonial como estratégia de reconhecimento e fortalecimento do sentimento de pertença à cidade de contagem – Anderson Cunha Santos (SANTOS, 2017);
- 3ª Dissertação: Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Educação Patrimonial na escola: uma experiência entre o ensino de História e o Patrimônio Cultural em Pedro Osório (RS) – Tatiana Carrilho Pastorini Torres (TORRES, 2004);
- Tese: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação (UNICAMP) – Da Magia à Sedução: ações educativas formativas para universitários em museus paulistanos – Aglay Sanches Fronza-Martins (FRONZA-MARTINS, 2017).

1.1 Tessituras de histórias educacionais interligadas com a Educação Patrimonial

A dissertação de Junior (2016) visa realizar uma pesquisa sobre o patrimônio histórico municipal, como lugar de memória da localidade, nas disciplinas de História, Geografia e Artes da rede municipal de Cabo Frio/RJ, reconhecendo que é necessário sensibilizar os

docentes para que possam inserir o ensino da História Local e a Educação Patrimonial em suas práticas, conectando, de forma mais ampla, a história da comunidade e sua memória ao dia a dia das escolas. Na ótica do autor, o patrimônio precisa ser visto de maneira significativa pelos discentes, tendo em vista direcioná-los a um novo olhar sobre os bens culturais, promovendo uma educação cidadã crítica e afetiva em relação à valorização patrimonial.

Por meio dos instrumentos (questionários e entrevistas) utilizados na pesquisa, verificou-se a ausência de uma proposta eficaz voltada para a história regional e Educação Patrimonial na Rede Municipal, bem como as dificuldades em trabalhar com a temática por diversos fatores, entre eles: ausência de formação continuada, de materiais didáticos e deficiência de políticas públicas voltadas para Educação Patrimonial.

Com o propósito de colaborar com as dificuldades mencionadas foi elaborado um Roteiro Histórico da cidade de Cabo Frio, um material informativo e didático produzido após uma vasta pesquisa em trabalhos de historiadores profissionais, de memorialistas locais, de documentação disponível no acervo da Câmara Municipal de Cabo Frio e no IPHAN, que faz referência ao patrimônio tangível e intangível do município. Bastante completo, ele contém fichas com textos e imagens dos bens culturais, sugestões de propostas educativas com base na metodologia de Educação Patrimonial, questionário contendo 16 questões sobre Patrimônio Cultural com suas respectivas respostas, sugestões de vídeos e reportagens sobre a história de Cabo Frio e, por fim, 30 questões sobre o Patrimônio para serem trabalhadas após a visita.

Algumas dificuldades puderam ser percebidas nesse trabalho, que acabou não cumprindo o que ostentava: uma proposta dialógica com os docentes de História, Geografia e Artes da rede municipal de ensino de Cabo Frio. A princípio seria realizada uma formação com uma parte teórica e, posteriormente, oficinas de Educação Patrimonial e apresentação do Roteiro Histórico. E, através da troca de experiência, seriam solicitadas sugestões de atividades e contribuições com o intuito de enriquecer o trabalho dissertativo. Porém, a Educação Municipal vivenciava momentos bem difíceis, o caos administrativo que perpassava o município ocasionou reflexos marcantes na educação, desencadeando paralisações e greve que duraram meses, o que inviabilizou essa parte inicial do projeto, ocasionando a necessidade de outras medidas, como os questionários que, para serem realizados, foram enviados por e-mail e outras formas de comunicação como redes sociais.

Outro aspecto que pode ser destacado é que não ficou claro como foi apresentado o Roteiro Histórico para os professores, apenas se evidenciou que, por meio dele, esperava-se contribuir para o aprofundamento da Educação Patrimonial nas escolas e nos diferentes

espaços educativos da cidade de Cabo Frio, transformando-se em um resultado significativo aos professores, diretores escolares, gestores municipais e comunidade escolar.

É pertinente evidenciar que, embora não possa ter sido cumprida sua parte dialógica, por motivos divergentes à vontade do pesquisador, o Roteiro Histórico da cidade de Cabo Frio, fruto de bastante pesquisa, apresenta-se como um trabalho bem completo para quem busca apropriar-se de conhecimentos e proposta educacional referente ao patrimônio de Cabo Frio/RJ, tornando-se eficiente para aqueles docentes que o utilizarem no espaço escolar.

Reconhecendo a importância de um trabalho pautado na troca de experiências, numa perspectiva semelhante a proposta por Junior (2016), primamos por desenvolver uma ação educativa em que as experiências vividas pelos professores colaboradores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro venham ser compartilhadas durante os três encontros destinados à Oficina pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”.

Essa ação educativa ocorreu dentro da própria instituição museal. Durante a oficina, foram explorados diversos textos com vistas a enriquecer as discussões suscitadas. Como parte final da oficina, elaboramos um roteiro com atividades pedagógicas voltadas ao patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves, de acordo com cada série/ano que os docentes lecionam, as quais, juntamente com os textos, compuseram o Material de apoio pedagógico, fruto desta pesquisa, que será deixado na escola para ser consultado, como forma de auxiliar os docentes em suas práticas.

Colaborando também com nosso trabalho, destacamos a dissertação de Santos (2017), que buscou compreender as repercussões da ação educativa da Casa da Cultura Nair Mendes Moreira (Museu Histórico de Contagem) e do Programa de Educação Patrimonial na prática de professores, analisando as estratégias pedagógicas dos educadores no desenvolvimento de projetos com a temática do Patrimônio Cultural e História Local.

Em sua pesquisa, Santos (2017) apresentou reflexões sobre as diversas versões relacionadas à origem do município de Contagem, descreveu seu processo histórico de crescimento e os impactos provenientes da industrialização; narrou a introdução da metodologia de Educação Patrimonial a partir do lançamento do projeto “Por dentro da História”; explanou as metas e objetivos da ação educativa; e apresentou a sequência didática como opção de planejamento da prática docente. De forma bastante significativa, visou ultrapassar os limites das escolas e das salas de aula procurando na própria cidade as fontes e recursos pedagógicos para o trabalho com a história e patrimônio local.

Inicialmente, foi realizada a análise documental dos materiais, legislações, documentos e fontes que registravam a trajetória da política de proteção do patrimônio cultural da cidade e das ações educativas da Casa da Cultura Nair Mendes Moreira – Museu Histórico de Contagem. Em seguida, foi analisada a prática docente, através dos relatos de experiências publicados na “Revista Por Dentro da História” que continha os melhores projetos de Educação Patrimonial desenvolvidos nas escolas das redes pública e privada, bem como inserida a memória dos relatos orais de professores que participaram dos processos formativos.

Após analisar tais produções, na busca por algo inovador, surgiu o produto educativo “Decifrar a cidade: vivências em Educação Patrimonial”, uma proposta de formação continuada para educadores interessados no uso da metodologia da Educação Patrimonial para estudo da história local que aborda a sequência didática como opção de planejamento da ação pedagógica, descreve os passos para a elaboração de roteiros de trabalho, propõe a continuidade de novas vivências educativas, como também evidencia o produto educativo como meio, e não fim.

O referido produto foi minuciosamente organizado em quatro etapas: sensibilização; planejamento; vivência educativa; registro e reflexão da experiência.

Por mais que o produto tenha sido fruto de pesquisas documentais, escutas e relatos de experiência, o autor enaltece a pertinência de sua aplicabilidade, por isso, a proposta era apresentá-lo aos gestores das áreas de cultura e educação do município de Contagem, para posteriormente ser oferecido aos docentes interessados em utilizar o material em seu planejamento. E para a divulgação do produto, inicialmente, seria enviada uma carta convite a todas as escolas da rede municipal, buscando mobilizar ao menos dois professores de cada uma das oito regionais administrativas do município, com a pretensão de que os docentes fossem motivados para aderirem ao produto através da etapa de sensibilização. Após a adesão, os professores participariam de momentos formativos na Casa da Cultura Nair Mendes Moreira – Museu Histórico de Contagem ou outro local cedido pela prefeitura.

Cabe ressaltar que a nossa ação educativa primou por caminhos semelhantes ao de Santos (2017), uma vez que, inicialmente, foi apresentada a proposta da Oficina pedagógica à Psicopedagoga responsável por toda questão pedagógica da escola, e depois aos professores, buscando sensibilizá-los para participarem da oficina. Além disso, também foi relatada ao secretário da cultura e do turismo do município, que nos deu a devida autorização para que a oficina fosse vivenciada no próprio museu, e a secretária de educação.

Como a metodologia da Educação Patrimonial deve ser um processo contínuo da ação educativa, o produto desenvolvido por Santos (2017) apresentou-se como uma proposta inovadora, diferente, a ser experimentada, mas aberta a novas perspectivas a partir da vivência dos docentes. Um produto bastante completo, elaborado por meio de quatro etapas bem definidas, que poderá ser vivenciado por um longo período. Com base nessa experiência, o docente terá a autonomia necessária quanto à organização da sequência didática, no sentido de que deverá fazer possíveis adequações de acordo com a sua realidade educacional.

Uma proposta bastante pertinente porque buscou pesquisar quais estratégias já haviam sido realizadas no tocante ao patrimônio local, na busca por uma estratégia inovadora, além de ter pensado em um período longo, possível de um trabalho mais específico e detalhado. Assemelha-se ao nosso à medida que procuramos desenvolver uma proposta também inovadora, ainda não ocorrida em nosso município, que reconhece e valoriza a história local através do Museu Casa Margarida Maria Alves. Além disso, buscamos a autonomia dos docentes quanto ao planejamento de roteiro de atividades pedagógicas possíveis de serem pensadas e executadas com relação a série/ano que cada um leciona, incentivando novas olhares para as práticas voltadas ao patrimônio local.

O terceiro trabalho analisado, cuja ação educativa torna-se ferramenta eficaz para reconhecer e valorizar os chamados lugares invisíveis da cidade, com o intuito de propiciar a (re)educação do olhar, refere-se à dissertação de Torres (2014), que objetivava experienciar a Educação Patrimonial como metodologia de Ensino de História, a fim de introduzir a temática do patrimônio na escola; facilitar a compreensão da história local e sua relação com os temas históricos mais amplos; como também promover a (re)educação do olhar através da percepção das permanências e ausências das construções e dos lugares constituídos pelos alunos enquanto Patrimônio Cultural.

Torres (2014) apresentou uma prática de ensino por meio de uma intervenção desenvolvida em duas escolas da rede de ensino do município de Pedro Osório (RS), nos anos de 2012 e 2013, utilizando os bens culturais da cidade como recurso de aprendizagem e construção do conhecimento, envolvendo os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas e do Colégio Estadual Getúlio Vargas, ambas bem divergentes no que se refere à realidade social, o que oportunizou uma interação entre eles.

Nessa pesquisa, foi constatado que o município onde está localizada as escolas, Pedro Osório, tinha sofrido as consequências de frequentes enchentes que “levaram” boa parte de sua história. Também se percebeu a ineficiência de fontes para o estudo da história local e falta de políticas patrimoniais voltadas à preservação da memória. Por isso, pensou-se no uso

da metodologia da Educação Patrimonial, caracterizada como um processo de interação entre a comunidade e seus bens culturais, onde a própria cidade seria utilizada como recurso didático através dos percursos patrimoniais.

A princípio foram feitas reflexões e construção dos conceitos de patrimônio e memória em sala de aula. Logo após, os alunos se organizaram em 12 grupos e entrevistaram 61 pessoas da comunidade, com idades e ocupações distintas, a partir de três questões básicas, na busca por identificar os bens culturais de Pedro Osório. Depois das análises das respostas foram identificados alguns bens culturais, materiais e imateriais do município, o que facilitou a organização de cinco roteiros de percursos patrimoniais que seriam percorridos por alunos do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio, com a finalidade de identificar, questionar, registrar e valorizar os bens culturais a partir de um novo olhar, bem como compreender sua relação com a construção histórica dos pedro-osorienses.

Como se pode perceber na pesquisa de Torres (2004), a realização desses percursos patrimoniais motivou a valorização da identidade e cultura local, mediante a “descoberta” de uma cidade invisível aos olhos desacostumados à observação, rompeu com o ver sem enxergar e deu voz aos chamados lugares invisíveis da cidade, para que a mesma possa ser “lida” e “questionada” a partir da significação do olhar. Os bens culturais foram registrados por meio de fotografias, desenhos e relatos escritos e alguns complementados com pesquisa e levantamento de dados sobre os prédios e sua relação com a história local.

A ressignificação do olhar ocorreu, novos lugares foram descobertos, detalhes da história local foram percebidos, compreendeu-se que a cidade abriga um conjunto de bens materiais e imateriais que formam o Patrimônio Cultural. Das experiências das atividades realizadas em sala de aula, complementadas pela vivência dos percursos, foi possível a construção e assimilação do patrimônio local, da relação entre história, memória e patrimônio. A educação patrimonial colaborou para um ensino de história crítico, reflexivo e participativo.

Realizar percurso patrimonial com o intuito de perceber lugares invisíveis aos nossos olhos, por vezes, corriqueiros, cansados, também foi algo que propomos em nossa ação educativa durante o percurso no Museu Casa Margarida Maria Alves, por acreditarmos que esse novo olhar atento aos objetos, fotos, escritos, ou até mesmo à própria estrutura da casa museal, proporcionaria a rememoração de experiências vividas pelos professores colaboradores.

Essas tessituras proporcionaram grandes reflexões acerca de ações educativas que reconhecem os docentes como agentes disseminadores, capazes de terem suas ideias valorizadas, reconhecidas e ressignificadas por meio da troca de experiências, oportunizando-

nos perceber a importância da (re)educação do olhar com os patrimônios locais e da Educação Patrimonial caracterizada como um processo de interação.

Desse modo, destacamos a importância de um olhar sensível para conhecer os patrimônios locais e se reconhecer neles, de modo que esteja aberto às novas leituras proporcionadas por tais espaços. A tese elencada a seguir permite-nos olhar de forma diferenciada para os museus, percebendo-os não só como repositórios de acervos, mas também como espaços suscetíveis à magia e sedução.

1.2 Visitas museais promovem a sensibilização do olhar e o encantamento

Fronza-Martins (2017), em sua tese, que também envolve a ação educativa dos museus, porém diferencia-se dos outros trabalhos à medida que apresenta estudos de caso, analisou se as práticas educativas de quatro museus da cidade de São Paulo (ligados às áreas de História, Artes, Ciências e Tecnologia) tornaram-se efetivas para a formação educativo-cultural dos estudantes de Pedagogia que participaram de visitas a esses locais. Visitas que visaram favorecer a construção de um olhar sensível para o conhecimento proporcionado por tais espaços.

A escolha dos museus se deu por terem localização de fácil acesso e custo, por proporcionarem uma diversidade de áreas de atuação, possuir exposições permanentes e por estarem abertos aos sábados. As visitas ocorreram ao longo de 18 meses nos seguintes museus: Museu Catavento, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu da Língua Portuguesa e Memorial da Resistência de São Paulo.

Segundo Fronza-Martins (2017), inicialmente, os estudantes estavam inibidos, mas aos poucos foram se encantando com os espaços visitados. Uma sensibilização do olhar surgia ao novo que lhes era apresentado, ao mesmo tempo que a interação e a vontade de mostrar o novo aos colegas foram motivando as visitas. Espontaneamente, surgiu a necessidade do registro fotográfico, que se tornou um instrumento de coleta e análise de dados.

Os espaços museais, que antes eram considerados simples repositórios de acervo, portadores de objetos mágicos e reprodutores de conteúdos, transformaram-se em espaços organizados, educativos, suscetíveis ao encantamento, a sedução, possibilitando a construção de novos conhecimentos. As visitas tornaram-se uma ação transformadora de cunho educativo, patrimonial, museal e não formal, como também fomentaram a formação cultural do visitante.

A Educação Patrimonial favoreceu a interpretação dos bens culturais e sua apropriação, bem como a sensibilização do olhar, proporcionando uma nova leitura do mundo que os rodeia, provocando a aquisição de conceitos e habilidades e a produção de novos conhecimentos diante do patrimônio cultural.

Essas visitas museais fizeram-nos perceber que, muitas vezes, romper com o olhar invisível se dá pela oportunidade de conhecer, de abrir-se ao novo. Foi perceptível o encantamento desses estudantes ao se apropriarem desses espaços, o que foi possível por causa dessa abertura ao novo que lhes foi proporcionado, possibilitando a diminuição do distanciamento com os museus.

Essa mesma perspectiva esteve presente em um dos momentos proporcionados na nossa ação educativa. Às vezes, nossa rotina estressante e sempre apressada faz com que olhemos rapidamente os lugares sem atentar para os detalhes existentes em cada espaço. Assim, ao passear pelo Museu Casa Margarida Maria Alves, devagar e atentos aos detalhes, nosso intuito foi fazer com que os professores se aproximassem mais do lugar, percebendo alguns objetos que pudessem ser relacionados às nossas histórias de vida, oportunizando a identificação com o bem cultural, provocando o sentimento de pertencimento ao espaço e a ressignificação do olhar.

Ter contato com esses trabalhos, alicerçados na eficácia da Educação Patrimonial, nos fez reconhecer a importância de cada um, ao mesmo tempo que nos serviram de reflexões para conduzir o nosso; favoreceu pensar num trabalho com possibilidades de ressignificar o patrimônio local de forma diferenciada e inovadora, visto que foi a primeira vez que aconteceu uma oficina pedagógica voltada para e no museu.

Diante disso, nosso trabalho primou por uma ação que tivesse a participação efetiva dos professores, reconhecendo a importância de um trabalho educativo capaz de ressaltar a construção coletiva do conhecimento na troca de experiências vivenciadas. Desenvolvemos a Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves” e os professores foram os sujeitos colaboradores. A oficina foi realizada dentro do próprio museu, possibilitando uma maior aproximação e sensibilização com esse espaço suscetível a lembranças e reflexões.

Esperamos que essa vivência repercuta uma nova leitura do espaço museal, atribuindo um novo sentido ao patrimônio cultural local, e que o espaço educacional sinta o reflexo desse novo olhar. A seguir, trataremos algumas abordagens conceituais envolvendo Patrimônio, Memória e Educação Patrimonial.

1.3 Educação Patrimonial, Patrimônio e Memória

Em nossa pesquisa, compreender a história local tendo o patrimônio cultural Museu Casa Margarida Maria Alves como instrumento de ensino e aprendizagem na sala de aula foi primordial para o fortalecimento do sentido de pertencimento e valorização deste “lugar de memória” no espaço escolar.

O patrimônio é um campo em discussão que assume diferentes sentidos. Ao falar dele, temos a pretensão de desmitificar alguns termos e, por vezes, conceitos associados apenas à herança familiar e construções antigas. Geralmente, evidenciava-se como patrimônio apenas o patrimônio histórico-arquitetônico, porém, ao longo do tempo, esse conceito tornou-se mais amplo, incorporando outros tipos de manifestações, sendo denominado de patrimônio cultural.

O patrimônio histórico e artístico nacional foi definido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, como o “conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. Porém, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio, substituindo a nomenclatura inicial Patrimônio Histórico e Artístico nacional por Patrimônio Cultural brasileiro, definindo-o como:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2005).

O patrimônio material constitui-se por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: histórico, belas artes, artes aplicadas, arqueológico, paisagístico e etnográfico. Eles estão divididos em bens imóveis, como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais, ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

O patrimônio imaterial compreende as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, instrumentos, objetos, artefatos e lugares que são reconhecidos por comunidades como parte integrante de seu patrimônio cultural. É caracterizado por sua transmissão de geração para geração e por sua constante recriação pelas comunidades em função de seu ambiente, interação com a natureza e de sua história. Esse processo de construção e reconstrução gera um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Portanto, quando nos referimos a uma feira, uma celebração, um museu, um caso, uma construção antiga, uma paisagem e tantas outras manifestações, estamos nos referindo ao patrimônio cultural brasileiro. E como tornar esse patrimônio cultural brasileiro presente em nosso meio? Valorizando-o, reconhecendo-o como parte de nossa memória e de nossa história. Eis um desafio possível em que podemos utilizar um espaço bastante favorável para esse fim, o espaço escolar.

Introduzir o patrimônio no meio escolar favorece aproximar o aluno de espaços de memória, contribui na construção de sua identidade cultural, fortalece o sentimento de pertencimento pela história local, bem como a valorização e preservação desse patrimônio. É preciso que essa valorização passe pela ação pedagógica através de ações voltadas para a sensibilização e reflexão.

Proporcionar práticas educativas para trabalhar o patrimônio cultural torna-se um elemento enriquecedor no processo de ensino-aprendizagem. E a Educação Patrimonial vem ressignificar essa prática. Vejamos os conceitos de educação patrimonial segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999), como também conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2014).

De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4), a Educação Patrimonial refere-se a

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Para o IPHAN (2014), a Educação Patrimonial constitui-se:

De todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural diversas.

Podemos perceber que ambas as definições trazem a importância de um trabalho educativo que prime pela construção coletiva do conhecimento, por meio do diálogo e da participação. A educação precisa ter uma ação reflexiva e transformadora e não apenas reprodutora de informações.

A expressão Educação Patrimonial como uma metodologia inspirada na *Heritage Education*, desenvolvido na Inglaterra, foi introduzida no Brasil por ocasião do 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado em 1983 no Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro. E, em 1999, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro lançaram o “Guia Básico de Educação Patrimonial”, que se tornou o principal material de apoio para ações educativas realizadas pelo IPHAN durante a década passada. De acordo com as autoras, a Educação Patrimonial “Consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

As ações educativas significativas são incentivadas a partir de uma proposta metodológica que envolve quatro etapas: observação, registro, exploração e apropriação, cuja metodologia se aplica a:

[...] qualquer evidência material ou manifestação cultural, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Contudo, faz-se necessário evidenciar as muitas críticas quanto à origem da expressão Educação Patrimonial. Para Mário Chagas (2013), por exemplo, as práticas da Educação Patrimonial já ocorriam desde o século XIX, tanto em práticas museológicas como no serviço

educativo do Museu Nacional, formalmente criado em 1926, apesar de não se usar ainda esta expressão.

Para compreendermos melhor essa crítica, convém retomar alguns aspectos do passado. Conforme afirma Targino (2007, p. 26):

A noção de patrimônio cultural, consagrada pelo ideário e pela prática institucional, esteve ligada à salvaguarda dos vestígios do passado, desde a criação do antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, em 1937. Elevado à categoria de Diretoria, em 1946, passa a chamar-se DPHAN e, a partir de 1970, transforma-se em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Na década de 1930, especificamente em 1936, Mário de Andrade, na época diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, convidado pelo ministro da Educação Gustavo Capanema, elaborou o anteprojeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), documento que já mencionava a importância dos museus e das imagens para as ações educativas cujas funções caberiam: determinar, organizar, conservar, defender e propagar o patrimônio artístico nacional.

Rodrigo Melo Franco de Andrade, dirigente do IPHAN, desde sua criação até 1967, também apontou a importância da educação na preservação do Patrimônio Cultural através de discursos e de alguns artigos.

Portanto, em meados da década de 1970, sob a iniciativa de Aloísio Magalhães à frente do IPHAN, com a criação do Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, é que a questão foi abordada de modo mais significativo. O CNRC sucedeu de discussões semanais que envolviam um pequeno grupo de funcionários do alto escalão do Governo Federal e do Distrito Federal, e também alguns professores da UnB (Universidade de Brasília). Possuía uma proposta que se encaminhava para a atualização da discussão sobre os sentidos da preservação e confluía para a ampliação da concepção de patrimônio, visando abranger questões como a necessidade de promover modelos de desenvolvimento econômico autônomos, a valorização da diversidade regional, entre outros. O CNRC durou cinco anos e os projetos-pilotos que foram desenvolvidos foram orientados a partir de uma postura interdisciplinar.

Com o passar do tempo, em virtude de algumas exigências, entre elas a busca por um diálogo com a comunidade, houve a necessidade de reestruturação do IPHAN, resultando na criação da Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM), em 1979, e a transformação do IPHAN em Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, um órgão normativo.

O CNRC foi substituído pela Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM), que priorizou o processo de produção e a inserção social do bem cultural.

Com esse breve histórico, percebemos que algumas práticas da Educação Patrimonial já ocorriam desde o século XIX. E que quase que simultaneamente a algumas dessas ações ocorre o 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado em 1983 no Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro.

Cabe ressaltar que a publicação do “Guia Básico de Educação Patrimonial”, das autoras Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro, lançado em 1999, foi pioneiro na área, e seu conteúdo resultou em inúmeras capacitações com técnicos das superintendências do IPHAN, agentes comunitários, professores e alunos da rede formal de ensino, em diversos lugares do país. Em circunstância desse Guia, diversas práticas têm sido desenvolvidas no país, resultando em experiências exitosas.

Refletindo acerca de questões referentes ao patrimônio em nível estadual, podemos citar o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), um órgão estadual comprometido com a preservação do patrimônio, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura, fundado por meio do Decreto nº 5.255, em 31 de março de 1971. E que tem a finalidade de resgatar e preservar a memória da Paraíba, por meio do cadastramento e tombamento de seus bens móveis e imóveis que possam ser reconhecidos pelo seu valor histórico, artístico, cultural, ecológico e paisagístico.

Ao longo desses anos, diversos são os municípios que possuem centros históricos tombados, dentre eles o município de Alagoa Grande através do Decreto 23.551 de 07 de novembro de 2002³.

Observa-se que as práticas que são desenvolvidas no âmbito escolar com ênfase na Educação Patrimonial decorrem de ações tímidas, que necessitam ser mais exploradas e vivenciadas. Por isso, acreditamos na importância da Educação Patrimonial para impulsionar a valorização do patrimônio cultural local, não apenas nos dias que antecedem a Emancipação Política da cidade, mas nas diferentes épocas do ano.

Portanto, compreendemos que para que os conhecimentos relacionados ao patrimônio local se efetivem, deve-se trabalhá-los de forma significativa. Desse modo, faz-se necessário provocar reflexões sobre sua importância no espaço escolar, possibilitando o aguçamento de

³ Segundo Targino (2003), esse decreto delimita o Centro Histórico de Alagoa Grande. Vários patrimônios estão inclusos nessa delimitação, entre eles: casarões, a igreja Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, o Teatro Santa Ignez, a lagoa da cidade e a Prefeitura Municipal.

sentimentos de pertencimento e contribuição para o reconhecimento e valorização desses patrimônios pelos docentes e, conseqüentemente enquanto sujeitos disseminadores, também pelos discentes.

Nossa dissertação busca propiciar a ressignificação do olhar no tocante ao patrimônio cultural local existente no município de Alagoa Grande-PB, mais especificamente, o Museu Casa Margarida Maria Alves, um lugar cheio de histórias e memórias que remetem a um passado que pode provocar lembranças e, ao mesmo tempo, esquecimentos. Muitas vezes, lembrar o passado nos traz alegrias, mas também dores, angústias que, às vezes, optamos por esquecer.

Ao diferenciar história e memória, Nora (1993) reflete:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...] vulnerável a todos os usos e manipulações [...]. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado (NORA, 1993).

O conceito de memória permite-nos reviver nossas lembranças pessoais, nossas experiências vividas, situações que são armazenadas em nossas mentes e que somos capazes de lembrar. Para impulsionar nossas reflexões em relação à memória, recorreremos a autores como Le Goff (1900), Nora (1993) e Halbwachs (2006).

Em seu livro “História e memória”, Le Goff (1990, p. 423) define memória como sendo a “propriedade de conservar certas informações [...] pelas quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”, apontando as principais transformações sofridas pela memória, a partir do estudo das sociedades sem escrita, nas quais existiam os especialistas da memória, os homens-memória, eram eles que guardavam os códices reais, as histórias da corte (LE GOFF, 1990).

Com o aparecimento da escrita ocorreram profundas transformações com a memória coletiva. A escrita possibilitou à memória coletiva um duplo progresso: a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo, de um acontecimento memorável, assumindo a forma de inscrição e suscitando na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia; e o documento escrito, que apresentava duas funções principais: o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, como também assegurar a passagem da esfera auditiva à visual, permitindo “reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas” (GOODY *apud* LE GOFF, 2003, p. 433).

Maurice Halbwachs (2006), em seu livro “A memória coletiva”, evidencia que existem memórias individuais e coletivas. Para ele, a memória individual não está inteiramente isolada e fechada, de modo que

[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque, jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória individual sempre estará ligada à memória de um grupo (memória coletiva), sendo influenciada por diversos fatores externos. A memória é, assim, um elo entre presente e passado. Podemos indagar como esse passado foi constituído, de que forma ele fundamenta o presente, e como podemos reconhecer e valorizar a memória coletiva da localidade que estamos inseridos. Um dos caminhos que nos permite a reflexão dessas indagações é o caminho educacional.

Compreendemos que ações voltadas para a questão patrimonial contribuem para valorização das memórias locais, aproximação das pessoas com os bens públicos, cria vínculos, identificação e pertencimento com estes “lugares de memória”, expressão utilizada por Pierre Nora (1993) para se referir aos museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e associações.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui [...] (NORA, 1993, p. 13).

Promover uma ação educativa dentro do Museu Casa Margarida Maria Alves com os professores das séries iniciais (1º ao 5º ano), da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, é reconhecer sua função formadora, estreitando os laços com os docentes e a escola, ação que provoca (re)descobertas e favorece a ressignificação do olhar à medida que possibilita a rememoração do passado, por meio do diálogo, onde os sujeitos colaboradores compartilham suas experiências uns com os outros, e passam a se identificar com esse “lugar de memória”.

Acreditamos que o espaço museal a partir de um novo olhar possa indicar caminhos para inovadoras ações educativas, permitindo uma aprendizagem prazerosa e significativa no âmbito escolar. “Lugares de memória” que devem contribuir significativamente para construção da identidade cultural dos indivíduos, promover reflexão relacionando passado e presente, sendo reelaborados e ressignificados por quem o visita.

Diante disso, no capítulo seguinte, evidenciamos a Casa Margarida Maria Alves, espaço de memórias singulares, símbolo da identidade local, buscando (re)conhecer a história da líder sindical que teve sua vida ceifada por defender os direitos dos trabalhadores rurais.

CAPÍTULO II

2 MUSEU, ESPAÇO DE MEMÓRIAS SINGULARES

Este capítulo apresenta a história da líder sindical Margarida Maria Alves, símbolo de luta, coragem e resistência em defesa dos direitos dos trabalhadores rurais. Ela teve sua vida ceifada de forma trágica em sua própria residência, mas seus ideais não foram em vão, “Margarida floresceu” e todo aquele que se sentir motivado pode rememorar sua história, adentrando na casa de nº 624, na Rua Olinda em Alagoa Grande-PB, local em que a sindicalista viveu, morreu e foi transformada em Museu Casa Margarida Maria Alves no ano de 2001. É uma referência a todos aqueles que queiram conhecer mais sobre sua vida.

Ainda neste capítulo, são abordados alguns aspectos ligados ao museu, bem como as narrativas de uma funcionária do museu e do ex-prefeito, cuja gestão o museu foi inaugurado, a fim de conhecermos mais sobre essa instituição. Em nossa pesquisa, buscamos desmitificar a ideia de que museu é um simples repositório de peças antigas, local apenas de visitação e contemplação. “Os museus são lugares de memória e de esquecimento, assim como são lugares de poder, de combate, de conflito, de litígio, de silêncio e de resistência” (CHAGAS, 2005, p. 20).

Mesmo em meio a essa complexidade, também percebemos o museu como um espaço suscetível a despertar sensibilidades e lembranças, que podem ser ressignificadas na relação com o outro, mediante algumas ações vivenciadas em seu interior, tornando-o próximo de nós.

2.1 Margarida Maria Alves, “Margaridas floresceram”

*“Margarida foi forte lutadora
Enfrentou grandes latifundiários
Obrigando a pagar justos salários
Defendeu a classe trabalhadora
Da classe burguesa traidora [...]”.*
Robério Chaves

Margarida Maria Alves, como vemos na Figura 6, filha de Manuel Lourenço Alves e Alexandrina Inácia da Conceição, nasceu no sítio Jacu, município de Alagoa Grande – Paraíba, em cinco de agosto de 1933. Era a mais nova entre nove irmãos.

Figura 6 – Margarida Maria Alves



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Aos vinte e oito anos mudou-se para Rua Olinda, onde permaneceu até sua morte. E casou-se em 1971, com o agricultor Severino Cassimiro Alves, com quem teve seu único filho, José de Arimatéia Alves, em 11 de junho de 1975.

Inicialmente, Margarida foi protagonista de uma história comum a muitas mulheres agricultoras da região até o envolvimento com o sindicato, o que fez com que se tornasse um ícone reconhecido nacionalmente e internacionalmente.

Vivenciou uma atuante participação no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande-PB, fundado em “[...] 9 de julho de 1962, pelo Vigário local padre Geraldo da Silva Pinto e pelos agricultores Álvaro Diniz, Severino Cassimiro Alves [marido de Margarida Maria Alves], Antônio do Nascimento e Manoel Santino” (FREIRE, 2002a, p. 292). Nesse mesmo ano, Margarida acompanhou o sofrimento de seus pais, que foram expulsos da terra onde morava com toda família. Também foi nesse ano que João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas⁴, foi assassinado em Sapé-PB (FERREIRA, 2005).

⁴ As Ligas Camponesas foram organizações de camponeses formadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) a partir de 1945. Foi um dos movimentos mais importantes em prol da reforma agrária e da melhoria das condições de vida no campo no Brasil. Elas foram abafadas depois do fim do governo de Getúlio Vargas e só

Severino Cassimiro Alves, esposo de Margarida Maria Alves, foi o primeiro presidente do referido sindicato, o que provocou forte influência sobre sua atuação. A iniciação de Margarida Maria Alves no sindicato se deu como filiada, em seguida, como secretária, até concorrer aos pleitos de direção. Seu primeiro cargo de comando foi como tesoureira, na gestão de 20 de dezembro de 1967 a 1969. Em 1973, concorreu e foi eleita pela primeira vez presidenta, sendo reeleita, sucessivamente, para os mandatos dos anos de 1976, 1979 e 1982, permanecendo nessa função até ser assassinada.

Margarida esteve envolvida na direção do sindicato por 12 anos e tornou-se a primeira mulher a presidir um sindicato de trabalhadores na Paraíba, algo inédito até o momento para a época, assim como o fato de ter sido reeleita sucessivas vezes para esse mesmo cargo. Além de ter participado do sindicato de Alagoa Grande durante vinte e três anos, Margarida também “atuou na organização de outros Sindicatos dos Trabalhadores Rurais na região da lavoura canavieira da Paraíba, chegando a influenciar nas políticas da Confederação dos Trabalhadores da Agricultura – CONTAG” (FERREIRA, 2009).

Mas o que tornou Margarida Maria Alves, uma inicialmente filiada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande-PB, a principal líder sindical do Brejo Paraibano? Não é difícil responder essa indagação quando analisamos sua trajetória de vida política e percebemos sua indignação diante das precárias condições de vida e de trabalho dos trabalhadores rurais no campo. De acordo com Ferreira (2005, p. 104), “A consolidação como liderança não ocorreu do dia pra noite. Teve, na força dos seus discursos para o conjunto dos associados e demais trabalhadores/as, a *segurança* e o *sustentáculo* que eles necessitavam”.

Margarida era muito religiosa e professava a fé católica. Apesar disso, sempre se posiciona de forma crítica frente à atuação da igreja de Alagoa Grande na época da ditadura militar, período em que Severino Cassimiro Alves era o Presidente do Sindicato Rural de Alagoa Grande, com quem Margarida se casaria em 1971 (FERREIRA, 2009). Vejamos o depoimento de Margarida Maria Alves, citado por Rocha (1996, p. 37):

Eu me lembro que, em 1962, quando o sindicato foi fundado, se falava muito nas ligas Camponesa, em jornada de trabalho, que o trabalhador trabalhava dez, onze, doze horas. As Ligas estavam falando a verdade. Mas o padre não dava apoio às Ligas. E como eu era muito religiosa, aí não fiquei com as Ligas. Mas sempre achando que as Ligas tinham razão. Então a Igreja ajudou a fundar os sindicatos dizendo que os sindicatos eram desejo do Papa João XXIII. Veio a Revolução de 64. Foi um pega fogo, foi nego preso, morto e perseguido. Cassimiro foi perseguido, mesmo sendo do sindicato do padre. Cassimiro ficou doente dos nervos, pois ele ficou sozinho. A Igreja tirou o pezinho de banda, como se diz. ‘Fica aí, agora,

Cassimiro, que não tem mais problema'. A Igreja ficou do lado latifundiário, entendeu?

A partir desse discurso de Margarida, é possível perceber que, apesar de sua crença religiosa, ela reconhece que no momento em que muito se precisou a igreja se omitiu, deixando de ser o amparo que o sindicato representado por Cassimiro tanto precisava.

Nesse cenário, Margarida Maria Alves se engaja em outros movimentos sociais, a exemplo da Comissão Pastoral da Terra – CPT, ligando-se à Teologia da Libertação, movimento interno da igreja que contava com alguns religiosos preocupados com a defesa dos oprimidos e que se comprometia com uma práxis cristã que privilegiava a organização dos trabalhadores. Alguns adeptos dessa Teologia participaram de vários movimentos de luta por Direitos Humanos e se destacaram na luta pela Reforma Agrária. Por meio dessa ligação, Margarida enfrentou grandes batalhas com o Grupo da Várzea, formado por usineiros da zona canavieira paraibana, com abrangência política e econômica nas cidades de Santa Rita, Tibiri, Pilar, Mogeiro, Ingá, Sapé e Alagoa Grande, e tinha como maiores expressões duas famílias: os Veloso Borges e os Ribeiro Coutinho (FERREIRA, 2009).

Durante o seu percurso como sindicalista, esteve engajada na luta em defesa da conquista dos direitos por carteiras assinadas, férias, 13º salário e jornada de trabalho de oito horas. Esforçava-se para que fossem respeitados direitos básicos, já garantidos por Lei⁵ desde 1963. Assim, diversas ações foram movidas na Justiça Trabalhista contra usineiros da região e latifundiários, todas elas com resultados satisfatórios, tornando Margarida uma grande liderança política. Na concepção de França (2014, p. 110):

Embora pareçam reivindicações simples, a luta pelos direitos trabalhistas representou o ponto chave para o desmantelamento do latifúndio canavieiro em Alagoa Grande, sobretudo pelo enfrentamento à Usina Tanques. De acordo com o agente pastoral Giuseppe Tosi, as ações na justiça [...] representaram a gota d'água para a derrocada da atividade agroindustrial da usina que já estava à beira da falência, sobretudo devido à crise do Proálcool⁶ e à consequente redução de incentivos fiscais destinados ao setor sucroalcooleiro.

É pertinente destacar que, em 1982, o Sindicato entrou com uma ação judicial para obter a concessão de dois hectares de terra ao redor das residências localizadas nos sítios, para que os agricultores tivessem suas próprias plantações. Essa ação vitoriosa ficou conhecida

⁵ João Goulart, o presidente da República, lança a Lei nº 4.214 em 2 de março de 1963, conhecida como o Estatuto do Trabalhador Rural.

⁶ O *PROÁLCOOL* (Programa Nacional do Alcool) foi criado em 14 de novembro de 1975 pelo decreto nº 76.593, com o objetivo de estimular a produção do álcool, visando o atendimento das necessidades do mercado interno e externo e da política de combustíveis automotivos. De acordo com o decreto, a produção do álcool oriundo da cana-de-açúcar, da mandioca ou de qualquer outro insumo deveria ser incentivada por meio da expansão da oferta de matérias-primas, com especial ênfase no aumento da produção agrícola, da modernização e ampliação das destilarias existentes e da instalação de novas unidades produtoras, anexas a usinas ou autônomas, e de unidades armazenadoras.

como direito ao Sítio (FERREIRA, 2009) e causou total desagrado aos usineiros que costumavam plantar suas canas bem próximas às casas dos trabalhadores.

Em meados desse mesmo ano, Margarida, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande-PB, enviou uma carta ao Palácio do Planalto para o presidente Figueiredo, denunciando o desrespeito à legislação trabalhista no Estado da Paraíba, e cobrando medidas urgentes contra esse fato (ROCHA, 1996). Essa ação ressalta ainda mais sua coragem e determinação na luta por condições de trabalhos mais dignas.

Margarida era uma líder sindical que também estava ligada às questões sociais. Preocupada com o índice de analfabetismo ajudou a fundar o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural – CENTRU, do qual foi diretora de 1981 a 1983, considerado por ela como sendo um dos principais instrumentos de educação e de política. O CENTRU foi fundado no dia 9 de novembro de 1980 em um congresso ocorrido em Olinda-PE, constituindo sua sede nacional em Recife-PE e suas subsedes na Paraíba e no Rio Grande do Norte. O objetivo do CENTRU era desenvolver um projeto educativo e de conscientização libertadora nos termos do método de Paulo Freire, através de um programa que alfabetizava em quarenta horas os excluídos do ler e escrever em nosso país.

Margarida acreditava na educação como uma forma de transformação social. Para Woortmann, Menache e Heredia (2006, p. 16), a sindicalista ter sido uma das fundadoras do CENTRU foi um ato de inovação:

Num contexto marcado pelo analfabetismo e pela subordinação dos camponeses aos grandes proprietários. Essa iniciativa marca seu esforço em promover a consciência cidadã, o acesso a conhecimentos e direitos e o fortalecimento da agricultura familiar, além da contribuição para o empoderamento feminino na luta por melhores condições de vida no campo.

Cada vez mais inserida na política e sempre preocupada em defender os direitos dos trabalhadores rurais, Margarida passou a ser amada e respeitada por uns, sendo motivo de insatisfação para outros, pois se tornou uma ameaça aos interesses patronais da região canavieira e em consequência dessa postura, passou a receber diversas ameaças recomendando que ela parasse de “criar caso” e deixasse de atuar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Em um de seus discursos, no dia 1º de maio de 1983, três meses antes de morrer, em comemoração ao Dia do Trabalhador, na cidade de Sapé-PB, Margarida Maria Alves expôs que vinha recebendo ameaças de morte, conforme citado por Rocha (1996, p. 37):

[...] companheiros, a prepotência dos proprietários rurais de Alagoa Grande está oprimindo a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e ainda na última sexta-feira recebemos uma agressão [...] mas quero dizer a vocês que não tememos qualquer ameaça, e vamos à luta até o fim por melhores condições de vida dos trabalhadores rurais da Paraíba, doa isto a quem doer, goste quem gostar, porque entendo que é melhor morrer na luta do que morrer de fome.

As frases utilizadas por Margarida em seus discursos, como “É melhor morrer na luta do que morrer de fome” e “Da luta eu não fujo”, marcariam sua vida e se propagariam após sua morte. Até os dias atuais, elas ecoam entre as mulheres trabalhadoras rurais, as quais evidenciam sua determinação e coragem em defesa dos mais necessitados.

Um discurso corajoso e determinado de uma mulher presidente do sindicato era algo que inquietava. Com relação às ameaças que Margarida sofria, Ferreira (2005, p.105) esclarece:

Entre as ameaças de morte que Margarida chegou a receber, constava a imposição de abandonar o discurso que assumia frente à luta dos/das trabalhadores/as rurais. Ou seja, não se tratava apenas do afastamento do sindicato, isso, também fazia parte das ameaças, mas o significado da opressão do discurso, mediado tanto pelo conteúdo das falas, que em sua maior parte, se tratava da luta por um conjunto de direitos trabalhistas, quanto pelo fato de ser mulher, posto que contrariava a cultura arraigada do patriarcalismo.

Isso evidencia as consequências de uma cultura centrada na submissão feminina. Sua presença na direção sindical fez romper com as lideranças masculinas que a antecederam. Eis que as ameaças se concretizaram e ela foi brutalmente assassinada⁷ em 12 de agosto de 1983. O sobrinho do marido da líder sindical Sebastião Barbosa, em seu livro intitulado “A Mão Armada do Latifúndio”, de 1984, descreve detalhadamente todo o dia da líder sindical, inclusive esse desfecho que culminou com sua morte. Esse livro encontra-se entre os periódicos do Museu Casa Margarida Maria Alves e tivemos acesso a uma cópia desse exemplar. Atentemo-nos para a descrição de Barbosa (1984, p. 77-80):

[...] ela acordou cedo, na sexta-feira, 12 de agosto, e foi até Guarabira participar da Assembléia Geral do CENTRU (Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural) do qual ela fora da diretoria até o dia anterior. Ao meio dia, estava novamente

⁷ Até os dias atuais esse tipo de assassinato continua ocorrendo em nosso país.

A cada seis dias, um ativista que lutava por terra ou defesa do meio ambiente foi assassinado, em média, no Brasil, em 2017. No total, foram 57 vítimas, segundo dados divulgados nesta terça-feira pela organização internacional Global Witness. É o maior número já registrado pela organização, que anualmente pesquisa mais de 20 países. Em todo o mundo, foram 207 vítimas em 2017. Em anos anteriores, os números brasileiros foram menores: 29 vítimas em 2014, 50 em 2015 e 49 em 2016. São, sobretudo, mortes em locais onde há conflitos pela posse da terra. A maior parte dos casos continua em investigação e ainda não foi esclarecida, segundo levantamento da BBC News Brasil junto a Tribunais de Justiça, Ministérios Públicos e Polícias Civil e Federal. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44933382>. Acesso em: ago. de 2019.

em casa, conversando com o marido, Severino Cassimiro e com o seu filho menor, José de Arimatéia. Todos almoçaram e só aí ela parou para um repouso de duas horas. Na rua Olinda, em Alagoa Grande onde morava, nenhum sinal de anormalidade. A tarde começava como começam todas as tardes numa cidade pequena do interior: sem muito movimento. Algumas pessoas sentadas à sombra de suas calçadas assistiam a lentidão com que as horas avançavam. O pouco barulho ficava por conta dos meninos que se divertiam com suas brincadeiras. A cidade vivia, portanto, um dia de intensa normalidade. Às 14 horas, Margarida, recuperada do cansaço, saiu de casa e foi direto à sede do Sindicato. Lá, reuniu-se com o tesoureiro da entidade, Antonio Ramos, não sem antes cumprimentar outros associados que passavam pelo local. Havia em todos um certo clima de expectativa. Afinal, dentro de poucos dias, o Sindicato daria início a uma campanha salarial que envolveria milhares de trabalhadores rurais. Explorados em sua força de trabalho, eles confiavam na ação do Sindicato e, principalmente, no trabalho de Margarida. Ela já dera inúmeras provas de sua disposição para defender os interesses da classe. Disposição e coragem. Coragem para enfrentar as inúmeras ameaças que vinha recebendo, junto com toda a diretoria do Sindicato [...]. Depois da reunião, com o tesoureiro da entidade que começou às 14 horas e só terminou às 16:30, Margarida fechou a sede do Sindicato e dirigiu-se para casa. Conversou alguns minutos com o marido, Cassimiro, dando-lhe conta das providências tomadas e das decisões da reunião de Guarabira sobre a Campanha Trabalhista.

Até esse exato momento tudo transcorria como de costume. Margarida iniciou o dia cumprindo suas obrigações, entre elas com o CENTRU e com o sindicato, e seguiu vivenciando o ser mãe e esposa, conforme descreve Barbosa (1984, p. 80):

Por volta das 17 horas, Margarida ainda conversava com o esposo, quando foi surpreendida por sua irmã, Joaquina Maria Marinho, que viera trazer-lhe uma espiga de milho assada. Minutos, a irmã já havia ido embora, ela dividiu a espiga em dois pedaços, guardou um para o seu filho Arimatéia, que brincava na rua com outros garotos e, calmamente pôs-se a debulhar os grãos, escorada ao umbral da porta de sua casa.

A partir dessa citação, percebemos a maternidade aflorada em Margarida, a mãe que doa, que compartilha, que até mesmo uma espiga de milho não consegue comer sozinha e divide com seu filho que brincava na rua, aproveitando sua infância com os amigos. A mãe e esposa que não imaginava que aquela seria a última espiga de milho partilhada com seu filho e que teria tido a última conversa com seu esposo, que já estava sentado em frente ao aparelho de televisão, de costas para a porta. E o que ocorreu a partir daí, seu Severino mesmo conta, em relato apresentado por Barbosa (1984, p. 80):

‘Em dado momento, ouvi uma grande explosão, deixando-me totalmente mouco. Recuperado do susto, olhei para a porta onde se encontrava Margarida e deparei-me com o seu corpo, banhado em sangue. Apavorado, corri para cima dela e fiquei totalmente chocado ao ver o seu rosto completamente deformado e ela já sem vida’. Gritando, Severino Cassimiro pediu socorro, anunciando que Margarida estava morta. Sua sogra e vários vizinhos foram os primeiros a chegar. A cena chocava a todos. Ninguém conseguia entender corretamente o que acontecera. Fora tudo muito rápido. Até mesmo Natanael Marinho, vizinho de Margarida e que assistira, de sua casa, toda a cena do crime, não sabia falar direito. Horas depois, passado o choque, é que ele pôde contar aos familiares tudo o que vira. Na polícia, dias depois, ele

confirmava o seu depoimento, ao ser ouvido pelo delegado Nazareno Wheimar Thé, de Campina Grande. Contou que, de sua casa, pôde ver quando três homens, ocupando um Opala vermelho, deram várias voltas na rua Olinda, até que um deles, carregando um saco grande nas mãos, desceu do veículo e caminhou a passos largos até a casa de Margarida. Lá, perguntou-lhe o nome e desferiu-lhe o tiro à queima roupa.

Depois do crime, os criminosos desceram rapidamente a calçada, entraram no Opala e fugiram em direção desconhecida. A polícia foi imediatamente acionada, entretanto, só chegou ao local por volta das 18 horas, quando, coincidentemente, toda iluminação pública entrou em pane e só voltou à normalidade algum tempo depois. Esse fato contribuiu para que o medo tomasse conta das pessoas da cidade que, além de ouvir os relatos do assassinato bárbaro, ainda ficaram às escuras, sem saber exatamente o que poderia acontecer.

A notícia da morte de Margarida teve uma grande repercussão e foi destaque nos principais jornais, rádios, TVs do Brasil e do Mundo. Para França (2014, p. 107), sua morte

[...] permite entender uma série de conflitos que estavam acontecendo na região do Brejo paraibano e em quase todo o Estado da Paraíba, sobretudo nos lugares por onde a atividade canavieira se expandiu. Esse fato representou, antes de tudo, uma reação da classe patronal canavieira contra um sindicalismo renovado, que surgira no início dos anos 1980, e que tinha como bandeira de luta prioritária a cobrança dos direitos trabalhistas. Esse movimento ficou conhecido como ‘novo sindicalismo rural’ e se caracterizou pela conversão dos antigos sindicatos ‘pelegos’ ou ‘sindicatos dos padres’ em entidades altamente combativas, cobrando os direitos dos trabalhadores rurais.

O medo que aterrorizou as pessoas no dia de seu assassinato não foi capaz de impedi-las de se despedirem da líder sindical. Acerca de seu velório, Rocha (1996, p. 22) afirma:

Margarida foi velada na sede do sindicato, à Rua Doutor Francisco Montenegro, e seguiu o enterro para o Cemitério de São Sebastião. Seu corpo foi encomendado pelos bispos Dom Marcelo Carvalheira, de Guarabira, e Dom Francisco Austregésilo Ingazeira/PE. Compareceram ao enterro duas mil pessoas, vinda de todas as regiões da Paraíba.

De acordo com Ferreira (2005, p. 72), a barbárie de seu assassinato

[...] foi vista pelo conjunto dos agentes pastorais como um forte atentado ao movimento, mas, sobretudo, à vida humana. Tal defesa está intrinsecamente ligada aos direitos humanos mais elementares da filosofia cristã, que é o direito à vida e o repúdio aos atos de violência e assassinato.

Mesmo diante de um assassinato tão brutal, o silêncio e intimidação não podiam reinar, a luta teria que continuar. No dia seguinte à morte de Margarida, conforme relata Rocha (1996, p. 16-17):

[...] a Igreja e diversos sindicatos denunciavam os motivos que teriam levado os fazendeiros a se unirem contra sua vida: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande havia encaminhado diversas ações trabalhistas à Justiça. Até aquela data o Sindicato já entrara com 72 ações na Junta de Conciliação e Julgamento de Campina Grande.

Rocha (1996) destaca ainda que estava marcado para o dia 27 de agosto o lançamento da Campanha Trabalhista dos canavieiros da Paraíba, para reivindicar assinatura da Carteira de Trabalho, pagamento do 13º salário, férias anuais, destinação de duas horas para a produção de alimentos, jornada de trabalho de oito horas.

A partir de então, vários Atos Públicos ocorreram, clamando para que sua morte não ficasse impune. O primeiro foi realizado em Alagoa Grande, na Praça Dom Adauto, em 12 de agosto de 1984, com a presença de mais de cinco mil pessoas, entre habitantes da própria cidade, de vários estados nordestinos e representações sindicais e políticas do Estado, do Nordeste e do País, como Luís Inácio Lula da Silva, Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores; José Francisco da Silva, Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura; Álvaro Diniz, Presidente da Federação Nacional na Agricultura da Paraíba; entre outros. As atividades tiveram início com uma missa celebrada por Dom Marcelo Pinto Carvalheira, na época, Bispo da Diocese de Guarabira (FREIRE, 2002a).

Uma programação especial em memória aos 30 anos de morte e impunidade da líder sindical ocorreu no município de Alagoa Grande na Paraíba, durante os dias 05 a 12 de agosto de 2013. Representantes das entidades de trabalhadores rurais, autoridades políticas e personalidades históricas como Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas, assassinado em 2 de abril de 1962, estiveram presentes.

Passados 36 anos de seu assassinato, o caso continua impune, nenhum dos acusados foi condenado. De acordo com Freire (2002a), por solicitação da acusação, o júri contra o principal acusado como mandante do crime, José Buarque Gusmão (Zito), médico e pecuarista de Campina Grande, genro do usineiro Aguinaldo Velloso Borges (falecido em 1990), por quatro vezes, esteve para realizar-se entre 1999 e 2000. Finalmente, em 18 de junho de 2001, o júri ocorreu, mas o réu Zito Buarque foi absolvido por 5 votos a favor e 2 contrários. E o assassinato de Margarida Maria Alves permanece entre os grandes crimes de repercussão nacional e internacional impunes no país.

O que os assassinos não sabiam é que, apesar de terem calado a voz de Margarida, a sua luta não foi em vão, outras “Margaridas floresceram”, de modo que sua história de vida e suas causas continuam sendo referencial para mulheres de todo o Brasil, sendo reconhecida e

lembrada através de homenagens que fazem disseminar seus ideais caminhos a fora. Em nosso trabalho, buscamos evidenciar algumas dessas homenagens.

O dia de seu assassinato, por exemplo, ocorrido no dia 12 de agosto, é conhecido como o Dia Nacional de Luta contra a Violência no Campo e pela Reforma Agrária, enfatizando que sua luta continua sendo referência. Em 1984, foi lançado o filme “Margarida Sempre viva” pelo CENTRU e PL Produções Visuais Ltda, de Recife. Recebeu postumamente, em 1988, o prêmio “Pax Christi Internacional” (Paz de Deus, em latim), movimento católico de respeito aos direitos humanos, justiça e reconciliação em regiões devastadas por conflitos. Em 1994, a Arquidiocese da Paraíba criou a “Fundação de Defesa dos Direitos Humanos Margarida Maria Alves”. Em 2000, deu-se início à “Marcha das Margaridas”, mobilização que acontece em Brasília, sempre no mês de agosto, a qual nos deteremos nas linhas a seguir. E, em 2002, recebeu a “Medalha Chico Mendes de Resistência”, oferecida pelo GTNM/RJ.

As quatro primeiras edições da Marcha foram registradas por Ferreira (2014), que presenciou o início dessa manifestação que anos depois pôde ser compartilhada através de um livro intitulado “Marcha das Margaridas”. Nele, constam imagens, relatos e muitos detalhes de uma Marcha que segue florescendo a cada ano.

A Marcha surge como uma ação em adesão à Marcha Mundial das Mulheres, coordenada pela Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (CNMTR). Apresenta uma organização própria, um vocabulário específico e fortes simbologias, como lenços, chapéus, bandeiras, e cantos que se configuram como uma forma diferenciada de reivindicar. As margaridas, como são chamadas, homenageiam a líder sindical Margarida Maria Alves, sempre evocada como um símbolo de força, coragem, resistência e luta, que lhes serve de inspiração e estímulo.

No dia 10 de agosto de 2000, 20 mil mulheres, movidas pelo sonho de uma vida melhor, realizaram em Brasília a maior manifestação pública de trabalhadoras rurais de todos os tempos, a primeira Marcha das Margaridas. Tinha como lema “Razões para marchar contra a fome, a pobreza e a violência sexista”, adotado nas três primeiras edições da Marcha. Milhares de mulheres vindas de várias partes do Brasil, de diferentes idades, origens e etnias, carregadas com bandeiras e faixas, apresentaram suas reivindicações ao governo. Reivindicavam por melhores condições de vida, expressando os problemas que as atingiam: a fome, a pobreza e a violência. As negociações com o governo já demonstravam a necessidade de prosseguir em marcha.

A segunda Marcha aconteceu em 26 de agosto de 2003, em Brasília, com a participação de cinquenta mil mulheres, entre elas: quilombolas, sem-terra, acampadas, assalariadas, artesãs, extrativistas, assentadas, indígenas, pescadoras e agricultoras. Estavam presentes na pauta as seguintes reivindicações: a defesa da democratização do acesso à terra e à água, a defesa da biodiversidade e da agroecologia, melhores salários e condições de trabalho. Por ser o início do governo Lula, essa Marcha mostrou-se fortalecida em seu aspecto de negociação, uma vez que, em 27 de novembro, o presidente Lula recebeu a Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais com o propósito de responder à pauta de reivindicações.

A cada evento, as margaridas se multiplicam. Em 2007, a Marcha reuniu setenta mil mulheres (agricultoras, assentadas, pescadoras, ribeirinhas, quilombolas, indígenas, entre outros) e foi marcada pela ampliação de sua programação para dois dias: 21 e 22 de agosto. Nesse ano, a pauta de reivindicação foi entregue ao governo antecipadamente, facilitando o diálogo e negociações, possibilitando, ao final da Marcha, o anúncio dos resultados das negociações. A cor lilás predominou nas bandeiras, faixas, chapéus e camisetas, ganhando espaço nas cores verde e vermelho do sindicalismo rural, ressaltando a forte simbologia da luta feminista.

Em 2011, cem mil mulheres se reuniram em Brasília, nos dias 16 e 17 de agosto. Somaram-se às mulheres do campo e da floresta, domésticas, estudantes, professoras, operárias, funcionárias públicas de diversas áreas, militantes sindicais, feministas, engajadas em vários movimentos e organizações sociais. Mulheres e homens de várias gerações e de diferentes etnias e realidades lutavam por justiça, autonomia, igualdade e liberdade para as mulheres. Sob o lema “Desenvolvimento sustentável com justiça, autonomia, igualdade e liberdade”, a Marcha foi noticiada nos jornais e na TV. Em seu encerramento, estiveram presentes diversas autoridades, dentre elas a presidenta Dilma, que concluiu o ato com seu discurso em resposta à pauta de reivindicação que também foi entregue com antecedência.

Em 2015, com o lema “Margaridas seguem em Marcha por Desenvolvimento Sustentável com Democracia, Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade”, a Marcha teve sua quinta edição nos dias 11 e 12 de agosto, reunindo cerca de 70 mil manifestantes. Ainda nesse ano, entre os dias 13 e 14 de agosto, aconteceu a sexta edição da Marcha, com o lema “Margaridas na Luta por um Brasil com Soberania Popular, Democracia, Justiça, Igualdade e Livre de Violência”. Reuniu caravanas de todas as regiões do país e representantes de cerca de 25 países de diferentes continentes, num verdadeiro mosaico de forças populares.

Muitas conquistas já puderam ser contabilizadas, mas ainda há muito para se conquistar. Propondo suas reivindicações de melhorias de vida no campo e na floresta em todo o país, as margaridas marcham cada vez mais fortalecidas.

Margarida tornou-se, assim, um símbolo político e representativo das mulheres trabalhadoras rurais e seu legado tem repercussão até os dias atuais. Em 2001, a casa onde morou e morreu Margarida Maria Alves, localizada na rua Olinda, nº 624, tornou-se um museu. Um espaço que nos oportuniza (re)viver sua história, (re)conhecer sua trajetória política, bem como fazer lembranças por meio de cada objeto, documentos, fotografias, cartas, reportagens que lá se encontram. Esse espaço será mais detalhado nas páginas a seguir.

2.2 Museu Casa Margarida Maria Alves

*“Não faz muito tempo, seu moço
Nas terras da Paraíba
Viveu uma mulher de fibra
Margarida se chamou
E um patrão com uma bala
Tentou calar sua fala
E o sonho dela se espalhou [...]”
Zé Vicente*

A Casa Margarida Maria Alves como foco nessa pesquisa decorre de sua transformação em museu, símbolo da identidade local e, portanto, representação de um tempo vivido em detrimento de uma história de uma mulher que teve sua vida ceifada de forma trágica, provocando em seus familiares e admiradores tristeza, indignação, comoção, mas também dando voz e vez a importantes reivindicações por melhores condições de trabalho no campo, a exemplo da “Marcha das Margaridas”, citada anteriormente.

Adentrar nesse espaço, símbolo de história, é um convite a novos olhares, a uma reflexão sobre o passado, a conhecer um pouco da história de vida de uma mulher que se tornou um ícone e que elucida aspectos relevantes para a história local. Do mesmo modo que nos incita a olhar para nós mesmos, para nossa história, fazendo-nos reconhecer e relacionar aspectos importantes de nossa vida que se cruzam e se complementam com a história de vida de uma mulher corajosa, determinada e justa.

A transformação da casa em museu permite-nos compreender o patrimônio cultural como espaço de expressão das relações dos sujeitos com a sua história, suscitando-nos questionamentos fundamentais acerca da transformação de um bem em patrimônio.

Na perspectiva de Ferreira (2015, p. 34), seu processo de patrimonialização busca:

[...] romper com concepções tradicionais que relacionam os bens patrimoniais a um passado idealizado e nostálgico. Considerados intocáveis e distantes da experiência dos sujeitos do tempo presente, esses bens seriam destinados à contemplação. Em contraposição a essa concepção, o trabalho investigativo sobre a questão patrimonial deve ressaltar as experiências vividas pelos sujeitos e grupos sociais, as diferentes visões de mundo e sensibilidades e o entrecruzamento do presente e passado.

Portanto, entretecendo os fios que ligam o passado e o presente, podemos refletir como uma líder sindical do estado da Paraíba passou a ser conhecida nacionalmente e internacionalmente após sua morte ser noticiada nos principais jornais da época, a exemplo do Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, Le Monde de Paris, entre outros. Podemos visualizá-los em sua própria casa num espaço destinado à exposição dessas coberturas jornalísticas. Entretanto, sua trágica morte teve uma dimensão não prevista, no sentido de que seu nome e sua causa foram amplamente disseminados.

Esse triste fim silenciou Margarida Maria Alves, mas outras vozes ecoaram e ecoam em defesa dos menos favorecidos, outras “margaridas” surgiram. Em algumas pessoas, despertou querer conhecer a história de vida de Margarida, sobretudo pessoas ligadas a movimentos sociais, e, em outras, o desejo de fazer na cidade um espaço de referência para essa líder sindical. Dessa forma, faz-se necessário contextualizar a história desse patrimônio local, destacar aspectos que circunstanciaram a transformação da casa que se tornou símbolo da história e memória de Margarida Maria Alves em museu. A narrativa a seguir explica como esse desejo suscitou:

Eu lembro muito bem, na época jovem, do dia doze de agosto de mil, novecentos e oitenta e três, no começo da noite todos nós fomos surpreendidos aqui com o assassinato de Margarida... Vi o tamanho da repercussão que foi esse assassinato aqui em Alagoa Grande, repercutiu o Brasil todo e em vários países também por ser ela uma lutadora, batalhadora do direito do trabalhador, vivenciei isso tudo, eu era estudante na época... e anos depois... prefeito da cidade, comecei a ter essa ideia de construir aqui em Alagoa Grande algo, já que a luta dela foi um marco importante, destruída de forma hedionda, de uma forma brutal e covarde. Então, como é que Alagoa Grande tem um ícone na história do direito do trabalhador rural e não tem nada aqui pra... homenagear, pra ter uma referência? Tive essa ideia... Junto com nossa equipe.... Procurei saber de quem era a responsabilidade pela casa dela, nada melhor do que fazer... na casa dela [...] ⁸.

A casa que Margarida morreu estava à venda por seu filho Arimatéia e já tinha até sofrido umas modificações. Algumas iniciativas precisavam ser tomadas para que o desejo

⁸ Entrevista concedida pelo ex-prefeito Hildon Régis Navarro Filho (na época do PDT – Partido Democrático Trabalhista) à pesquisadora em agosto de 2019.

suscitado fosse realizado pelo ex-prefeito e por todas as pessoas ligadas à Secretaria de Educação e Cultura da época:

O primeiro passo foi procurar Arimatéia... levantamos um recurso e... a casa passou a pertencer ao município. Uma vez que a casa foi adquirida, o segundo passo foi recuperar a casa. Colocamos o que tinha sido modificado do original da casa, foi reformado, recuperado e a casa voltou ao seu original. Foi modificado porta e janela. Tinha sido colocado um janelão moderno, que não tinha nada a ver com o atual... No dia que ela foi assassinada ela tava debruçada naquela... porta dividida em duas, tava uma porta só, então foi colocado como era originalmente. O segundo passo foi recuperar o imóvel. O terceiro passo foi... fazer um trabalho de busca nos objetos ... de Margarida. Começamos a pesquisar recorte de jornais da época, fui no hospital... peguei o prontuário no dia que ela deu entrada, houve uma doação... de utensílios relacionados a plantador de cana, aqui, acolá, alguém chegou e doou um livro... Além disso apareceu uma cadeira que Margarida ficava sentada... nós tivemos uma certa dificuldade na época por questões político partidário, hoje não existe mais... e determinado partido político não quis ajudar em nada no sentido de disponibilizar os utensílios da época, qualquer que fosse móvel, objetos dela... por outro lado a irmã dela D. Quinha e familiares deram todo apoio... fizeram de tudo pra disponibilizar. Depois de muita luta, de muito tempo, devagarinho, foi recuperado as coisas dela⁹.

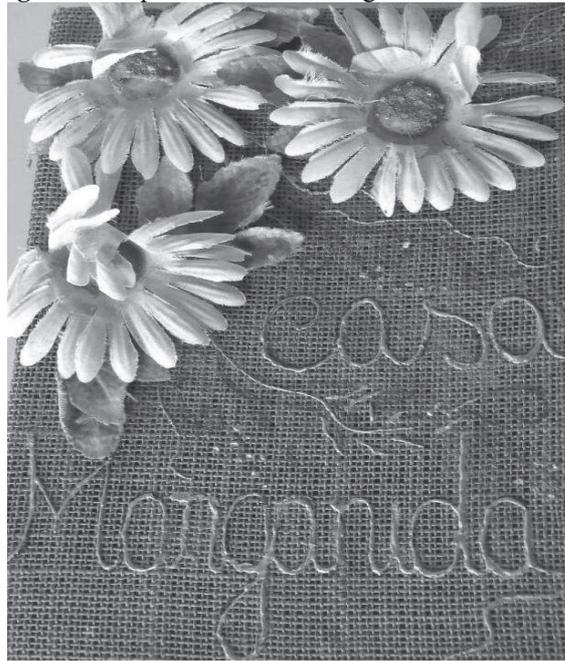
É pertinente destacar essa ajuda de seus familiares, pois muitos anos já haviam se passado desde a morte da líder sindical em 1983, sem dúvida, a busca para que o acervo do museu fosse adquirido seria uma das dificuldades a ser sanada. E mesmo que muitas coisas não tenham sido recuperadas, a casa de Margarida, em si, já é marcante e significativa.

Portanto, a casa de Margarida Maria Alves, que estava fechada há alguns anos, foi comprada pela prefeitura local e transformou-se num espaço aberto a todos aqueles que buscam (re)conhecer a história dessa líder sindical, tanto de Alagoa Grande como de outros lugares. O que outrora era apenas um lar, em agosto de 2001 tornou-se patrimônio da cidade, um espaço capaz de despertar nossas memórias, sonhos e reflexões. Como evidencia Chagas (2010, p. 4-5), “A noção mais singela de casa nos remete à idéia de abrigo [...] mas uma casa também abriga e propicia sonhos, imaginações, lembranças. Cada um desses espaços arquiva e aciona sonhos e memórias, preserva e acende imaginações e reflexões”.

O Museu Casa Margarida Maria Alves, uma casa arquitetonicamente comum, que lembra tantas outras da região, localizada no município de Alagoa Grande, na Rua Olinda, de número 624, é também um lugar rico de significados que retrata visões da vida de uma mulher que teve sua vida transformada pela luta em defesa dos menos favorecidos em busca de um mundo mais justo. Sua inauguração aconteceu dezoito anos após a sua morte, em um dia de domingo, em 26 de agosto de 2001, e contou com a presença de 211 visitantes, que tiveram seus nomes registrados no primeiro Livro de Registro de Assinaturas (Ver Figura 7) do museu.

⁹ Entrevista concedida pelo ex-prefeito Hildon Régis Navarro Filho à pesquisadora em agosto de 2019.

Figura 7– Capa do 1º Livro de Registro de Assinaturas



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Tomando posse desse primeiro livro, foi possível encontrarmos a assinatura da pesquisadora entre os visitantes, mais precisamente, a visitante de número 191, como se percebe na Figura 8. Olha o que o futuro a reservou?! Aquela visita anos mais tarde seria lembrada, servindo como fonte na coleta de dados para sua pesquisa de dissertação!

Figura 8 – Registro da assinatura da pesquisadora no 1º Livro de Assinaturas do museu

Nº. ordem	NOME	PROVENIÊNCIA	DATA
0172	Renata de Jesus dos Santos	Alagoas Grande	26/08/00
0173	Renata de Jesus dos Santos	Alagoas Grande	26/08/00
0174	Mafalda da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0175	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0176	Maria da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0177	Adriana da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0178	Adriana da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0179	Adriana da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0180	Dos Santos da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0181	Lucy da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0182	Silvana da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0183	Jane da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0184	Maria da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0185	Maria da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0186	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0187	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0188	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0189	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0190	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0191	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0192	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0193	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0194	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0195	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0196	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0197	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0198	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0199	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0200	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0201	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0202	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0203	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0204	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00
0205	Angela da Silva	Alagoas Grande	26/08/00

Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Do lado de fora do museu, toma a visão a sua fachada, pintada em azul e amarelo, uma porta e duas janelas pintadas de cor marrom. Observa-se o nome “Casa Margarida Maria Alves” acompanhado da frase “É melhor morrer na luta do que morrer de fome”, uma das mais propagadas pela líder sindical em seus discursos. Vê-se, ainda, abaixo de uma das janelas, uma placa evidenciando que ali fora assassinada a líder sindical, conforme se verifica na Figura 9:

Figura 9 – Fachada do Museu Casa Margarida Maria Alves



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Ao entrarmos no interior do museu, podemos perceber que poucas alterações ocorreram no lugar. A intenção era manter a casa o mais aproximado possível ao dia da morte de Margarida Maria Alves. A narrativa abaixo reforça o que havia modificado na parte externa da casa e evidencia o que necessitou ser modificado em seu interior em razão da deterioração que o próprio tempo possibilitou acontecer:

Mudou o telhado que antes era madeira roliças, tem até a foto ali no quarto. A porta, fizeram uma também do mesmo modelo, também tem ali a foto no jornal, e as janelas, mas o piso é o mesmo, a estrutura da casa é a mesma, só o telhado, janela e a porta mesmo, até a cor permanece, sempre foi cremezinha, sempre pintou dessa cor nunca muda por dentro. A madeira estava estragada e era daquelas roliças [...]¹⁰.

Ou seja, o chão que percorremos ao entrarmos no museu é o mesmo que Margarida

¹⁰Entrevista concedida pela funcionária do museu à pesquisadora em outubro de 2018.

Maria Alves pisou, o que demonstra a preocupação em manter preservada a originalidade da casa. Ao percorrermos os cômodos, percebemos que a história da líder sindical se faz presente de forma singular, através de cada um de seus objetos, incluindo alguns que a ela pertenceu, utensílios utilizados no corte e transporte da cana-de-açúcar, fotografias, documentos como Registro Civil de Casamento e Certidão de Óbito de Margarida, quadros de homenagens incluindo folhetos, panfleto, monografia, recortes de jornais da imprensa nacional e internacional, entre outros. O museu foi catalogado em 2012, consta em anexo a lista dessa catalogação. A própria estrutura física do local permite manter vivos os seus ideais. Pelas paredes e cantos do museu, a história dessa líder sindical permite ser vivenciada.

Apresentaremos algumas imagens internas do Museu Casa Margarida Maria Alves, a fim de mostrar como seu acervo está organizado. Concordamos com Pacheco (2010, p. 145), quando afirmar: “Ao escolhermos um objeto para o acervo... estamos retirando-o de seu contexto original para lhe atribuir outra funcionalidade [...]”. É notável que essa retirada do objeto de lugar o faça perder sua função original, mas é pertinente destacar a importância de sua exposição como acervo museal, de sua nova funcionalidade. O intuito é favorecer aos visitantes, por meio de sua observação e contato, reflexões acerca de sua importância naquele novo espaço, com vistas à rememoração do passado e fortalecimento das experiências vividas.

Na primeira sala, deparamo-nos com a escrita de mais uma de suas célebres frases na parede, “Da luta não fujo”, e abaixo, bem ao meio, um quadro com a fotografia da líder (já em evidência no início deste capítulo), um expositor com moldura em madeira, disposto na Figura 10, contendo o nome do museu, a data de sua inauguração, como também alguns escritos relacionados, entre eles os folders, com informações acerca do museu entregue em sua inauguração.

Figura 10 – Expositor com moldura em madeira



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Ao lado do expositor, apresentado na Figura 10, encontramos um pedestal de madeira com o 2º Livro de Registro de Assinaturas dos visitantes, o qual trazemos na Figura 11, uma mesa pequena, cadeiras e objetos pessoais de Margarida.

Figura 11 – Pedestal de madeira com o Livro de Registro de Assinaturas



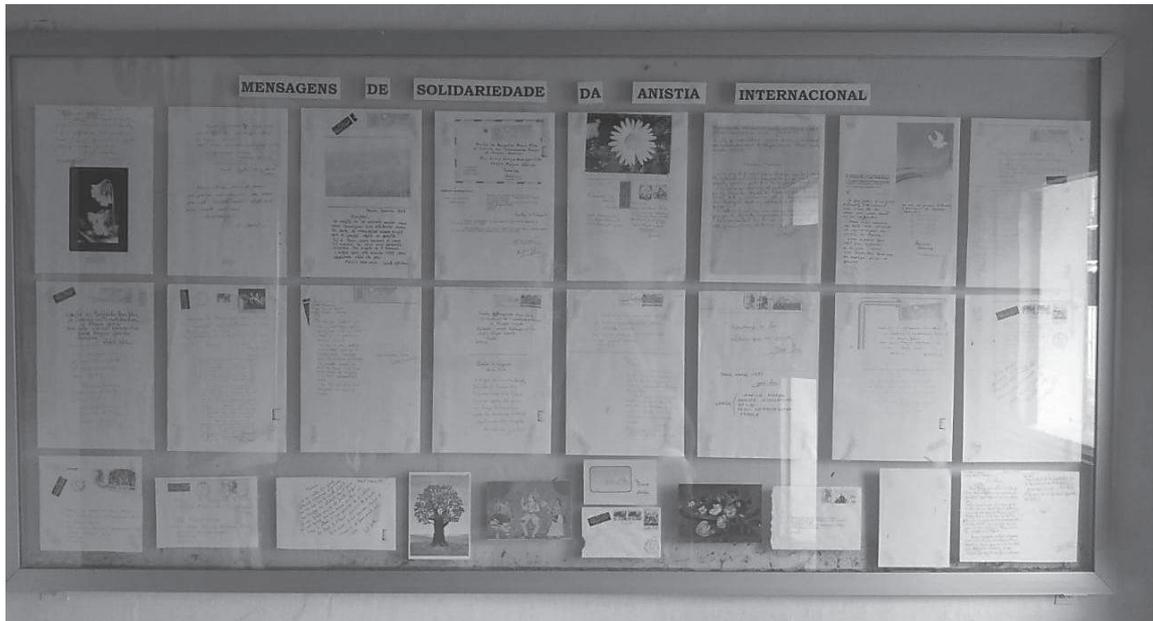
Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Convém ressaltar que o 1º Livro de Registro de Assinaturas do museu, que compreende os dias 26/08/2001 a 27/09/2015, possui 9.216 assinaturas; e o 2º Livro de Registro de Assinaturas dos visitantes já conta com mais de 3.000 assinaturas, incluindo visitantes locais, regionais, e até mesmo de outros países.

Ainda na primeira sala, em um expositor de vidro, alinham-se mensagens da anistia internacional¹¹, vindas de vários lugares do mundo, em demonstração à repercussão de sua morte, bem como pela solidariedade que se propagou a familiares e amigos que sofriam com sua falta e impunidade pelo seu assassinato. Vejamos na Figura 12:

¹¹ Anistia internacional é uma **organização não governamental** que defende os **direitos humanos** com mais de 7 milhões de membros e apoiantes em todo o mundo. O objetivo declarado da organização é “realizar pesquisas e gerar ações para prevenir e acabar com graves abusos contra os direitos humanos e exigir justiça para aqueles cujos direitos foram violados”.

Figura 12– Expositor de vidro com mensagens da anistia internacional



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Continuando o percurso pelos espaços do museu, encontramos expostos entre o acervo um busto da líder sindical, utensílios utilizados no corte e transporte da cana-de-açúcar, e objetos que pertenceram à Margarida, como, por exemplo, algumas toalhas, uma xícara, um socador de alho, até mesmo uma geladeira que lhe pertenceu. Tais objetos foram doados pelo senhor Severino Cassemiro, viúvo de Margarida, conforme visualizamos na Figura 13.

Figura 13 – Objetos que pertenceram à Margarida



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Na concepção de Pacheco (2010, p. 146):

Os objetos [...] são alegorias do passado que se deseja lembrar. Isso significa que eles não são o próprio passado, mas objetos culturais selecionados e ordenados para produzir um discurso sobre o passado que atenda às demandas da comunidade de evocar o seu passado.

Ou seja, colocar no museu objetos que pertenceram e que foram utilizados por Margarida, possibilita ao público aproximar-se mais de sua vida, refletir sobre o passado e reconhecer sua história.

Nas paredes do museu também se alinham outros quadros com cartazes, murais, reportagens, livros, certidões de nascimento, casamento, óbito, fotografias dela, de seus familiares, e as que marcaram o ato público e a missa de 7º dia realizados em 19 de agosto de 1983.

No corredor, encontra-se a exposição “Retratos da história: o caminho das margaridas”, conforme se verifica na Figura 14, que traz uma série de fotografias que revelam os caminhos percorridos pelas mulheres trabalhadoras rurais ao compor sua trajetória de luta na “Marcha das Margaridas”, realizada sempre no mês de agosto, em Brasília, cujo nome homenageia Margarida Maria Alves e já foi detalhada anteriormente.

Figura 14 – Fotos da exposição “Retratos da história: o caminho das margaridas”



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Tal como Meneses (2002, p. 19), percebemos que os suportes da memória “agem para definir trajetórias, para explicar percursos, para reforçar referências [...]”, sendo de extrema

importância para a representatividade do museu. No caso do museu em questão, esses suportes permitem-nos transitar no tempo, fazendo-nos compreender os caminhos percorridos ao longo desses anos, as reivindicações que permeiam a “Marcha das Margaridas” e a referência que a vida da líder sindical foi capaz de suscitar.

Inicialmente, além do acervo de Margarida Maria Alves, o museu também era utilizado como sede do Movimento de Mulheres, Núcleo de Apoio às Associações do Trabalhador Rural e Centro de Estudos das Questões Agrárias Maria da Penha¹². Na sala destinada para ser o Centro de estudo das questões agrárias, visualizamos um quadro com sua foto e na parede uma frase por ela evidenciada, como se vê na Figura 15.

Figura 15 – Maria da Penha Nascimento Silva



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Ainda na parte interna do museu, visualizamos a antiga cozinha com sua pia original e um banheiro. Na parte externa, um quintal, outro banheiro e uma lavanderia. Ao fundo do quintal, encontramos um espaço semelhante a uma dispensa.

Aberto à visitação desde sua inauguração, o Museu Casa Margarida Maria Alves afigura-se como um dos patrimônios locais, atraindo todos aqueles que buscam conhecer a história dessa mulher. Fica aberto de segunda à sexta, das 8h às 17h, e aos sábados, domingos e feriados, das 8h às 12h e das 14h às 17h. A entrada é gratuita.

¹² Maria da Penha foi uma sindicalista de Alagoa Grande e esteve ao lado de Margarida durante muito tempo, chegando a ser também presidente do Sindicato. Fundou o movimento de Mulheres do Brejo e integrou a Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras da CUT/PB. Lançou os livros “Violência Rural e Reforma Agrária” e “Por que Trabalhar com Mulheres”, em parceria com outros autores e entidades. Sua frase ficou marcada: “Só Quem luta é que sabe a dor que a gente sente”. Teve sua vida ceifada em 1991 por um acidente automobilístico.

A transformação de uma simples casa em museu revela que o mundo museal no Brasil está em transformação. A esse respeito, Chagas (2010, p. 7) aponta:

Já não são apenas os palácios de reis, príncipes, princesas e nobres; as casas de presidentes, ministros e políticos poderosos; as moradias de empresários e artistas bem sucedidos economicamente ou as residências de colecionadores abastados que produzem museus e conquistam um lugar entre os lugares de memória que constituem a memória social. Observa-se a valorização dos direitos à cultura, à memória, ao patrimônio e ao museu como direitos de todos, como direitos de todas as camadas sociais, de todos os grupos étnicos.

O próprio “Guia dos Museus Brasileiros”, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/ Ministério da Cultura), publicado em 2011, já evidencia a diversidade museal brasileira e aponta para um crescimento expressivo do setor. Traz informações acerca do ano de criação, situação atual, endereço, horário de funcionamento, tipologia de acervo, acessibilidade e infraestrutura para recebimento de turistas estrangeiros e natureza administrativa de mais de três mil museus já mapeados pelo Ibram em território nacional.

A publicação do material foi dividida em oito capítulos, sendo os cinco primeiros relativos aos museus presenciais existentes nas regiões brasileiras. Em seguida, são relacionados os museus extintos, incorporados e renomeados, os museus em processo de implantação e os museus virtuais. Visando facilitar o manuseio, o Guia apresenta cores específicas para discriminar cada capítulo, permitindo ao leitor uma rápida identificação dos conteúdos, através da visualização das laterais das páginas.

Com relação aos museus, a princípio, foram listadas as instituições cadastradas, ou seja, aquelas que preencheram o questionário de cadastramento do CNM (Cadastro Nacional de Museus) e que, portanto, dispõem de um conjunto maior de informações. Em seguida, os museus denominados mapeados, ou seja, as instituições cuja existência é verificada através de contato telefônico ou e-mail, mas que não preencheram o questionário de cadastramento. É possível perceber essa distinção entre museus cadastrados e mapeados através da cor do traço sublinhado presente no título da instituição, de modo que os museus cadastrados estão sublinhados em vermelho e os museus mapeados em cinza.

Na página 119 do documento, podemos encontrar os museus existentes em Alagoa Grande, tais como: o Memorial Jackson do Pandeiro, sublinhado de vermelho, ou seja, como um museu cadastrado; e o Museu Casa Margarida Alves, sublinhado de cinza, indicando ser um museu mapeado.

Entretanto, em 2018, complementado as informações supracitadas, ao acessar o site Museusbr¹³, verificamos que o Museu Casa Margarida Maria Alves, como assim está registrado, possui três selos a ele aplicados: Resultados Verificados (informa se houve verificação dos dados pela equipe do CNM – Cadastro Nacional de Museus), Formulário de Visitação Anual – 2017 (identifica se o museu respondeu ao Formulário de Visitação Anual referente ao ano de 2017) e Museu Cadastrado (informa se este museu mapeado foi verificado pela equipe do CNM).

Em 2009, o CNM passou a adotar o conceito de museu estabelecido no Estatuto de Museus, promulgado pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro. Em seu artigo 1º, a Lei estabelece:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011, p. 16).

Portanto, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram funções museológicas. Neste sentido, enxergamos as funções museológicas do Museu Casa Margarida Maria Alves como um ambiente privilegiado e convidativo para fortalecimento do envolvimento com o patrimônio local, tornando-se um espaço não somente de visitação, mas também de interação, conhecimento e vivência.

Investigar a Lei de criação do Museu Casa Margarida Alves foi um dos propósitos do nosso trabalho, por isso, fomos em busca dos documentos legais desse patrimônio. Iniciamos pelas conversas informais com pessoas ligadas à Secretaria de Educação e Secretaria de Cultura (na época da inauguração do Museu era uma secretaria só – Educação e Cultura). Algumas incertezas e questionamentos começaram a surgir quanto a essa questão documental. Continuamos em busca da resposta que precisávamos, fomos à Câmara Municipal e, após pesquisas nos documentos lá existentes, essa pendência documental foi confirmada. Dezoito anos se passaram desde que o museu foi inaugurado e ainda não existe um Projeto de Lei que documente o Museu Casa Margarida Maria Alves.

¹³ Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/>

De posse dessas informações, fez-se necessário conversar com o ex-prefeito responsável por sua inauguração, a fim de entender o porquê dessa ausência. Vejamos sua explicação:

Nós ficamos tão envolvidos em botar o museu pra funcionar que não passou por esse processo... íamos fazer quando tivesse tudo pronto... a gente se envolve com tantas coisas do município, educação, infraestrutura... não dá pra fazer tudo, se enche de planos... o tempo vai passando¹⁴.

Por meio dessa narrativa, percebemos que faltou priorizar a parte da legalidade do museu, ação que deveria ter ocorrido simultaneamente à preparação para sua inauguração e, até a realização da nossa pesquisa, as autoridades não haviam se dado conta dessa pendência documental. O museu é mantido com recursos do município. Esperamos que em breve essa situação seja resolvida e que esse “lugar de memória” tenha a legalidade cabível e necessária.

Concordamos com Araújo (2012) quando afirma que os “lugares de memória” como

[...] os museus, assim como outros espaços educativos não formais, são produtores de saberes próprios, produtos da experiência social e cultural, da memória, gerados em espaços que também educam, pois tem a intenção não só de guardar a memória, mas construí-la e transmiti-la, logo, ensinando, educando os visitantes e/ou usuários (ARAÚJO, 2012, p. 25).

Ressaltamos a importância de ações educativas que favoreçam a aproximação e identificação com esses “lugares de memória”, pois, conforme destacam Paim e Tavares (2017, p. 466), “as pessoas só respeitam, admiram, preservam e se identificam com aquilo que... conhecem. Faz-se necessário pensar e construir possibilidade de educação patrimonial para que as pessoas conheçam e sintam-se pertencentes aos espaços [...]”. De fato, é mais fácil se identificar com aquilo que conhecemos. A Educação Patrimonial propiciará esse conhecimento, fortalecendo o vínculo com esses bens patrimoniais e, desta forma, contribuirá para uma aprendizagem significativa.

Entrelaçar por esses caminhos da memória, utilizando o Museu Casa Margarida Maria Alves, despertando um novo olhar capaz de provocar novas experiências nas práticas escolares, é o que propomos nesta pesquisa. Galzerani (2009)¹⁵ faz algumas considerações sobre o conceito de experiência, partindo da ótica Benjaminiana:

¹⁴ Entrevista concedida pelo ex-prefeito Hildon Régis Navarro Filho à pesquisadora em agosto de 2019.

¹⁵ Informação fornecida por Galzerani por meio de videoconferência, Memória e História em Walter Benjamin, Campinas, 2009.

‘Experiências’ (*Erfahrung*, em alemão), que é sinônimo de viagem, ou seja, uma possibilidade de constituição de visões que façam sentido pra mim, mas na relação com o outro e que me torne muito mais ser humano na construção de uma visão comunitária podemos dizer assim... experiência que nunca é aquela que vai traduzir verdades absolutas... o conceito de experiência, de vivenciar trocando de maneira próxima, sempre é alguma coisa em aberto que oferece possibilidades da continuidade (informação verbal).

Portanto, acreditamos que as ações voltadas para a Educação Patrimonial precisam estar pautadas nessas experiências vividas, nessa relação com o outro, que precisa ser visto e acolhido com suas singularidades. Diante dessa afirmação, e para que tal propósito seja alcançado, promoveremos a Oficina pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves” com os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, em Alagoa Grande-PB, que foi realizada na própria instituição museal em três encontros. Toda vivência da oficina será detalhada no capítulo 4.

CAPÍTULO III

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda o caminho metodológico percorrido para a realização desta pesquisa. Nele, apresentamos a escola cujos professores colaboradores e a professora-pesquisadora lecionam, traçamos um breve perfil dos professores colaboradores, abordamos o tipo de pesquisa e os instrumentos que foram utilizados para a coleta de dados, culminando no delineamento de todo o percurso que foi realizado para a materialização da pesquisa, apresentando as narrativas dos professores colaboradores e uma sucinta apresentação do que ocorreu em cada encontro da oficina pedagógica.

3.1 Local da pesquisa

A instituição de ensino escolhida para esta pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, localizada na Rua Francisco Carlos da Silva, s/n, Conjunto CEHAP I, no município de Alagoa Grande-PB.

De acordo com os registros do Projeto Político Pedagógico – PPP (2015) da escola, no ano de 1915, as irmãs Doroteias viajaram do Convento de Olinda para a cidade de Bananeiras-PB com destino ao colégio da Ordem das Doroteias. A viagem era de trem e quando chegaram ao povoado de Camarazal, hoje, Mulungu, houve uma baldeação e elas desceram junto com os outros passageiros. Ao seguir viagem, confundiram-se e pegaram o trem que vinha para a cidade de Alagoa Grande, ao perceberem o engano, já era tarde demais.

Ao chegarem à cidade, procuraram a Casa Paroquial e se apresentaram ao padre coadjutor Firmino Cavalcante de Albuquerque que, em seguida, tornou-se vigário e cônego. Ele as tranquilizou, providenciou hospedagem próxima à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem e comunicou o ocorrido ao superior delas, em Olinda, comunicando-lhe que não permitiria que saíssem da cidade, pois iria construir um colégio de freiras e precisaria delas.

Em 05 de agosto de 1917, deu-se início a construção do Colégio Nossa Senhora do Rosário, fundada pelas irmãs Madre Aninha Rodrigues, Olga Leite e outras. Sem condições para manter o colégio, em 1969, entregaram-no a um órgão particular com o nome de Instituto Desembargador Severino Montenegro. Passados alguns anos, devido ao número excessivo de alunos que tornava as despesas muito altas, o prédio foi entregue ao Governo Municipal. E,

em 2000, a Paróquia, que é proprietária do prédio onde o IDSM foi instalado, retomou sua posse para a realização de eventos religiosos.

Diante disso, havia no município o prédio do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança) que foi construído para funcionar em tempo integral, mas isso não ocorreu. Esse prédio foi disponibilizado e como o IDSM já tinha registro funcional de escola integrou-se ao CAIC, onde funciona até os dias atuais.

No início de 2019 foram matriculados 576 alunos, distribuídos em séries da Educação Infantil, Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e Finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, nos turnos manhã e tarde. Os alunos que compõem a escola originam-se tanto da zona urbana quanto da zona rural. A instituição possui um quadro com 72 funcionários, distribuídos entre 1 diretora, 2 diretores adjuntos, 1 psicopedagoga, 44 professores, 7 auxiliares de serviços gerais, 7 vigilantes, 2 auxiliares administrativos, 5 cuidadoras, 1 bibliotecário e 2 merendeiras (dados fornecidos pelo auxiliar administrativo da instituição).

Segundo o PPP (2015), a estrutura física da escola disponibiliza as seguintes dependências: salas de aula, secretaria, sala de professores, biblioteca, sala de apoio pedagógico, banheiros, refeitório, almoxarifado, auditório, sala de vídeo, quadra de esporte e salas de recursos multifuncionais.

A escolha dessa instituição justifica-se por ser o local de trabalho da professora-pesquisadora, facilitando sua execução, pois “[...] as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano” (NETO, 2001, p. 64). Também se justifica pelo desejo de contribuir com a educação à medida que oportunizou reflexões e mudanças nas práticas pedagógicas relacionadas ao patrimônio local.

3.2 Colaboradores da pesquisa

Os colaboradores da pesquisa são os professores das turmas dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, além de uma funcionária do museu e do ex-prefeito responsável pela criação e inauguração do Museu Casa Margarida Maria Alves. O motivo da escolha desses professores, especificamente, é por reconhecer a importância dessa fase escolar para o processo de conhecimento e aprendizagem dos alunos frente à temática abordada em nossa pesquisa. A escolha das séries também foi necessária, visto que não havia possibilidade de contemplar todas as modalidades de ensino existentes na escola, devido a sua dimensão.

Foram entregues questionários aos 11 professores do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) que compõem o quadro efetivo da instituição referenciada. Desses 11 professores, 9 responderam ao questionário, por meio do qual alguns aspectos relevantes foram observados, tais como: formação, escolaridade e o interesse em participar da oficina.

Com base nos dados, adquiridos através do questionário, apresentamos a seguir o perfil dos 9 professores participantes, cujas contribuições foram essenciais para a construção da presente pesquisa. Todos os professores são do sexo feminino e, em relação à faixa etária, as idades compreendem dos 39 aos 52 anos, com tempo de serviço que corresponde dos 20 a 33 anos de exercício da docência, com formação profissional que abrange o Magistério Nível Médio (1), Pós-graduação *lato sensu* (7) e Pós-graduação *stricto sensu* (1). Para preservar a identidade das professoras envolvidas, será adotada uma nomenclatura para se referir a elas durante as análises, sendo referenciadas pela letra P e por numerais que vão do 1 ao 9.

3.3 Tipo de pesquisa e instrumentos utilizados

Para a construção desta pesquisa, utilizamos como aporte metodológico a pesquisa qualitativa, capaz de compreender os fenômenos que envolvem o ser humano e suas relações, reconhecendo sua subjetividade e, portanto, capaz de identificar e analisar dados que não podem ser definidos numericamente. Concordamos com Godoy (1995a, p. 58) quando afirma que:

A pesquisa qualitativa [...] envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), a pesquisa qualitativa “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Por esse motivo, optamos por uma pesquisa-ação, a fim de fomentar práticas pedagógicas significativas no contexto educacional relacionadas ao Museu Casa Margarida Maria Alves, patrimônio local. De acordo com Thiollent (1985, p. 14),

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Em nosso estudo, por meio da interação entre a professora pesquisadora e os professores colaboradores, a pesquisa-ação proporcionou a reflexão e aprimoramento de ações como forma de contribuir com a realidade investigada do contexto escolar. Nesse caso específico, um ensino que privilegie o reconhecimento e valorização do Museu Casa Margarida Maria Alves existente no município desde 2001. Dessa forma, as ações utilizadas como proposta neste trabalho resultaram no desenvolvimento de uma oficina pedagógica.

Neste estudo, também se fez uso da pesquisa bibliográfica, a partir da utilização de artigos, livros, dissertações, teses, entre outros suportes textuais que abordam a temática, na busca de auxiliar e aprimorar a compreensão do objeto estudado; e da pesquisa documental, tendo em vista a consulta do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, a fim de detalhar alguns aspectos voltados ao local da pesquisa e investigar a inserção do objeto de estudo nesse documento.

Godoy (1995b, p. 21) define a pesquisa documental como sendo “O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares”. Com base nessa definição, evidenciamos que o PPP da escola nos serviu para compreender, complementar e/ou confirmar alguns dados já observados.

O PPP é um documento que deve nortear as ações pedagógicas que serão desenvolvidas no âmbito escolar. Nesse sentido, fazemos alusão aos escritos de Veiga (2001, p. 110) quando o define como:

Um instrumento de trabalho que mostra o que vai ser feito, quando, de que maneira, por quem para chegar a que resultados. Além disso, explicita uma filosofia e harmoniza as diretrizes da educação nacional com a realidade da escola, traduzindo sua autonomia e definindo seu compromisso com a clientela. É a valorização da identidade da escola e um chamamento à responsabilidade dos agentes com as racionalidades interna e externa. Esta idéia implica a necessidade de uma relação contratual, isto é, o projeto deve ser aceito por todos os envolvidos, daí a importância de que seja elaborado participativa e democraticamente.

Considera-se fundamental para a análise de dados os registros da pesquisa-ação, tendo em vista que tais instrumentos contribuem para a compreensão do objeto de estudo. Nesse sentido, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados entrevistas, questionários e os registros da oficina pedagógica, ação educativa desenvolvida nesta dissertação.

As entrevistas foram realizadas com a funcionária do museu e o ex-prefeito responsável pela criação e inauguração do Museu Casa Margarida Maria Alves. Os questionários foram aplicados aos professores do Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º

ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro. Esses mesmos professores participaram da Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”, cuja vivência foi registrada por meio de imagens audiovisuais e do diário de campo da professora-pesquisadora, os quais foram indispensáveis para as discussões elencadas. A oficina aconteceu dentro do próprio museu, propiciando uma maior aproximação com esse espaço.

No que se refere à entrevista, Neto (2001, p. 57) ressalta que

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

Desse modo, as entrevistas serviram de norte para entendermos alguns aspectos fundamentais que suscitaram a criação do museu e que não estavam claramente definidos, como também sua estruturação. Além das entrevistas, também optamos pelo questionário, a fim de perceber, dentre algumas questões, o que os professores sabem a respeito da vida da líder sindical Margarida Maria Alves e como percebem o Museu Casa Margarida Maria Alves para memória e história local, para que, partindo desses conhecimentos, pudéssemos rever e adequar o planejamento da oficina pedagógica.

Na perspectiva de Severino (2007, p. 125), o questionário é o “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”.

Vale ressaltar que nosso trabalho também traz a possibilidade de trabalhar um pouco da história oral, visto que durante os encontros da oficina pedagógica as memórias de todos os participantes e histórias da vida de Margarida foram compartilhadas, permitindo que as vivências, lembranças, fossem conhecidas por todos os presentes.

A oficina pedagógica foi desenvolvida e seus registros, que foram as imagens audiovisuais e o diário de campo, contribuíram para o aprimoramento das nossas discussões. Neto (2001, p. 63) evidencia a importância do registro audiovisual, ao mesmo tempo que faz um alerta:

Esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado. O uso da filmagem nos permite reter vários aspectos do universo pesquisado... Com isso, não

estamos dizendo que um bom trabalho de pesquisa deva ficar limitado ao registro visual, mas afirmamos que esse registro assume um papel complementar ao projeto como um todo. Porém, nada substitui o olhar atento de um pesquisador de campo ao evasivo próprio da realidade das relações sociais.

Tomando como base as colocações do referido autor, acreditamos que o olhar do pesquisador atento a todos os detalhes será capaz de perceber situações bem relevantes diante da realidade que está inserida, agindo de forma colaborativa na pesquisa. Diante dessa constatação, destacamos o uso do diário de campo, “um ‘amigo silencioso’ que não pode ser subestimado quanto à sua importância [...] podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas”. (NETO, 2001, p. 63).

Dessa maneira, a opção pelo diário de campo como instrumento de pesquisa se deu por reconhecermos sua relevância quanto ao registro das impressões obtidas durante o desenvolvimento da nossa ação educativa. A Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves” foi pensada a partir da proposta de inserir a temática Educação Patrimonial nas práticas pedagógicas de forma significativa, com o propósito de sensibilizar, refletir, reconhecer, pertencer e valorizar o patrimônio cultural local.

Teve como desfecho a reflexão sobre o fazer pedagógico e a elaboração de um roteiro de atividades pedagógicas voltadas ao patrimônio cultural local – museu, com o propósito de ressignificar o olhar sobre o mesmo, promovendo sua valorização no espaço escolar. Resultou, assim, na organização de um Material de Apoio Pedagógico contendo as etapas da Oficina, todo material utilizado e os roteiros de atividades pedagógicas propostas pelos próprios professores, de acordo com a realidade da série que lecionam. Esse material também foi deixado na escola para servir de fonte de pesquisa e auxílio a outros professores.

3.4 Percursos metodológicos da pesquisa

Neste tópico, convém explicitar os procedimentos efetivados no desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente, foi realizada a pesquisa bibliográfica sobre a temática patrimônio, museu, Educação Patrimonial, dentre outros temas que contribuíram para fomentar as discussões abarcadas neste trabalho, incluindo estudos relacionados à temática Educação Patrimonial ligada ao processo educativo, que encontram menção no capítulo 1. Abordou-se também a leitura do Projeto Político Pedagógico – PPP (2015) da escola, por reconhecermos sua importância para a organização da escola no cumprimento de sua função, a fim de

averiguar, entre outras abordagens, quais assuntos inseridos neste estudo se fazem presentes no referido documento.

Em relação ao PPP (2015) da escola, convém destacar duas situações nele encontradas. A primeira, quando se refere às propostas curriculares da modalidade de Ensino Fundamental, conforme citação abaixo:

Partindo do pressuposto de que os educandos trazem muitas histórias, muitos saberes, jeitos singulares de ser e estar no mundo, formas diversas de viver, o ensino fundamental deve estar envolvido com a democracia e a cidadania. Nesse aspecto, tendo como subsídio o texto da Constituição de 1988, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's orientam a escola em relação aos princípios gerais que visam atender aos seus objetivos (PPP, p. 19-20, 2015).

E a segunda referente ao trabalho pedagógico:

O trabalho pedagógico precisa favorecer a experiência com o conhecimento científico e com a cultura, entendido tanto na sua dimensão de produção nas relações sociais cotidianas e como produção historicamente acumulada, presente na literatura, na música, na dança, no teatro, na produção artística, histórica e cultural (PPP, p. 20, 2015).

Na primeira situação, percebe-se que a Educação Patrimonial está nas entrelinhas da abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, pois os mesmos contemplam a pluralidade cultural através dos temas transversais; já na segunda situação, quando aborda o favorecimento da experiência com a cultura, aparece de forma superficial. Portanto, averiguamos que, de forma clara, concisa e organizada podemos afirmar que o PPP não aborda os conhecimentos relacionados ao patrimônio cultural local.

Diante disso, acreditamos que os resultados desta pesquisa possam impulsionar uma reflexão sobre a relevância dessa temática no âmbito escolar, possibilitando a compreensão do significado do patrimônio cultural, favorecendo o reconhecimento local, sua apropriação e preservação por meio de práticas significativas.

Esse primeiro momento resultou na escrita e submissão do projeto ao Comitê de Ética, tendo sido analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento - CESED/PB. Enquanto aguardávamos a aprovação do projeto, foram realizadas algumas visitas informais ao Museu Casa Margarida Maria Alves, objeto deste estudo, a fim de observá-lo atentamente para ampliar os conhecimentos referentes ao espaço amplamente utilizado por nós. Nesse momento, também houve a elaboração do roteiro das entrevistas.

Após a aprovação do projeto no referido Comitê, foi iniciada a aplicação das entrevistas para compreendermos aspectos ligados à história do museu e aprofundar o conhecimento sobre a ausência de um projeto de Lei que ateste a sua legalidade. Essas narrativas foram expostas no capítulo 2, referente ao Museu. A entrevista com a funcionária que colaborou com a pesquisa ocorreu no próprio museu, ao passo que o ex-prefeito foi entrevistado em sua residência no município de Alagoa Grande. Para as gravações das entrevistas foram utilizados o gravador de voz do celular da professora pesquisadora e depois transcritas para ser analisadas. As narrativas desses colaboradores contribuíram com nosso trabalho, através delas compreendemos situações que não estavam claramente definidas.

O terceiro momento ocorreu após a realização da qualificação. Foram entregues questionários aos 11 professores que lecionam no Ensino Fundamental dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) da escola, dentre os quais apenas 2 não foram devidamente respondidos.

É pertinente destacar que, ao entregar o questionário, tivemos uma conversa informal com os colaboradores, fazendo uma sucinta apresentação do projeto de pesquisa, e verificando o interesse e disponibilidade de cada um para participar da ação educativa, sobretudo se houvesse a necessidade de ir no contraturno. Vale evidenciar que todos foram bastante solícitos. Quanto à participação na oficina, a maioria demonstrou interesse, com exceção de uma professora que relatou ser fã da história de Margarida, porém, acredita que para a série na qual leciona (1º ano) a oficina não requer tanta expansão de abordagem devido à idade e grade curricular. Os outros 10 professores interessados pediram que, após definido o dia em que aconteceriam os encontros da oficina, fossem avisados com antecedência, pois, caso fosse no contraturno, teriam que se organizar em seus afazeres pessoais, inclusive, dois deles trabalham no horário oposto e teriam que resolver essa questão na escola em que trabalham.

A utilização do questionário foi bastante pertinente, tornando possível compreender algumas questões que envolvem as práticas pedagógicas com relação à temática que envolve este estudo. Foram elaboradas questões para que os professores falassem de suas práticas cotidianas ligadas à temática, além de verificarmos se a proposta da pesquisa já havia sido realizada e o interesse de cada um em participar da mesma.

Perceber os momentos da prática pedagógica que o patrimônio cultural é trabalhado nos dá a dimensão de sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, buscamos saber se há a inserção de patrimônios culturais na prática pedagógica e de que forma. Todas as respostas foram unânimes em afirmar que sim. E quanto aos patrimônios que foram abordados e de que forma, podemos destacar as seguintes respostas:

Sim. O memorial Jackson do Pandeiro devido o ano de centenário e o Teatro Santa Inês; O projeto do centenário de Jackson foi o facilitador para trabalhar neste ano por apresentar diversidades de atividades. Abordei com Biografia em quadrinhos, fotos xerocadas, roda de conversas e pretensão de visita ao Memorial. Já com relação ao teatro conto sempre a beleza das peças apresentadas. (P5, 2019)

Sim. Quando trabalhamos a Emancipação Política da cidade; sempre apresentamos alguns pontos turísticos, mas não com aprofundamento. (P4, 2019)

Trabalhei de forma geral, porém, chamei a atenção para a importância dos museus, por guardar a História de pessoas importantes na construção da nossa história. (P6, 2019)

Percebemos, por meio dessas respostas, que há uma variação quanto à relevância do patrimônio cultural para cada professor. Em virtude do centenário de Jackson do Pandeiro, identificamos uma abordagem maior este ano de 2019, como é o caso de um projeto que mobilizou toda a escola. Também verificamos que no período de comemoração da Emancipação Política da cidade alguns patrimônios locais sempre são evidenciados. O fato de o professor 4 descrever a ausência de aprofundamento já nos permite compreender que ele mesmo realiza uma análise das práticas escolares, percebendo a necessidade de um trabalho mais aprofundado. O que é perceptível também na fala do professor 6, que até trabalha o patrimônio, mas de forma geral. Portanto, percebemos que ainda não é prioridade no processo educativo o desenvolvimento de ações que norteiem o estudo do patrimônio cultural, sobretudo do Museu Casa Margarida Maria Alves, objeto de estudo desta dissertação.

Como o foco da nossa ação educativa é o Museu Casa Margarida Maria Alves, fez-se essencial sondar o que os professores sabem a respeito da vida de Margarida. Para essa questão, obtivemos as seguintes respostas:

Era uma líder sindical, defensora dos direitos humanos, trabalhadores rurais. (P1, 2019)

Foi uma líder sindical que lutou pela causa dos trabalhadores rurais e por conta disso foi assassinada em sua casa. (P4,2019)

[...] ela jamais se intimidou diante de poderosos, sempre foi a luta, como uma verdadeira guerreira e como “Mulher” conquistou muitas vitórias em prol do homem do campo. (P7,2019)

Eu conheci Margarida. Todos os dias a via passar, quando voltava do trabalho. Uma mulher forte, seu jeito de ser chamava atenção, muito trabalhadeira. (P8, 2019)

Margarida Maria Alves foi uma líder dos trabalhadores canavieiros na luta pelos direitos sociais. Por essa razão foi duramente perseguida, ameaçada e assassinada no dia 12 de agosto de 1983. (P9, 2019)

As narrativas são capazes de evidenciar a Margarida sindicalista e mulher, a sindicalista que lutava em prol de melhores condições de vida para os trabalhadores rurais e a mulher de postura forte, guerreira e trabalhadora. Percebemos que sua vida ficou marcada pelo seu sindicalismo corajoso, ela não se intimidava diante dos poderosos. E que o dia do seu assassinato ficou marcado na vida de muitos. Indagados a respeito do que sabem sobre esse dia, os professores destacam:

[...] sua morte foi trágica em sua própria residência. (P1, 2019)

[...] ela estava em sua casa; quando chega alguém e a alveja com tiros a mando de políticos. (P4, 2019)

Sobre este fato, não tem como não saber ou mesmo esquecer essa tragédia que abalou o 'Brasil' inteiro, pois esta heroína jamais ficará no passado, viverá sempre presente em nossos dias como um exemplo de coragem, força, determinação e luta pelos menos favorecidos. Que nem sempre tem vez ou voz. Por isso tentaram calar a voz dela. (P7, 2019)

[...] fato esse que muito chocou a cidade de Alagoa Grande. (P9, 2019)

Através dessas falas, fica nítido o quanto sua trágica morte chocou a todos da cidade e se estendeu até outros lugares, como cita o professor 7. Diante da amplitude e reconhecimento da grande líder sindical que foi Margarida Maria Alves, e por existir no município um museu em seu nome, buscamos perceber qual a importância desse patrimônio para memória e história local. As falas dos professores esclarecem que:

Sim. Já visitei o museu e lá deixa bem claro a forma como ela vivia, seus sonhos e suas lutas. O museu deixa bem claro a mulher guerreira que era; é como a gente entrasse no túnel do tempo, nos levando para o passado. (P4, 2019)

Sim. Entretanto, pessoalmente não vejo muito resgate de sua história pelo museu, me refiro a divulgação de visitar... (P5, 2019)

Com certeza. Pois ele trará viva a memória desta mulher que muito marcou a vida dos moradores dessa cidade e para os que não a conheceram, saber sobre o que ela foi e representa ainda hoje para nossa cidade. (P7,2019)

Eu acho muito importante. Margarida Maria Alves foi uma mulher simples, humilde, mas muito forte. E mostrou a força que a palavra tem. Com a palavra mudou muitas coisas. Só não pode mudar a ganância dos poderosos. O museu é importante porque faz a população resgatar a memória, de uma vida de luta. (P8, 2019)

É interessante como todos os professores foram enfáticas ao falar da importância desse museu para memória e história local, pois reconhecem na pessoa de Margarida uma mulher

guerreira, entretanto, no espaço escolar não percebemos uma prática que fortaleça esse reconhecimento evidenciado nessas falas.

Mediante essa realidade, vemos o quanto é pertinente o desenvolvimento de uma proposta que propicie a ressignificação desse patrimônio na escola, a fim de que esses conhecimentos sejam inseridos no espaço educacional de forma sistemática e permanente.

Entretanto, nosso trabalho parte de uma reflexão sobre um patrimônio local, apropriando-se da Educação Patrimonial para desenvolver ações educativas de natureza interdisciplinar. “A interdisciplinaridade é a interação entre duas ou mais disciplinas, que pode ir desde a simples comunicação de ideias até a integração recíproca dos conceitos fundamentais [...]” (ZABALA, 1998, p. 143). Como os professores participantes lecionam em turmas do 1º ao 5º ano, isso favorece para que a inserção dos conteúdos a serem trabalhados atinja diversas áreas do conhecimento, em diálogo permanente.

Também se fez relevante descobrir se os professores colaboradores já tiveram oportunidade de participar de algum encontro pedagógico voltado, exclusivamente, para o Museu Casa Margarida Maria Alves. E caso a resposta fosse afirmativa, detalhes de como se deu esse encontro. Conforme descrevem em suas respostas, nunca tiveram oportunidade. Vejamos:

Nunca participei e acho que seria interessante um projeto com essa temática. (P3, 2019)

Que eu lembre nunca participei, mas gostaria sim de participar, tenho certeza que só virá a contribuir na nossa prática. (P4, 2019)

Não recordo... Acredito que totalmente voltado não, mas comentado talvez... (P5, 2019)

Mesmo na fala do professor 5 fica evidente que os encontros que sucederam essa nossa proposta não foram voltados apenas para o Museu Casa Margarida Maria Alves, certamente, em alguns deles, o patrimônio cultural foi abordado. O que reafirma ainda mais a relevância desta pesquisa, já que desenvolvemos uma ação educativa diferenciada, como forma de contribuir com a educação local, comprovando a ausência de uma ação educativa voltada, especificamente, para o Museu Casa Margarida Maria Alves. Os 11 professores aos quais foram apresentados a proposta do nosso trabalho demonstraram bastante interesse em participar, com exceção apenas de uma, como já relatada anteriormente.

Concomitante à entrega do questionário, foi apresentada a proposta da Oficina pedagógica à psicopedagoga responsável por decidir todas as questões pedagógicas da escola.

Em nossa conversa, ficou acordado que, pela necessidade da escola, os encontros alternariam quanto aos turnos, ocorrendo um pela manhã, às 9h, outro à tarde, às 15h, e assim sucessivamente. Posteriormente, foi relatada ao Secretário da Cultura e do Turismo, que autorizou a realização da oficina no próprio museu, como também à Secretária de Educação do município.

As respostas advindas dos questionários nos serviram de base para o replanejamento da oficina, fazendo as adequações necessárias. Reconhecemos que, da forma como foi previamente planejada, a oficina estava oportuna para a realidade exposta pelos professores, porém, evidenciamos a necessidade de dedicarmos um maior tempo para o aprofundamento das discussões que envolvem detalhes da vida da líder sindical Margarida Maria Alves. Desse modo, a Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves” ocorreu no próprio museu, durante o mês de agosto, em três encontros. A descrição detalhada de cada encontro constará no capítulo 4 desta dissertação, entretanto, faremos uma sucinta apresentação de cada um deles a seguir.

O primeiro encontro foi realizado no dia 08 de agosto. Nele, foram expostos os objetivos da oficina pela professora-pesquisadora e as perspectivas dos professores participantes em relação à oficina. Alguns textos foram selecionados para serem discutidos e provocarem reflexão durante os encontros. Para esse primeiro, os temas escolhidos foram patrimônio e memória. A escolha do tema se deu porque cada participante foi convidado a levar para o museu um objeto antigo, repleto de valor afetivo. Partindo disso, foram compartilhadas as experiências vividas com os objetos que cada um levou, uma maneira de provocar sensibilidade por meio das lembranças dos objetos e também de possibilitar ouvir e conhecer mais o outro em suas singularidades.

O segundo encontro aconteceu no dia 15 de agosto. Foi pensado para provocar a aproximação com os objetos do museu e com sua história. Por isso, foi solicitado aos professores participantes que fizessem um passeio pelo museu, observando atentamente todos os seus espaços na busca por um objeto que remetesse à sua história de vida e explanasse aos demais. A explanação desses objetos desencadeou os diálogos sobre museu e Casa Museu Margarida Maria Alves. De maneira lúdica e interativa, com músicas, poesias e cordéis, fomos permeando pela vida de Margarida Maria Alves. Apropriamo-nos das escritas de todo esse material e das canções ouvidas, e aos poucos foram acrescentadas as histórias que cada um tinha para compartilhar.

O terceiro e último encontro ocorreu no dia 26 de agosto, uma data bastante oportuna, visto que o museu estava fazendo 18 anos de sua inauguração. Foi planejado para enfatizar o

lado artístico e criativo de cada professor participante; aprofundar os conhecimentos sobre Margarida; discutir e refletir sobre Educação Patrimonial e as práticas pedagógicas voltadas para o Museu Casa Margarida Maria Alves no espaço escolar. Culminando com a elaboração de um roteiro com atividades pedagógicas voltadas ao patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves, socialização dos roteiros, avaliação dos momentos vivenciados, *coffee break* e encerramento da oficina.

Os passos da oficina, os textos de apoio utilizados e os roteiros de atividades elaborados compuseram o Material de Apoio Pedagógico, deixado na escola para ser consultado, como forma de auxiliar os docentes em suas práticas.

Depois, ocorreram as análises da vivência da oficina pedagógica para conclusão do texto dissertativo. É de extrema importância destacar as colaborações da qualificação na construção do texto final, composto por 4 capítulos.

Ao finalizar este capítulo, compartilhamos um pouco os desafios e algumas dificuldades ocorridas durante a realização desta pesquisa. Muitos anos se passaram desde a inauguração do museu. Desta maneira, lembrar alguns detalhes de sua criação e inauguração não foi tão fácil para algumas pessoas que, mesmo demonstrando interesse em ajudar, se confundiram com algumas colocações, ocasionando algumas informações desconstruídas. Reconhecemos que hoje, com todo recurso tecnológico existente, muitas coisas seriam mais facilmente lembradas, pois, certamente, o número de pessoas que teriam registros audiovisuais do dia em que o museu foi inaugurado seria maior.

Dentre as buscas das diversas fontes para compor este trabalho, os que se referem à Margarida Maria Alves, em sua maioria, evidenciam sua vida enquanto líder sindical. São escassas fontes que retratem a Margarida mãe, esposa e filha.

Contudo, também nos deparamos com muitas pessoas solícitas, disponíveis, dispostas e dedicadas a ajudar, que se dispuseram até mesmo a procurar por mais de hora imagens fotográficas que pudessem complementar as informações, a fim de enriquecer o trabalho. Momentos assim foram estímulos cruciais na caminhada trilhada para realização desta pesquisa.

CAPÍTULO IV

4 CASA MARGARIDA MARIA ALVES: PERMEANDO REFLEXÕES E RESSIGNIFICAÇÕES

4.1 Oficina pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”

“[...] produzir conhecimentos nada mais é do que dialogar com outros saberes, e nesse sentido trazer essa incorporação dessas vozes plurais para nossa própria produção e ao mesmo tempo traduzir tudo isso com uma linguagem capaz de fazer sentido (informação verbal)”.

Galzerani¹⁶

Neste capítulo, apresentamos detalhadamente o desenvolvimento da Oficina pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – casa Margarida Maria Alves” com os professores das turmas de Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro. A oficina foi desenvolvida no Museu Casa Margarida Maria Alves como forma de proporcionar uma maior aproximação com o objeto de estudo. Ocorreu em três encontros e teve como objetivo principal propiciar a ressignificação da prática pedagógica no tocante ao patrimônio cultural local Museu Casa Margarida Maria Alves. Durante a oficina, os professores puderam refletir sobre suas práticas e discutir a importância de abordar o museu de forma significativa em suas aulas, enquanto patrimônio cultural local.

Inicialmente, primamos pela leitura do Guia Básico de Educação Patrimonial, de autoria de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro, publicado pelo IPHAN em 1999. Leituras reforçadas com o Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial, de Evelina Grunberg (2007), acerca das contribuições de cada uma das etapas de Educação Patrimonial por elas abordadas: observação, registro, exploração e apropriação. Vejamos o que concentra cada uma das etapas de forma detalhada:

Observação – Nesta etapa, usamos exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas,

¹⁶ Informação fornecida por Galzerani por meio de videoconferência, Memória e História em Walter Benjamin, Campinas, 2009.

medições, jogos de adivinhação e descoberta (detetive), etc., de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou tema observado.

Registro – Com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo.

Exploração – Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados.

Apropriação – Recriação do bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc.), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado” (GRUNBERG, 2007, p. 6).

Reconhecemos a importância do Guia Básico de Educação Patrimonial e do Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial, compreendendo-os como metodologias possíveis para se trabalhar a Educação Patrimonial.

Conforme citado na introdução deste trabalho, a leitura da dissertação de Nara Cunha (2011), da tese de Helena Araújo (2012) e dos textos de Galzerani provocou-nos novas reflexões e possibilitou-nos enveredar por outros caminhos na construção da oficina. A realização e análise dos questionários realizados com os professores também suscitaram algumas reflexões. Desse modo, todas as questões elencadas serviram como fontes de inspiração para elaboração da oficina.

As etapas abordadas no Guia Básico de Educação Patrimonial e no Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial foram realizadas, porém não na ordem descrita, elas se correlacionaram umas com as outras num percurso diferente, mas cabível, oportuno à realidade educacional em foco.

Para facilitar a compreensão deste trabalho, esclarecemos que nosso olhar metodológico está focado na relação com o outro, no diálogo, na singularidade de cada sujeito e na troca de experiência. Na “racionalidade estética”, uma racionalidade que transforma os tempos passados em tempos redescobertos - na produção dos saberes históricos escolares –, propicia a explicitação de pontos de vista e não de pontos fixos, viabilizando conferir às experiências outrora vividas atualizações de significados (GALZERANI, 2008).

Como já mencionado no capítulo 3, antes dos encontros serem iniciados, conversamos com a psicopedagoga da escola sobre o horário possível para sua realização, e a preparação dos encontros da oficina se deu a partir da necessidade da escola. Inicialmente, apenas o primeiro encontro foi combinado com os professores participantes. Os outros dois seriam acordados em conversas futuras com os professores participantes, tornando flexível nosso planejamento quanto às questões de cronograma. Reconhecemos a importância dessas

adequações, pois compreendemos as particularidades dos professores participantes, como também as necessidades do contexto escolar.

A professora pesquisadora também precisou combinar como seria a ida dos professores participantes da escola ao Museu Casa Margarida Maria Alves, onde aconteceria a oficina. Esta questão foi facilmente resolvida entre a professora pesquisadora e os professores participantes, que não colocaram qualquer empecilho quanto a isso, uma vez que alguns tinham motocicleta ou automóvel, e puderam ajudar na condução de quem não os possuía.

Nos dias que antecederam cada encontro da oficina, a professora pesquisadora entregou (impresso para o primeiro dia de oficina) e enviou (via *Whatsapp* e *Messenger*, para os outros dois encontros) recadinhos a cada professor, como forma de lembrá-los da oficina, dos objetos que precisariam levar e dos registros escritos que deveriam fazer.

A oficina foi realizada em três encontros durante o mês de agosto de 2019. A fim de registrar as vivências durante seu desenvolvimento, foram utilizadas imagens audiovisuais e anotações feitas no diário de campo da professora pesquisadora. A seguir, descreveremos o desenvolvimento de cada encontro realizado.

4.1.1 Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves – primeiro encontro

O primeiro encontro foi realizado no dia 08 de agosto, com início marcado às 9h. Os professores participantes foram recepcionados pela professora pesquisadora na porta do museu e conduzidos à sala destinada a ser o Centro de Estudos das Questões Agrárias Maria da Penha, a qual escolhemos para servir de espaço para o desenvolvimento da nossa oficina. A oficina foi permeada pelo diálogo e pela troca de experiência, portanto, as cadeiras ficaram organizadas em círculo durante os três encontros. Como a professora pesquisadora e todos os professores participantes já se conheciam, não se fez necessário um momento para apresentação.

Dando início ao primeiro encontro, como registrado na Figura 16, a professora pesquisadora falou sobre a pesquisa, apresentou a oficina e ressaltou a importância do orientador João Bueno no planejamento das etapas que seriam vivenciadas, visto que foi uma ação educativa pensada de forma conjunta – professor orientador e professora pesquisadora. Evidenciou que a Oficina pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves” tinha como objetivo geral propiciar a resignificação da prática

pedagógica no tocante ao patrimônio cultural local Museu Casa Margarida Maria Alves e agradeceu a colaboração de cada um em participar da pesquisa.

Figura 16– Apresentação da oficina pela professora pesquisadora



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

A professora pesquisadora esclareceu que estava ali na função de mediadora da oficina e não para transmitir conhecimentos, que todos os presentes eram convidados a colaborar e que juntos teríamos a oportunidade de aprender e de ensinar, pois esperava que a oficina fosse permeada pelo diálogo e que cada um compartilhasse suas experiências. Também ressaltou que a forma como a oficina seria conduzida era apenas uma maneira de fazer, uma abordagem, e esperava que ela servisse de modelo para outras propostas, inclusive, para que outros patrimônios também pudessem ser trabalhados.

A professora pesquisadora distribuiu a cada professor participante uma pasta contendo caneta e folhas de ofício, onde, posteriormente, seria guardado todo material que seria utilizado durante cada dia de oficina, como textos de apoio, entre outros.

Em seguida, foi solicitado que cada professor participante discorresse acerca das perspectivas com relação à oficina. Conforme as narrativas dos participantes, pudemos reconhecer a importância da temática que seria abordada, a busca para aprimorar os conhecimentos e o repensar as práticas pedagógicas voltadas para aquele patrimônio.

As expectativas são as melhores... no sentido de pensar, ressignificar nossas práticas... conhecer mais a fundo sobre esse patrimônio que de certa forma é pouco conhecido... A gente tem um outro museu que é mais conhecido o de Jackson do Pandeiro e as vezes o de Margarida Maria Alves não é muito contemplado na sala de aula... É mais em momento específico quando se dá conta da morte dela... E pra gente poder pensar em como trabalhar o museu... não só esse museu [...] (P10, 2019)

Como podemos perceber, a partir dessa narrativa, há um interesse em ampliar os conhecimentos e ressignificar as práticas voltadas para o Museu Casa Margarida Maria Alves, reconhecendo a necessidade de sua maior exploração em sala de aula. Deste modo, consideramos essa pesquisa importante por reconhecermos que incorporar os conhecimentos relacionados ao patrimônio é um elemento enriquecedor no processo de ensino-aprendizagem. Essa ação educativa vem ressaltar a relevância de trabalhar o museu local – Museu Casa Margarida Maria Alves, como forma de promover a identificação com os bens patrimoniais, além de despertar sentimentos de pertencimento, favorecendo a valorização, preservação e a ressignificação do olhar sobre o patrimônio cultural local.

Dando continuidade, a professora pesquisadora apresentou as temáticas que seriam abordadas no encontro, tais como patrimônio e memória. E solicitou que colocassem sobre a mesa os objetos antigos de valor afetivo que cada um levou de casa. De forma dinâmica, foram iniciadas as discussões acerca do patrimônio e memória. As perguntas que direcionariam as discussões estavam dentro das pastas, entre os papéis entregues inicialmente. Cada um procurou essas perguntas que, por serem enumeradas, desencadearam a sequência das discussões. Eram relacionadas ao conceito de patrimônio, memória, diferença entre patrimônio material e imaterial, entre outras.

É oportuno evidenciar que, ao passo que as perguntas eram respondidas, as discussões foram ampliadas, de modo que já nesse primeiro encontro as reflexões quanto ao fazer pedagógico foram iniciadas, ressaltando a necessidade de um Projeto Político Pedagógico que insira o patrimônio cultural local como forma de efetivar práticas significativas no âmbito escolar. Um dos professores participantes fez a seguinte explanação:

Se a gente for olhar... esses patrimônios de Jackson... de Margarida... a gente só vai trabalhar na época do aniversário da cidade... e não tem uma proposta de trabalho de atividade... durante o ano todo... Justamente onde está a lacuna da escola... ela peca nesse sentido de não ter no PPP... uma proposta direcionada para o patrimônio cultural e histórico do município. (P10, 2019)

Esse comentário foi oportuno para que a professora pesquisadora enaltecesse a importância da Educação Patrimonial como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6). Outro professor participante aproveitou a discussão e teceu o seguinte comentário:

Mas eu acho que também... falta o incentivo do poder público... É pra isso que existe uma secretaria municipal... é pra se valorizar as coisas municipais... Tudo tem que partir de algum lugar... se parte do órgão responsável para que vá se espalhando... Se tivesse um projeto da Secretaria de Cultura e Turismo da cidade... as escolas em si iriam abraçar e a população iria valorizar... Tudo é uma questão de início... Alguém tem que dar um ponta pé inicial. (P3, 2019)

Tal comentário favoreceu para que a professora pesquisadora complementasse essa fala e, de forma convidativa, incentivasse todos os participantes presentes a dar o ponta pé inicial, afinal, era perceptível nas discussões a necessidade de melhorar as práticas pedagógicas voltadas ao patrimônio local. E enfatizou a necessidade de em momento oportuno sentarem para rever o Projeto Político Pedagógico da escola, a fim de inserir as questões que envolvem o patrimônio local.

As discussões eram bastante pertinentes e, a cada pergunta, diversas reflexões eram compartilhadas. Como envolviam patrimônio e memória, foram ocasionando outras discussões, até mesmo algumas lembranças da líder sindical Margarida Maria Alves foram relatadas, conforme narram os professores abaixo:

[...] eu tenho a memória dela descendo a ladeira do cemitério... Eu ficava na frente lá de casa e sempre a via descendo... E eu olhava pra ela... o esposo e o filho dela pequeno e via aquela mulher... com aquela pose... aquela bolsa de lado e dizia que mulher forte... corajosa. (P6, 2019)

Eu era criança... pré-adolescente quando aconteceu o assassinato dela... mas eu tenho até hoje na minha memória como tudo aconteceu... a questão de apagar a luz... a questão de depois chegar o zum zum na rua que eu morava... Mataram Margarida... mataram Margarida! A lembrança de minha mãe falando dela... a lembrança de quando eu ia com a minha mãe para o sindicato e via... não tinha muita noção do que era... do que representava... via... ouvia os discursos dela por que eu morava bem próximo ao sindicato. (P3, 2019)

E essa fase da pesquisa, diante das lembranças da pessoa de Margarida, permitiu desencadear neste estudo a história oral. “De modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é, desde que ainda vivam aqueles que tem algo a dizer sobre ele –, é passível de ser investigado através da história oral” (ALBERTI, 2005, p. 29). Uma forma de reconhecer histórias que não são contadas em livros, mas que foram vivenciadas e compartilhadas. Partilhamos do pensamento de Matos e Senna (2011, p. 97), quando afirmam que:

[...] a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

Ao final das discussões, a professora pesquisadora entregou textos que fundamentavam tudo o que havia sido discutido, para que pudessem ser lidos em casa e, em caso de dúvidas, discutidos no encontro seguinte. Em seguida, cada participante compartilhou as memórias dos objetos antigos solicitados anteriormente, objetos de valor afetivo e, portanto, significativos para vida de cada um, rememorando as experiências vivenciadas no passado com cada um deles. Tais objetos podem ser visualizados na Figura 17.

Figura 17– Objetos antigos e de valor afetivo dos professores participantes



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Como visto na Figura 17, os objetos afetivos foram bem diversificados. Como aponta Scifoni (2017):

Fotos antigas, roupas de infância, álbuns de figurinhas, brinquedos antigos, toda pessoa guarda algum tipo de objeto que remete a experiência vivida em seu passado, ainda que ele seja muito recente. A guarda destes objetos pessoais se dá na medida em que cada um deles é capaz de mobilizar lembranças, necessárias a compreensão do que somos como indivíduo humano, ou seja, da formação de uma identidade (SCIFONI, 2017, p. 8).

Rememorar o passado sempre nos traz lembranças e nos enche de emoção. As mais lindas e diversas histórias puderam ser partilhadas com esses objetos. Foi perceptível o quanto estão cheios de significados e carregados de muito amor, gratidão e até mesmo, em concordância com a autora acima, a compreensão do eu que se tornou, como perceberemos nas falas abaixo:

A pessoa que eu sou, eu devo a eles e hoje eu tô educando meus filhos em cima daquilo que eles me transformaram. A minha mãe ela adoeceu... e todo tratamento dela o médico disse que ela tava fazendo pela questão dele cumprir com a obrigação... com o juramento dele... mas ele sabia que não tinha jeito e pediu que

colocasse nela uma terapia para os dias de angustia... minha mãe gostava de fazer crochê... Ela dizia que eu ia ter uma menina e a primeira peça da terapia dela foi esse vestido aqui... Eu não tinha minha Laura... mas quando ela voltou a fazer crochê sentada na área... nas tardes dela... a primeira peça que ela providenciou foi esse vestido que a minha filha usou... pena que ela não viu a minha filha usando... Mas isso aqui é uma lembrança que eu tenho muito forte. (P1, 2019)

Eu tenho esse anjinho aqui... eu gosto muito de imagens de anjos... esse anjinho foi do batizado de Vinícius, quase 18 anos que eu tenho... eu achei interessante eu relembrar... Quando eu recebi... a pessoa que me entregou disse assim... isso aqui representa seu filho e vai ser um anjo na sua vida... E realmente meu filho é um anjo na minha vida... É um menino abençoado de todas as formas possíveis que vocês possam imaginar. (P8, 2019)

Ao nos determos às memórias, destacamos as contribuições de Galzerani (2006), que nos apresenta uma concepção de memória ancorada em Benjamin:

Articula o conceito de memória ao conceito de narrativa [...] ele propõe mergulhar o discurso nas experiências vividas. Enfatiza que as práticas narrativas devem se assentar no desapontamento da concepção absoluta da verdade, deixando vir à tona pessoas mais inteiras, na relação com outras pessoas, situadas no presente, dialogando com o passado, mas abertas ao futuro. Pessoas deixando transparecer suas certezas, mas também suas incompletudes. Pessoas que renunciam a tudo preencher, para deixar que algo do outro possa dizer-se (GALZERANI, 2006, p. 4).

Uma concepção de memória fortemente articulada ao conceito de rememoração. Para Benjamin, “rememorar significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro” (GALZERANI, 2006, p. 3).

Concordamos com os conceitos elencados, pois durante as narrativas percebemos que foram diversas as experiências vividas e que perpassaram por inúmeras situações, entre elas: abandono, saudades, dias marcantes, presente especial. À medida que transparecíamos nossas histórias, nos sensibilizávamos e nos emocionávamos uns com os outros.

Após a exposição oral das memórias, pedimos que, em casa, os participantes registrassem (de forma escrita, em forma de poesia, cordel, ou da maneira que julgassem mais confortável) as memórias compartilhadas com o objeto escolhido e que levassem para o próximo encontro. Também foi acordado o dia e hora do segundo encontro. Mesmo tendo sido marcado com antecedência, dois dos professores participantes não puderam estar presentes.

Como forma de gratidão e gentileza, a cada encontro a professora pesquisadora entregava um “mimo” aos professores participantes. Para o primeiro encontro, foram distribuídas “rapadurinhas”, uma maneira de relembrar a luta de Margarida em defesa de

tantos trabalhadores rurais, entre eles os que trabalhavam na antiga Usina Tanques que existia no município.

Sobre este primeiro encontro, a professora pesquisadora registrou:

Mesmo tendo sido nosso primeiro encontro, fiquei com a impressão de que suscitará grandes reflexões e práticas ressignificadas. As discussões em torno do Projeto Político Pedagógico da escola, e do reconhecimento da relevância da temática abordada no encontro foram bastante significativas. Ouvir, conhecer as histórias que cada um carrega consigo, foi um momento muito especial no encontro, rotineiramente não vivenciamos momentos como esse. Nossa relação com o outro foi fortalecida à medida que partilhamos nossas histórias e nos emocionamos uns com os outros. (Diário da pesquisadora, 2019)

Nesse mesmo dia, a professora pesquisadora dirigiu-se à escola no período da tarde para ministrar sua aula como faz costumeiramente. Ao chegar a hora do recreio, foi surpreendida por um dos professores participantes, que a levou até sua sala para relatar-lhe o que havia acontecido, todo o planejamento daquele dia foi modificado e o primeiro encontro da oficina foi capaz de provocar uma mudança em sua prática. Discutiu com os alunos os conceitos de patrimônio e memória do texto entregue na oficina e percebeu a importância de ouvir o outro, ouvir as histórias que cada um carrega, por isso, solicitou que os alunos escrevessem e partilhassem sobre suas memórias. Emocionou-se ao ouvi-las porque foi capaz de conhecer detalhes da vida dos alunos, até então, desconhecidos.

Com essa descrição, percebemos o quanto foi importante o primeiro encontro da oficina, que já foi capaz de suscitar mudança na prática pedagógica, motivo de satisfação e a certeza de que a oficina estava no caminho certo.

4.1.2 Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves – segundo encontro

O segundo encontro aconteceu no dia 15 de agosto às 15 h. Os registros escritos das memórias partilhadas no primeiro encontro foram entregues à professora pesquisadora, a qual expôs as temáticas que seriam abordadas no encontro – o Museu Casa Margarida Maria Alves e alguns aspectos da vida da sindicalista. Em seguida, os dois professores ausentes no primeiro encontro tiveram oportunidade para compartilhar as memórias de seus objetos de valor afetivo.

Após essa explanação, a professora pesquisadora promoveu uma roda de conversa acerca dos textos entregues no primeiro encontro. Os professores participantes mencionaram que, ao tecerem suas leituras, perceberam que eles se identificaram com as discussões

vivenciadas e um professor, especificamente, partilhou com todos a experiência da aula que já havia confidenciado à professora pesquisadora.

Como vemos na Figura 18, os professores participantes foram convidados a realizar um passeio pelo museu, observando-o atentamente todos os seus espaços na busca por um objeto que remetesse à sua história de vida. Foi um convite a um olhar atento, sensível, aprofundado, único, individual, reconhecendo detalhes da própria vida nos objetos do museu.

Figura 18– Os professores participantes passeando pelo museu



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Após percorrerem sem pressa o Museu Casa Margarida Maria Alves e reconhecerem o objeto em questão, foi feita uma exposição oral e, mais uma vez, histórias de vida foram compartilhadas. Vejamos, na Figura 19, o momento em que uma professora relata suas experiências.

Figura 19- Professor participante relatando sobre seu objeto museal escolhido



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Vários foram os objetos que remeteram as lembranças passadas. Os utensílios utilizados pelos cortadores de cana, o chapéu de palha, o terço grande, os quadros religiosos, a marmitta de alumínio, as cartas. Cada um foi partilhando suas histórias com os objetos do museu e as mais diversas histórias puderam ser ouvidas, a maioria fez menção a entes queridos que utilizavam esses objetos em suas vidas. Partilharemos algumas dessas histórias:

[...] o que eu vi ali... que eu relembrei foi do filho dela, que a gente brincava... a gente estudou junto... muitos anos. (P5, 2019)

Desde a primeira vez que vim a casa... o que mais me chamou atenção foi a estrutura física dela... por que me remeteu muito a minha vida de infância. (P7, 2019)

A minha lembrança foi meu eu mesmo. Um poema que tem ali, veio logo à tona a minha infância que era o que eu fazia demais... minha mãe quando eu subia lá em cima na igreja, chega ficava babando... Eu comecei aos 7 anos. (P9, 2019)

Nesse momento, foi possível perceber as singularidades de cada um sendo partilhadas nas lembranças dos objetos escolhidos. Através deles, os professores participantes viajaram no tempo, podendo rememorar aspectos marcantes da sua história, desde a época da escola, perpassando pela infância, evidenciando fatos pessoais. O professor participante 5 (P5), ao ver uma fotografia, relembra do filho de Margarida Arimatéia, lembra que estudaram juntos por muitos anos.

A casa de Margarida que representa a casa de tantas famílias da cidade e da nossa região também suscitou lembranças no professor participante 7 (P7). Uma casa que exprime a luta de uma mulher que contribuiu com tantas vidas e foi a voz silenciada de tantos oprimidos. Concordamos com Mario Chagas (2010) ao se referir as casas museus:

As casas museus [...] constituem exemplos de exercícios de direito à memória que valorizam não as vozes dominantes ou os vestígios culturais das oligarquias e aristocracias todo-poderosas, mas sim as vozes que normalmente são silenciadas, o saber-fazer e a luta de indivíduos que a partir dos seus sonhos contribuem para o sonho do coletivo, sonhando justiça, trabalho, dignidade social e poesia (MÁRIO CHAGAS, 2010, p. 12).

Já o professor 9 (P9) se emocionou e relembrou com entusiasmo das vezes que recitava longos poemas na igreja e, até mesmo, em festividades na escola, demonstrando nostalgia desse tempo. Recebeu elogios de quem já lhe ouvira antigamente e carinhosamente lhe pediram que recitasse um poema. P9, então, recitou e todos aplaudiram.

Dentre as várias exposições das histórias rememoradas a partir dos objetos, um momento de grande emoção para todos os presentes foi quando um professor participante não

conseguiu partilhar as lembranças do objeto escolhido, de tão sofrido que era, apenas chorou e disse que não estava em condições de falar. “Quando nos deparamos com certas problemáticas oscilamos entre a vontade de lembrar e a de esquecer, mostrar e esconder, isso porque a tarefa de investigar o passado nos traz indagações, dores e alegrias.” (MARTINS, 2007, p. 45). Em consonância com a autora, reconhecemos na fala do professor o quanto dolorido foi lembrar-se do passado, optando por querer silenciar e, certamente, esquecer.

Diante dessas apresentações, tivemos oportunidade de nos conhecer melhor, reconhecer as particularidades que habita em cada um e valorizar um ao outro. Às vezes, o cotidiano acelerado nos impede de parar e perceber o diferencial de cada ser humano que nos cerca.

A professora pesquisadora aproveitou a ocasião para ressaltar a aproximação de cada um com os objetos do museu de Margarida, no sentido de que muitos desses objetos, que fizeram parte da vida de Margarida, também fazem parte da vida de todos os participantes naquele lugar, inter-relacionando-se com a vida de cada um. O museu ganhou outro sentido e possibilitou uma aproximação maior com todos os envolvidos com a dinâmica, um olhar ressignificado.

Acreditamos que os objetos museais podem servir como eficientes recursos para exploração do museu e o trabalho em sala de aula. Inclusive, reconhecemos que a abordagem que utilizamos é oportuna para ampliar o olhar de quem se dirige ao museu e que, certamente, um passeio com um olhar de curiosidade será capaz de identificar objetos que ocasionem lembranças, sejam elas particulares ou que envolvam pessoas próximas. Desta forma, os objetos tornam-se “passíveis de serem reelaborados e ressignificados pelos visitantes”. (PACHECO, 2010, p. 153).

Dando continuidade, a professora pesquisadora explanou aspectos ligados à historização do Museu Casa Margarida Maria Alves e levantou questionamentos como forma de dialogar com os professores participantes. Para facilitar essa roda de conversa, distribuiu um texto de apoio sobre o Museu, que foi lido e explorado alguns trechos. As conversações também envolveram a forma como o museu estava organizado, aspectos ligados aos seus objetos e, por fim, a ausência de um projeto de Lei na Câmara Municipal que assegure sua legalização.

Os diálogos acerca do Museu Casa Margarida Maria Alves provocaram alguns questionamentos, entre eles a inquietação com a ausência do projeto de Lei. Um dos professores participantes sugeriu que poderíamos verificar o que precisaria ser feito para que essa legalização do museu fosse efetivada e acrescentou: “de repente poderia ser um legado a

ser deixado por nós, além da contribuição que seu trabalho vai dar para escola”. Outro questionamento foi o interesse em saber se a sala destinada a ser o Centro de Estudos das Questões Agrárias Maria da Penha em que estávamos realizando a oficina era utilizada para esse fim ou éramos os primeiros a utilizá-la.

Em seguida, como mostra a Figura 20, por meio da dinâmica “Cantando e recitando Margarida vamos vivenciando”, de forma lúdica, interativa e com a utilização de recurso tecnológico como caixa de som, caixa de mdf e material impresso contendo poesias, cordel e músicas, foram abordados alguns aspectos que envolvem a história de Margarida Maria Alves.

Figura 20 – Participação na dinâmica Cantando e recitando Margarida vamos vivenciando



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Foram selecionadas músicas relacionadas à líder sindical para esse momento. Dentro da caixa de mdf continha papéis que versavam sobre as músicas, ouvia-se a música, cantava-se e teciam-se as discussões percebendo a relação com a história de Margarida. Nesse movimento interativo, os conhecimentos de cada sujeito colaborador com relação à pessoa Margarida foram compartilhados.

Para essa dinâmica, nossas reflexões foram impulsionadas por quatro canções. A primeira, de Zé Vicente, intitulada “Canção pra Margarida”, e as demais de artistas locais, a exemplo de Bob e Amanda – “Margarida Viva”, Robério Chaves (*in memoriam*) – “Margarida Maria Alves”, e Soledade – “A morte de Margarida”. Desse modo, o Museu Casa Margarida Maria Alves vai adquirindo um novo olhar, convertendo-se num espaço dinâmico e interativo.

Durante a dinâmica tivemos oportunidade de retratar aspectos inerentes à Margarida: o desejo de ver os trabalhadores conquistando o que era seu de direito, as lembranças que

ficaram do dia de sua morte, as frases que marcaram sua vida, sua coragem, a disseminação de seus ideais, como também o legado deixado por ela, a exemplo da Marcha das Margaridas.

A interação com as músicas e seus respectivos compositores deu espaço para alguns comentários que destacavam outros artistas locais, dessa vez, os envolvidos com o espetáculo “Margarida Viva”, da Cia Mangai, e sobre a possibilidade de levá-lo para a escola. Um professor participante se prontificou a procurar informações e socializar no próximo encontro.

Encerrando, a professora pesquisadora agradeceu a participação de todos e, como “mimo” desse segundo encontro, partilhou o cordel Margarida Maria Alves, de autoria de Antônio Alves C. Filho, conhecido como Tareco, também alagoagrandense. E combinou com os presentes acerca do próximo encontro.

Nesse segundo encontro, todos os professores participantes puderam estar presentes, como podemos verificar na Figura 21, retirada em frente à casa museu.

Figura 21 – Professores participantes da oficina



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Com relação ao que foi percebido nesse segundo encontro, a professora pesquisadora relatou:

O passeio atento ao museu na busca do objeto que rememorasse a vida de cada um, direcionou saudosas e tristes lembranças. As nossas vidas foram relacionadas com o museu e o museu se relacionou com a nossa, o que permitiu que o Museu Casa Margarida Maria Alves se tornasse mais próximo de nós, passando a ser visto com um novo olhar. Todos perceberam por meio dessa dinâmica a aproximação do museu conosco, rompendo as distâncias que por ventura nos separava. O professor participante, que há muito tempo não declamava suas poesias, demonstrou muita alegria ao fazê-la novamente. Passei a conhecer mais as particularidades de cada um que, mesmo convivendo há um bom tempo, ainda não conhecia. Como é bom parar e ouvir o outro! Por outro lado, foi muito triste ver uma participante chorando, mas naquela situação percebi que o passado pode trazer muita dor, tristeza e, por isso, as vezes é preferível esquecê-lo. A dinâmica envolvendo as músicas foi bastante atrativa e interativa, foi uma ótima ideia utilizar a maioria das canções de artistas locais. (Diário da pesquisadora, 2019)

4.1.3 Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves – terceiro encontro

O terceiro e último encontro ocorreu no dia 26 de agosto, às 13h 30min. Em virtude de precisarmos de mais tempo para as atividades previstas para este encontro, as aulas do turno foram liberadas. Pedido solicitado pela professora participante e pela psicopedagoga da escola que foi prontamente atendido pela secretária de educação. Contamos com a participação da psicopedagoga da escola neste encontro, que justificou sua ausência nos outros.

Inicialmente, a professora participante oportunizou espaços para discussões complementares aos textos lidos em casa. E, na oportunidade, outro professor participante relatou que também realizou a atividade com a memória dos objetos afetivos dos alunos e que foi uma aula bastante significativa.

A professora pesquisadora relembrou que o último dia da oficina tinha uma representatividade especial, pois a data coincidia com a comemoração dos 18 anos de inauguração do museu. Com isso, fez a apresentação do que seria trabalhado no encontro e ressaltou que a turma de professores participantes da pesquisa foi pioneira ao utilizar aquela sala específica do museu para este fim.

Em seguida, de maneira dinâmica, e com o propósito de provocar curiosidade, foi proporcionado a “Hora da novidade”. Estava sobre uma mesa uma mala retrô com diversos objetos capazes de aflorar lembranças ao passado da líder sindical Margarida Maria Alves. Algumas inferências aconteceram a fim de que fossem descobertos os objetos. Vejamos na Figura 22.

Figura 22 – Realização da dinâmica “Hora da novidade”



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Após descoberta e exploração desses objetos, a professora participante perguntou: e agora, o que vamos fazer com esses objetos descobertos? Não demorou muito para que a psicopedagoga questionasse: “é pra caracterizar alguém? Vamos lá!”. Sua preparação foi realizada de forma colaborativa e, de posse dos objetos contidos na mala, ela se caracterizou de Margarida, incorporando a personagem de forma criativa, proferindo entusiasmada uma de suas célebres frases: “É melhor morrer na luta do que morrer de fome!”. Essa atitude rendeu muitos aplausos, conforme demonstra a Figura 23.

Figura 23 – Momento da dramatização



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Também nesse encontro buscamos aprofundar um pouco mais os conhecimentos sobre Margarida, a partir da exploração da temática Educação Patrimonial. Seguimos duas abordagens diferentes para cada temática.

Para as discussões relativas à Margarida, adotamos a seguinte forma: foram fixadas antecipadamente embaixo das cadeiras algumas perguntas com indagações de certo ou errado, para provocar reflexões e verificar o nível de conhecimento sobre a vida da sindicalista. As perguntas envolviam sua vida pessoal e sindical. Essa dinâmica provocou muitas dúvidas, reflexões e lembranças. Cada um ia expondo sua opinião quanto às perguntas e, ao final, a professora pesquisadora verificava a pertinência das repostas. Finalizando, foi distribuído um texto sobre Margarida que abordava, inclusive, todas as questões já exploradas na dinâmica.

Como todos os encontros foram permeados de muitas lembranças, uma professora compartilhou uma vivência que teve com a própria Margarida, deixando transparecer o empoderamento dos discursos de Margarida:

Eu participava de um grupo de jovem JOCOAG – Jovens comunitários de Alagoa Grande... Nessa ocasião tinha um encontro dos canavieiros lá em Mari... Margarida

nos chamou pra gente ir pra animar... Nós fomos... dentro do carro ela muito animada... mandando a gente bater... pediu que chegasse lá animado... nós fomos cantando... Chegando lá a equipe desceu... já chegamos um pouco atrasados... Isso... irritou-a ela disse que não queria que tivesse acontecido aquilo... ela queria chegar e ninguém esperar por ela... ela esperar pelas pessoas... foi o que ela disse... Ela subiu ao palco... foi um momento que ela foi ovacionada... Ela falava... e o povo: muito bem! Aplaudia ela de um jeito... muito admirada... Ela frisava a questão do direito trabalhista... Vocês têm direito a isso... Não vamos baixar nossa cabeça... Ela chamava atenção por sua bolsa e seu chapéu... Terminava o discurso dizendo é melhor morrer na luta do que de fome. (P4, 2019)

Seguindo nossas reflexões, abordamos a temática Educação Patrimonial através de um texto-base. Como nossos encontros eram permeados pelo diálogo e pela troca de experiências, os professores participantes foram estimulados a ler o texto de maneira fragmentada, para que os debates fossem ampliados. Todos os textos – fragmentos deste texto dissertativo – e materiais utilizados na oficina foram entregues com o intuito de servir como fonte de pesquisa.

E como nossa ação educativa no museu buscou proporcionar a ressignificação da prática pedagógica, culminamos as discussões da tarde com um momento crucial para a percepção de quais reflexos a vivência da oficina suscitou em cada professor participante. Portanto, todos foram estimulados a tecer seus comentários através de algumas perguntas desencadeadas pela professora pesquisadora, entre elas: quais práticas pedagógicas voltadas para o Museu Casa Margarida Maria Alves ocorrem no espaço escolar? Como posso ressignificar esse conhecimento na sala de aula? Como apresentar o museu a partir da experiência dessa oficina?

Através das narrativas compartilhadas, evidenciamos o que já observávamos desde o início de nosso estudo: há ausência de práticas pedagógicas que oportunizem o reconhecimento do patrimônio local Museu Margarida no espaço escolar (reconheceram que a abordagem do Museu Casa Margarida Maria Alves no âmbito escolar, quando ocorre, ocorre de maneira rápida e superficial) e a importância de um Projeto Político Pedagógico organizado e atualizado também foi enfaticamente apontado, pois o mesmo não privilegia a Educação Patrimonial.

A professora pesquisadora aproveitou a ocasião e enfatizou a necessidade e pertinência de, em outro momento, buscarem rever o PPP da escola, de modo a reorganizá-lo, inserindo de forma clara, concisa e objetiva a Educação Patrimonial em seu contexto.

Ao apontarem a necessidade de ressignificar as práticas educacionais voltadas ao patrimônio local museu Casa Margarida, chegou o momento de sabermos quais inspirações, novos olhares, puderam ser estimulados a partir da vivência da oficina. Portanto, foi solicitado

a cada professor que elaborasse um roteiro com atividades pedagógicas voltadas ao patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves. Os participantes receberam o roteiro e, individualmente, após refletirem sobre o fazer pedagógico, sugeriram novas práticas educativas como forma de inserir o patrimônio museu no espaço escolar.

Passados alguns minutos, alguns professores pediram para terminar a escrita do roteiro em casa, pois perceberam que o registro das suas ideias demandaria mais tempo. Em vista disso, marcamos o dia da entrega do roteiro. Mas, apesar de não terem concluído suas escritas, e tendo em vista que estavam motivados a novas práticas, tais professores socializaram suas ideias oralmente. A Figura 24 evidencia os professores participantes elaborando o roteiro de atividades.

Figura 24 – Professores participantes elaborando o roteiro de atividades



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Nas narrativas de cada professor participante, tornou-se evidente o desejo de inserir na rotina da sala de aula os novos saberes e experiências vivenciadas. E as mais significativas e criativas ideias foram apontadas como forma de objetivar esse olhar ressignificado: a criação de um cordel, histórias em quadrinhos, peça teatral, passeio e exploração do museu na forma que vivenciamos. E cada professor, de acordo com sua série, expôs atividades possíveis de serem realizadas em suas respectivas turmas.

Esse momento provocou um longo debate acerca do que deveria ser feito imediatamente nas práticas escolares e o que poderia ser feito a longo prazo, de maneira mais detalhada e organizada. Alguns passos seriam decisivos para inserção dessa temática no cotidiano da escola.

De início, convém repensar e reorganizar o PPP da escola, direcionando de maneira sucinta e objetiva a temática que queremos abordar, para que se torne uma ferramenta de planejamento eficaz na escola. Conforme enaltece o PPP (2015, p. 5-6),

É necessário o envolvimento e o comprometimento de todos os profissionais [...] como forma de garantir a unidade do trabalho escolar e gerar resultados positivos no processo ensino-aprendizagem, uma vez que assumimos o encargo de agentes transformadores [...].

Com esse pensamento, primamos pela organização de um Projeto que possa ser utilizado durante todo o ano e com toda a equipe da escola. Para sua organização serão utilizados todos os roteiros elaborados na oficina.

A ideias estavam em sintonia e, com base nos relatos explanados, percebemos que, na forma como estava sendo pensado, esse projeto não seria capaz de ser realizado ainda em 2019, pois haviam outros projetos para serem finalizados na escola durante esse período. Por conseguinte, os professores participantes enfatizaram que, nesse momento, seria importante sistematizar o trabalho, uma espécie de projeto piloto, que seria ampliado no ano de 2020. Assim, ficou acordado que a temática será trabalhada previamente e no próximo ano se dará a reorganização do PPP, culminando em um projeto envolvendo toda escola.

Em seguida, o professor participante compartilhou as questões relacionadas à peça “Margarida Viva”, o cachê e as possibilidades de levá-la para a escola. Discutimos meios de arrecadar o valor e de levar os alunos ao teatro como forma também de valorizar outro patrimônio local e que tentaríamos ainda esse ano levar o espetáculo para os alunos, caso não fosse possível, faríamos no ano seguinte para a abertura do projeto.

A professora pesquisadora compartilhou as informações adquiridas por meio de uma conversa com um vereador local acerca do que necessitaria ser feito para que o museu pudesse ser legalizado. De imediato, ele ficou surpreso e pediu um tempo para se certificar dos fatos. Dias depois, ele informou que a iniciativa precisa partir do gestor municipal e se propôs a mediar uma conversa com ele, a fim de que esse processo de legalização do museu se efetive.

Ao final da ação educativa, a professora pesquisadora solicitou que todos pudessem fazer uma avaliação da experiência vivenciada – a oficina, e que esse registro poderia ser feito de forma escrita ou oral. Desse modo, os professores participantes tiveram a oportunidade de falar sobre a oficina, sendo unânimes em afirmar que os conhecimentos com relação à pessoa de Margarida e ao próprio museu foram aprimorados; que a cada encontro, a dinâmica

utilizada na oficina foi diferenciada e atrativa, não sendo, portanto, cansativa, até mesmo os mínimos detalhes foram pensados pela professora pesquisadora; que o sim dado por eles para colaborar com a pesquisa não foi difícil de dar por já conhecerem a professora pesquisadora; reconhecendo, ainda, que os dois primeiros encontros poderiam ter durado mais tempo. Sendo assim, os diversos depoimentos foram explanados durante a avaliação e demonstraram muita satisfação, como podemos perceber abaixo:

Eu trabalhava os patrimônios materiais... imateriais... mas eu não focava nos patrimônios da minha cidade... eu citava... eu comentava... eu levava... essa oficina me abriu um leque de possibilidades para se trabalhar e principalmente o museu de Margarida... Por que eu nunca tinha tido essa visão de trabalhar, a forma que a gente expôs aqui as ideias... Eu achei fantástico... Eu espero poder colocar isso em prática. (P3, 2019)

Esse momento foi mágico... foi hiper mega especial... Mexeu com nosso interior... mexeu com as nossas emoções... mexeu com as nossas histórias de vida... história de vida negativa e positiva... Foi um momento de aprendizagem. (P10, 2019)

Eu gostei muito e a partir desse aqui eu pretendo fazer em outros... A questão da dinâmica de como foi feita... o conhecimento ficou mais sólido... fixou... Foi uma questão de vivência e é isso que a gente tem que fazer com os nossos alunos... praticar com eles... pra ele pegar... pra ele vê... não só o mecânico... sala de aula... leitura... Super positivo... amei! (P8, 2019)

Essa última fala do professor (P8) nos fez compreender que a dinâmica utilizada na oficina foi produtiva e que quer ser adotada pelo professor participante que reconhece a importância de um ensino aguçado pela curiosidade, experimentos e diálogo. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (Freire, 1996, p. 12).

Após ouvir a avaliação dos professores, a professora pesquisadora também fez sua autoavaliação, evidenciando a importância da participação de todos que, de maneira interativa, dialógica, participaram, trocaram experiências, compartilharam ideias e histórias de vida, tanto alegres como tristes. Foi um momento oportuno para que os professores e a pesquisadora se conhecessem melhor, ouvindo e percebendo mais uns aos outros. E, assim, todos ensinaram e todos aprenderam. Além do que, o olhar para o Museu Casa Margarida Maria Alves foi, de fato, ressignificado.

Ao final da autoavaliação, a professora pesquisadora indagou sobre a pertinência ou não de deixarmos um registro da nossa oficina no museu, além do legado que estamos deixando na escola. Depois de algumas discussões, ficou combinado que seria importante sim e que poderia ser uma foto em que todos os participantes estivessem presentes, informações

sobre a oficina vivenciada e sobre a utilização da sala dezoito anos após a inauguração do museu.

Como momento de confraternização e culminância da oficina, a professora pesquisadora serviu um lanche regado a comidas típicas regionais e, com imensa gratidão, como se pode visualizar na Figura 25, partilhou “mimos” com todos os que estavam presentes¹⁷: o colaborador responsável pelas imagens audiovisuais, a psicopedagoga, as funcionárias do museu e os professores participantes. Os professores ganharam um caderno denominado “Minhas memórias”, como forma de incentivar a continuidade dos registros das histórias de vida de cada um. A memória partilhada no primeiro encontro foi escaneada e era a primeira memória contida no caderno.

Figura 25 – Os “mimos” que foram partilhados



Fonte: Paulo Wanderley (2019)

Dentre as várias impressões com a experiência vivenciada, a professora pesquisadora explanou:

Sem dúvida alguma a data 26 de agosto para esse último encontro foi imensamente significativa e oportuna. Estar no museu findando a vivência dessa experiência 18 anos após sua inauguração foi um marco importante na vida de todos nós que estávamos presentes. Como foi bom provocar a curiosidade dos professores na hora da novidade e que maravilha foi a incorporação de Margarida! Perceber que essa vivência inspirou diversas reflexões, já foi capaz de provocar mudanças em sala de aula e inspirou as mais criativas ideias para serem trabalhadas me fez constatar a

¹⁷ Nesse encontro, dois professores participantes não puderam estar presentes, mas se prontificaram a elaborar o roteiro com as atividades pedagógicas. Os “mimos” destinados a eles foram guardados e entregues posteriormente.

relevância dessa oficina para ressignificação das práticas pedagógicas. É difícil mensurar a alegria e satisfação em mediar um trabalho que foi tão produtivo e sensibilizador. (Diário da pesquisadora, 2019)

Os passos que direcionaram essa oficina pedagógica, os textos que foram utilizados para as discussões e fundamentações, as músicas, poesias e cordéis relacionados à Margarida Maria Alves, bem como os roteiros com as propostas de atividades a serem aplicadas em sala de aula, comporão o Material de Apoio Pedagógico, que ficará na própria escola como fonte de pesquisa a todo aquele que busque inserir em suas práticas o patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves.

Acreditamos na importância de cada professor participante enquanto multiplicador da proposta vivenciada na oficina. E almejamos que as diversas reflexões e ações mencionadas sejam efetivadas, no intuito de favorecer uma prática voltada para identificação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural local Museu Casa Margarida Maria Alves no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo a importância da Educação Patrimonial para promover a identificação com os bens patrimoniais e fomentar a valorização e preservação do patrimônio cultural local no ambiente escolar, esta pesquisa se propôs a desenvolver uma Oficina Pedagógica que possibilitasse a ressignificação da prática educativa relacionada à Educação Patrimonial com os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), bem como a valorização do patrimônio cultural local a partir da instituição museal Casa Margarida Maria Alves.

Ao chegarmos ao término desta pesquisa foi possível perceber que nossa indagação com relação à ressignificação da prática pedagógica, no que se refere ao museu existente no município de Alagoa Grande-PB – Museu Casa Margarida Maria Alves – para desenvolver atividades significativas, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, nas turmas do 1º ao 5º ano, não é mais tão preocupante como apresentado no início deste estudo.

A partir dos resultados, foi comprovado que à medida que a ação educativa – oficina pedagógica – era vivenciada, o Museu Casa Margarida Maria Alves ganhou um novo olhar e tornou-se um espaço de memória e entrelaçamento de histórias. Esse novo olhar foi atribuído a partir do momento que compartilhávamos nossas histórias e percebíamos nossa inter-relação com os objetos museais, muitos dos objetos que fizeram parte da vida de Margarida também faziam parte da vida de todos os participantes naquele lugar, e essa percepção possibilitou-nos uma maior aproximação com o museu e o olhar para o museu foi ressignificado.

Constatamos a relevância deste estudo tanto para os professores participantes como para a professora pesquisadora, tendo em vista que foi uma ação educativa vivenciada de maneira colaborativa, onde todos deram suas valiosas contribuições. O diálogo e as trocas de experiências permearam a oficina, possibilitando que todos aprendessem e ensinassem, favorecendo o aprimoramento dos conhecimentos e valorizando o outro enquanto sujeito produtor de conhecimento. Nesse sentido, também valorizamos os artistas locais, visto que (re) conhecemos e exploramos suas músicas e cordéis em nossos encontros.

A vivência dos encontros suscitou grandes reflexões em relação à inserção de práticas voltadas ao Museu Casa Margarida Maria Alves no dia a dia escolar, inclusive, o reconhecimento da necessidade de reorganizar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola para a incorporação da temática trabalhada foi um dos questionamentos ressaltados durante a oficina. Além disso, também viabilizou as mais diversas e criativas ideias a serem postas em

prática, contribuindo com o fazer pedagógico dos professores participantes, estimulando-os a elaborar um roteiro de atividades voltadas para o Museu Casa Margarida Maria Alves.

Durante a exposição oral desses roteiros de atividades, surgiram muitas possibilidades para inserção da temática nas aulas. E como cada professor participante elaborou o seu roteiro, as atividades foram adequadas à realidade de cada série.

Os professores evidenciaram a importância da visita ao museu, portanto, todos colocaram em seus roteiros essa atividade, com vistas a explorá-lo de maneira diferenciada, como sugerido por uma professora do 3º ano.

A professora do 1º ano objetiva que os alunos conheçam a história de Margarida Maria Alves e, para esta finalidade, além de levá-los para conhecerem o museu, a fim de (re) conhecerem e explorarem seus objetos, pretende também se apropriar e explorar diversas fotografias da líder sindical para facilitar esse conhecimento pelos alunos.

Ao descreverem suas ideias, as professoras das turmas do 2º ano compartilharam as seguintes abordagens: uma achou pertinente unir a vida de Margarida às habilidades artísticas dos alunos e, por isso, mencionou que vai desenvolver uma peça teatral sobre a vida e o momento da morte de Margarida, peça que será realizada no próprio museu; enquanto que a outra pretende explorar a vida de Margarida e, em seguida, fazer a produção coletiva de um poema com os alunos e a ilustração do mesmo.

Explorar a história de Margarida Maria Alves por meio da realização de atividades em grupo também é de interesse de uma professora do 4º ano. Ouvir as memórias dos familiares com relação à pessoa de Margarida para enriquecer os conhecimentos que serão retratados será uma das atividades realizadas na turma do 5º ano. Averiguar o poder da luta de Margarida em prol dos direitos dos trabalhadores rurais e discutir o efeito da Marcha das Margaridas no Brasil também foram atividades mencionadas por outro professor do 5º ano.

A oficina pedagógica, produto do mestrado profissional, fomentou novas formas de exploração do patrimônio cultural local. Outras atividades também foram mencionadas como veremos nos roteiros dispostos no Material de Apoio Pedagógico, no Apêndice deste trabalho.

De um modo geral, durante a socialização dos roteiros, podemos perceber que os professores participantes estão motivados a ressignificarem suas práticas, no tocante ao Museu Casa Margarida Maria Alves, percebendo, pela vivência da oficina, o quanto ele favorece o desenvolvimento das mais diversas atividades.

Esta pesquisa nos proporcionou vivências únicas, singulares. Adentrar no museu para participar de uma ação educativa, sobretudo pelo fato de que seu último encontro ocorreu dezoito anos após sua inauguração, numa sala destinada a ser Centro de Estudos das Questões

Agrárias Maria da Penha, até então nunca utilizada para esse fim, proporcionou-nos uma satisfação imensa.

Lamentamos o fato de o museu não ser registrado, mas nos alegamos em saber que nossa busca por documentos que evidenciassem sua legalização conscientizou aqueles que procurávamos e que também se surpreenderam com essa ausência. Esperamos que em breve essa situação seja resolvida e que o Museu Casa Margarida Maria Alves tenha sua legalidade cabível.

No momento da avaliação final, em que os professores participantes puderam discorrer sobre a oficina vivenciada, percebemos a sua relevância para a vida profissional e pessoal de cada um. Fomos capazes de nos conhecer mais, ouvimos e percebemos mais o outro e também refletimos e sentimos a necessidade de melhorar a nossa prática pedagógica.

As situações acima elencadas evidenciam que alguns frutos do nosso trabalho já foram colhidos. Entretanto, continuaremos incentivando para que as diversas e criativas ideias explanadas sejam realmente realizadas. Esperamos também que esta pesquisa possa abrir novos horizontes e contribuir com estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e Patrimônio**. Ensaios Contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia de. Identidade Cultural, Educação e Museus: Desenvolvendo a educação patrimonial na escola. **Revista Observatório da Diversidade Cultural**, v. 3, n. 1, 2016.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades**. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- AS-PTA. **Programação lembra os 30 anos do assassinato de Margarida Maria Alves na Paraíba**, 2013. Disponível em: <http://aspta.org.br/2013/08/programacao-lembra-os-30-anos-do-assassinato-de-margarida-maria-alves-na-paraiba/>. Acesso em: 20 mai. 19.
- ÁVILA, Cristiane Bartz de; RIBEIRO, Angela Mara Bento; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. Educação Patrimonial e o museu: a articulação entre história, memória e práticas pedagógicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428333861_ARQUIVO_ANPUH_2015_entregar1.pdf. Acesso em: jul.19.
- BARBOSA, Sebastião. **A Mão Armada do Latifúndio, Margarida: quantos ainda morrerão?** João Pessoa: União. 1984.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São. Paulo: Cortez, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República do Brasil**. 36 ed. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Saraiva de Legislação).
- CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira; PESTANA, Marlon Borges; SANTOS, Josiel dos; MATIAS, Carlos dos Passos Paulo. Patrimônio e Cidadania: a Educação Patrimonial nas escolas e a formação cidadã. **Memorare**, Tubarão, SC, v. 3, n. 1, p. 95-113, jan./abr., 2016. ISSN: 2358-0593.
- CANDAU, V. M., ZENAIDE, M. N. T. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos**, João Pessoa: Programa Nacional de Direitos Humanos; Secretaria da Segurança Pública do estado da Paraíba; Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1999.

CARMEM, Zeli de Vargas Gil; ZITA, Rosane Possamai. Educação Patrimonial: percursos, concepções e apropriações. **Mouseion**, Canoas, n. 19, dez., 2014, p. 133-26. ISSN 1981-7207

CAVALCANTI, Luciana Araújo. **A história local no currículo da educação básica**. Orientador: José Batista Neto. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

CHAGAS, Mario. A poética das casas museus de heróis populares. **Mosaico**, v. 4, n. 4, 2010.

CHAGAS, M. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. *In*: TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). Educação Patrimonial – educação, memórias e identidades. **Caderno Temático 3**, v. 3, 1 ed., João Pessoa: Iphan, 2013, p. 27-31.

CHAGAS, Mário. Museus: Antropologia da memória e do patrimônio. *In*: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, n. 31, p. 20, 2005.

CHAVES, R. **Margarida Maria Alves**, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 3 nov.18.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **A luta das Mulheres do Campo: Margarida Maria Alves**, 2017. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/cpt/3668-a-luta-das-mulheres-do-campo-margarida-maria-alves>. Acesso em: 9 set.18.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Chão de pedras, céu de estrelas: o museu-escola do museu da inconfidência**, Ouro Preto, década de 1980. 2011. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

DUARTE, Emmy Lyra. GRACÍA, María Franco. Movimentos de mulheres trabalhadoras no estado da Paraíba, Brasil: gênero e autonomia. **Interespaço**, Grajaú/MA, v. 1, n. 3, 2015, p. 132-151. (Edição Especial)

FERREIRA. Ana Paula Romão de Souza. **Margarida, Margaridas: memória de Margarida Maria Alves (1933 – 1983) e as práticas educativas das mulheres camponesas na Paraíba**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

FERREIRA. Ana Paula Romão de Souza. Pedagogia do feminino: Margarida Maria Alves na luta pela terra. *In*: SCHEIDER, L.; MACHADO, C J. dos S. (orgs.). **Mulheres no Brasil: resistência, lutas e conquistas**. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2009, p. 67-84.

FERREIRA, Márcia Regina Rodrigues. **História, memória e educação das sensibilidades: o processo de patrimonialização da Casa Lambert de Santa Teresa-ES**. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2015.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 258, ago., 2002.

Fetaemg mobiliza a maior participação na 5ª Marcha das Margaridas. Disponível em: <http://www.fetaemg.org.br/site/index.php/all-category/geral/1885-9fetaemg-mobiliza-a-maior-participacao-na-5-marcha-das-margaridas>. Acesso em: ago. 19.

FETASE. Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe. **Marcha das Margaridas**, 2019. Disponível em: <http://fetase.org.br/mobilizacoes/marcha-das-margaridas/>. Acesso em: 02 mai. 19

FLORÊNCIO, Sônia R. Rampim *et al.* **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília: Iphan, 2014.

FRANÇA, D. P. I. **A ação pastoral da Igreja Católica de Guarabira na luta pela terra em Alagoa Grande-PB.** 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: sua História de 1625 a 2000.** 1. 2. edição revista e aumentada 1. João Pessoa: a União, 2002.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: sua História de 1625 a 2000.** 2. 2. edição revista e aumentada 2. João Pessoa: a União, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FRONZA-MARTINS, A. S. **Da magia à sedução: ações educativas formativas para universitários em museus paulistanos.** 2017. 171 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

FUNDAÇÃO MARGARIDA MARIA ALVES. **“É melhor morrer na luta que morrer de fome”.** Disponível em: <http://www.fundacaomargaridaalves.org.br/homenagens/>. Acesso em: 9 set. 18.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. *In*: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e seu tempo.** São Paulo: UNESP, 2008, p. 223-235.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA: NOVOS PROBLEMAS E NOVAS ABORDAGENS, 7., 2006. **Anais [...].** Belo Horizonte, 2006.

GLOBO.COM. **Assassinato de Margarida Maria Alves completa 30 anos na Paraíba,** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/08/assassinato-de-margarida-maria-alves-completa-30-anos-na-pb.html>. Acesso em: 8 set. 18.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, Mai./Jun., 1995.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: Iphan, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, M.L.P. GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN.

Patrimônio cultural, 2005. Disponível em:

portal.iphan.gov.br/files/questionario_cadastro_nacional_de_museus.doc. Acesso em: 1 set. 17.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN.

Patrimônio cultural. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>.

Acesso em: 1 set. 17.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

Superintendência do Iphan na Paraíba. Casa do Patrimônio da Paraíba. **Educação**

Patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade. Caderno Temático 4. Organização, Átala Bezerra Tolentino [et al.], João Pessoa: Iphan, 2014.

JUNIOR, A. G. S. **Educação Patrimonial, história local e ensino de história**: uma proposta para o trabalho docente. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEITE, Marcelo H. Qual é o lugar do museu no campo de pesquisa do ensino de história? *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2004, Brasília. **Anais [...]**. Brasília, DF, 2004.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARTINS, Lucciane Guedes da Luz. Caudilhos no Rio Grande do Sul: uma revisita à memória dessa época polêmica da história rio-grandense. *In*: SOARES, André Luis Ramos (org.). **Educação Patrimonial: Teoria e Prática**. Santa Maria: UFSM, 2007.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MELO, Vilma de Lurdes Barbosa e. **História local: contribuições para pensar, fazer e ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MEMÓRIAS CULTURAIS. **MUSEU** – Casa Margarida Maria Alves, 2012. Disponível em: <http://memoriasculturais.blogspot.com/2012/03/casa-margarida-maria-alves.html>. Acesso em: 8 set. 18.

MENESES, Ulpiano Bezerra. A pesquisa no museu como produção de conhecimento original. Seminário sobre Museus-Casas (4:2000: Rio de Janeiro, RJ). *In*: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS: PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO, 4., Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002, 268 p.

MUSEUSBR. **Museus**. Disponível em: [http://museus.cultura.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(space:!t\),filterEntity:space,locationFilters:\(address:\(text:'Alagoa%20Grande%20PB'\)\)](http://museus.cultura.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!t),filterEntity:space,locationFilters:(address:(text:'Alagoa%20Grande%20PB'))). Acesso em: 11 nov.18.

NETO, Otávio Cruz Neto. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo-SP, PUC-SP, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Luciane Monteiro; OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de. Educação Patrimonial, memória e saberes coletivos. **Revista de Arqueologia**, 17: 75-84, 2004.

OTTO, Clarícia. Educação patrimonial: desafios formativos e perspectivas da história escolar para crianças. **Intersaberes**, vol. 11, n.22, p. 140-155, jan./abr., 2016.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, n. 60, p. 143-154, 2010.

PAIM. Aida Rotava; PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima; GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Tessitura de memórias e histórias educacionais: projeto marcos históricos e geográficos da cidade de Campinas/SP. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 7, Jul./Dez., 2012. ISSN- 2177-4129

PAIM, Elison Antonio; TAVARES, Isadora Nunes. A educação patrimonial em escolas e universidades. *In*: PAIM, Elison Antonio. **Patrimônio cultural e escola: entretecendo saberes**. 1. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

PARAHYBA. **Informativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba** – IPHAEP. João Pessoa/PB, Ano II, n. 01., 2016.

PARAHYBA. **Informativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba** – IPHAEP. João Pessoa/PB, Ano II, n. 02., 2017.

PARAÍBA. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, Alagoa Grande, 2015, 68 p.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PEREIRA, Júnia Sales; COSTA, Júlio César Virgínio da. Os sentidos da formação atribuídos por professores na pré-visita a um museu: o espaço do educador e sua contribuição para uma formação docente. PAIM, Elison Antonio; GUIMARÃES, Maria de Fátima (orgs.). **Educar em tempos e espaços que se cruzam** (ruas, escolas, museus e arquivos). 1. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015. 210 p. (Série Cadernos do Patrimônio Cultural, v.1)

POLLAK. Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RIBEIRO, D. L. G. S.; CASTRO, R. C. A. M. Estado da arte, o que é isso afinal? *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais [...]**. Natal, RN, 2016. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID9733_15082016120453.pdf. Acesso em: 10 jun. 18.

ROCHA, Guilherme Salgado. **Margarida Alves**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1996. (Coleção construtores da justiça e da paz)

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF**. ENCONTRO REGIONAL (ANPUH-MG), 18., Juiz de Fora, 2012. Disponível em: https://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: jun. 19.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. 2002. 146 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T.. As Pesquisas Denominadas do Tipo "Estado da Arte" Em Educação. **Diálogo Educacional**, vol. 6, n. 19, 2006, p. 37-50.

ROSSI, Claudia Maria Soares. **Saberes docentes sobre educação patrimonial: análise de uma experiência na educação básica**. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Federal de Lavras, Lavras: UFLA, 2015.

SABALLA, Viviane Adriana. Educação Patrimonial: “Lugares de Memória”. **Mouseion**, v. 1, Jun., 2007.

SAMPAIO, Cristiane. **Marcha das Margaridas termina com demonstração de força e união de 100 mil** camponesas, 2019. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2019/08/14/marcha-das-margaridas-se-encerra-com-mostra-de-forca-de-100-mil-mulheres-camponesas/>.

SANTOS, A. C. **Patrimônio cultural e história local: a educação patrimonial como estratégia de reconhecimento e fortalecimento do sentimento de pertença à cidade de contagem**. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Lucicleide Gomes dos; PACHECO, Ilza Alves. Oficina de educação patrimonial para o ensino fundamental em Aquidauana, MS. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo. Anais da I Semana de Arqueologia, Suplemento 8: 149-153, 2009.

SATER, A. TEIXEIRA, R.. **Tocando em frente**. Disponível em:
<https://www.vagalume.com.br> > Sertanejo > A > Almir Sater. Acesso em: 02 mai. 17.

SCHNEID, Carla Rejane Barz Redmer. **Educação Patrimonial: projetos de ensino por meio de bens patrimoniais do Município de São Lourenço do Sul (RS)**. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

SCIFONI, S. Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema. *In*: TOLENTINO, Á. B. (org). **Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. Caderno Temático 2. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012, p. 5-36.

SCIFONI, Simone. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Teias**, v. 18, n. 48, Jan./Mar., 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. Ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, M. A. P. Construindo memórias: educação patrimonial em sala de aula. **Revista CIENTIF – IFSul Charqueadas Academic Journal**, 1 ed., Ano 1/jan., 2018.

SILVA, Maria Claudia Ferreira da. **Marcha das Margaridas – 1 ed.** – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

SOARES, André Luis Ramos (org.). **Educação Patrimonial: Teoria e Prática**. Santa Maria: UFSM, 2007.

TARGINO, Itapuan Botto. **Patrimônio Histórico da Paraíba – 2000/2002**. João Pessoa: Ideia, 2003.

TARGINO, Maria Ivonilde Mendonça. **Uma experiência de educação patrimonial na cidade de João Pessoa**: o processo de elaboração das cartilhas do patrimônio pelo IPHAEP. 1980/2003. 2007. 324 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TOLENTINO, Á. B. (org). **Educação Patrimonial**: reflexões e práticas. Caderno Temático 2. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

TORRES, T. C. P. **Educação patrimonial na escola**: uma experiência entre o ensino de História e o Patrimônio Cultural em Pedro Osório (RS). 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem) – Universidade Federal do Rio Grande, RS, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto Político Pedagógico**: Uma construção possível. 16. ed. Cortez, 2001.

VERGARA, Ildaiane Pintanela; CHAVES, Rafael Teixeira; ROBERTO, Yanne Alves; GASTAUD, Carla Rodrigues. Brincando para Lembrar, Memória e Patrimônio na Contemporaneidade. **Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura**, v. 02, n. 01, 2016, p. 102-105.

VICENTE, Zé. **Canção pra Margarida**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-vicente/988269/>. Acesso em: 03 nov. 18.

WIKIPEDIA. **Marcha das Margaridas**, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Margaridas. Acesso em: 02 mai. 19.

WOORTMANN, Ellen F; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (orgs.). **Margarida Alves**: coletânea sobre estudos rurais e de gênero: NEAD Especial. Brasília: MDA, IICA, 2006.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO



**Museu Casa Margarida Maria Alves
Alagoa Grande- PB**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES

MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO
MUSEU CASA MARGARIDA MARIA ALVES
Alagoa Grande-PB

Autora
Gercimária Sales da Silva

Orientador
Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Campina Grande-PB
2019

ORGANIZADORES



GERCIMÁRIA SALES DA SILVA - AUTORA



Gercimária Sales da Silva é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos (FIP); Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. É professora efetiva da rede municipal de Alagoa Grande/PB e de Alagoinha/PB.

PROF. DR.: JOÃO BATISTA GONÇALVES BUENO - ORIENTADOR

João Batista Gonçalves Bueno possui Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Campinas. É Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III - Guarabira - PB. Membro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. Membro efetivo do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Faz pesquisas na área de Ensino de História, memória e descolonização do saber, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, história, imagens, currículos multiculturais e relações étnico-raciais.



S U M Á R I O

1 – ETAPAS DA OFICINA PEDAGÓGICA “RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA – CASA MARGARIDA MARIA ALVES”	6
1º ENCONTRO	6
2º ENCONTRO	7
3º ENCONTRO	7
2- TEXTOS UTILIZADOS PARA FUNDAMENTAR AS DISCUSSÕES.....	9
2.1- Patrimônio	9
2.2- Memória	10
2.3 - Museu Casa Margarida Maria Alves.....	13
2.4- Margarida Maria Alves	17
2.5- Educação Patrimonial.....	21
3- MARGARIDA MARIA ALVES EM MÚSICAS, POESIAS E CORDEL	24
4- ROTEIROS DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS ELABORADO PELOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA OFICINA.....	7
4.1- 1º ano.....	7
4.2- 2º ano.....	9
4.3- 3º ano.....	16
4.4- 4º ano.....	18
4.5- 5º ano.....	20
REFERÊNCIAS.....	25

APRESENTAÇÃO



Caros (as) professores (as),

O presente Material de Apoio Pedagógico é resultado do planejamento e execução de uma ação educativa intitulada “Oficina Pedagógica: Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves”, realizada no Museu Casa Margarida Maria Alves, que fica localizado em Alagoa Grande/PB. Os participantes colaboradores desta oficina constituem o corpo docente que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, também localizada em Alagoa Grande/PB.

Esta Oficina Pedagógica é produto de um trabalho de pesquisa, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, intitulado “EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ação educativa no Museu Casa Margarida Maria Alves – ALAGOA GRANDE/PB”. A Oficina foi realizada durante os dias 08, 15 e 26 de agosto do corrente ano. Com a realização desta ação educativa objetivamos propiciar a ressignificação da prática pedagógica no tocante ao patrimônio cultural local Museu Casa Margarida Maria Alves.

Dessa forma, disponibilizamos este Material de Apoio Pedagógico que visa apresentar possibilidades metodológicas que fomente a reflexão e a ressignificação da prática pedagógica voltada ao patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves.

Neste material, estão descritas as etapas da oficina pedagógica, os textos que fundamentaram as discussões, incluindo as músicas, poesias e cordéis relacionados à Margarida Maria Alves e os roteiros de atividades pedagógicas elaborados pelos professores participantes da oficina.

Esperamos contribuir com todos aqueles que buscam ressignificar suas práticas, suscitando novas formas de exploração e apropriação do patrimônio cultural local.

Boa leitura!

Os autores.



1 – ETAPAS DA OFICINA PEDAGÓGICA “RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA – CASA MARGARIDA MARIA ALVES”

A Oficina Pedagógica “Ressignificando memórias e histórias de vida – Casa Margarida Maria Alves” contou com a participação dos professores que lecionam no Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º ano) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, Alagoa Grande/PB. Essa ação educativa foi desenvolvida no Museu Casa Margarida Maria Alves como forma de proporcionar uma maior aproximação com o objeto de estudo.

A oficina teve duração de três encontros, desenvolvidos durante o mês de agosto de 2019, nos dias 08, 15 e 26, tendo como objetivo geral propiciar a ressignificação da prática pedagógica no tocante ao patrimônio cultural local Museu Casa Margarida Maria Alves. Quanto aos objetivos específicos, visou possibilitar o reconhecimento do Museu Casa Margarida Maria Alves como “lugar de memória”, atribuindo-lhe sentido na experiência vivida; ampliar a possibilidade de ressignificação do olhar para o acervo do Museu Casa Margarida Maria Alves; favorecer a vivência de uma ação educativa que prime pela construção coletiva do conhecimento, na troca de experiências por meio do diálogo; e contribuir na elaboração de um roteiro com sugestões de atividades voltadas para o Museu Casa Margarida Maria Alves. Durante a oficina, os professores puderam refletir sobre suas práticas e discutir a importância de abordar o patrimônio cultural local Casa Margarida Maria Alves em suas aulas, de forma significativa.

A seguir, descreveremos as etapas de cada encontro.

1º ENCONTRO

- ✓ Apresentação da oficina e exposição de seus objetivos;
- ✓ Distribuição de material a ser utilizado durante os encontros da oficina;
- ✓ Exposição das perspectivas dos professores participantes com relação à oficina;
- ✓ Realização de diálogo acerca das temáticas Patrimônio e Memória. E entrega de textos para fundamentar as conversações;

- ✓ Roda de conversa para compartilhar a memória do objeto antigo significativo para a vida de cada um (o objeto foi solicitado previamente, antes do primeiro encontro), rememorando as experiências vivenciadas no passado com cada um deles;
- ✓ Registro escrito das memórias compartilhadas, da maneira que melhor convir;
- ✓ Entrega de lembrancinhas aos professores participantes e encerramento.

2º ENCONTRO

- ✓ Realização de um passeio pelo museu, observando atentamente todos os seus espaços na busca por um objeto que rememore a história de vida de cada um, reconhecendo nos objetos de Margarida aquilo que se relaciona com a vida de cada um. E exposição oral desse objeto;
- ✓ Explicação de aspectos ligados à historização do Museu Casa Margarida Maria Alves, diálogo e distribuição de texto de apoio;
- ✓ Vivência da dinâmica “Cantando e recitando Margarida vamos vivenciando”, de forma lúdica, interativa e com utilização de recurso tecnológico como caixa de som, caixa de mdf e material impresso contendo poesias, cordéis e músicas, buscando abordar alguns aspectos que envolvem a história de Margarida Maria Alves. Dentro da caixa de mdf continha papéis que versavam sobre as músicas a serem ouvidas, assim, ouvia-se a música, cantava-se e teciam-se considerações, buscando perceber a relação com a história de Margarida. Nesse movimento interativo, os conhecimentos de cada sujeito colaborador com relação à pessoa Margarida foram compartilhados;
- ✓ Entrega de lembrancinhas aos professores participantes e encerramento.

3º ENCONTRO

- ✓ Realização do momento “Hora da novidade” a partir da utilização de uma mala retrô contendo objetos antigos, tais como vestido, relógio, lenço e chapéu, capazes de aflorar memórias ao passado da líder sindical Margarida Maria Alves. Algumas inferências aconteceram a fim de que fossem descobertos os objetos;
- ✓ Após descoberta e exploração dos objetos, um dos participantes se caracterizou da sindicalista e, usando de criatividade, incorporou a personagem, proferindo

entusiasmada uma de suas célebres frases: “É melhor morrer na luta do que morrer de fome!”;

- ✓ Realização de discussões acerca dos seguintes temas: Margarida Maria Alves e Educação Patrimonial. Seguimos duas abordagens diferentes para cada temática. Para as discussões que norteariam Margarida, adotamos a seguinte forma: foram fixadas antecipadamente embaixo das cadeiras algumas perguntas com indagações de certo ou errado, para provocar reflexões e verificar o nível de conhecimento sobre a vida da sindicalista. As perguntas envolviam sua vida pessoal e sindical. Ao final, houve a distribuição de um texto relacionado. E com relação à Educação Patrimonial, também nos apropriamos de um texto específico para contribuir com as reflexões. Como nossos encontros eram permeados pelo diálogo e pela troca de experiências, os professores participantes foram estimulados a ler o texto de maneira fragmentada para que os debates fossem ampliados.
- ✓ Roda de conversa acerca das práticas pedagógicas relacionadas ao patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves no cotidiano escolar. Algumas perguntas foram utilizadas para desencadear essas discussões: Quais práticas pedagógicas voltadas para o Museu Casa Margarida Maria Alves ocorrem no espaço escolar? Como posso ressignificar esse conhecimento na sala de aula? Como apresentar o museu a partir da experiência dessa oficina?
- ✓ Após reflexão sobre o fazer pedagógico, foram sugeridas novas práticas educativas como forma de inserir o museu no espaço escolar, por meio da elaboração de um roteiro com atividades pedagógicas voltadas ao patrimônio local Museu Casa Margarida Maria Alves, realizado por cada professor participante;
- ✓ Socialização dos roteiros de atividades;
- ✓ Avaliação da Oficina Pedagógica;
- ✓ *Coffee break*, entrega de lembrancinha e encerramento da oficina.



2- TEXTOS UTILIZADOS PARA FUNDAMENTAR AS DISCUSSÕES

2.1- Patrimônio

O patrimônio é um campo em discussão que assume diferentes sentidos. Ao falar dele, temos a pretensão de desmitificar alguns termos e, por vezes, conceitos associados apenas à herança familiar e construções antigas. Geralmente, evidenciava-se como patrimônio apenas o patrimônio histórico-arquitetônico, porém, ao longo do tempo, esse conceito tornou-se mais amplo, incorporando outros tipos de manifestações, sendo denominado de patrimônio cultural.

O patrimônio histórico e artístico nacional foi definido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, como o “conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. Porém, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio, substituindo a nomenclatura inicial Patrimônio Histórico e Artístico nacional por Patrimônio Cultural brasileiro, definindo-o como:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2005).

O patrimônio material constitui-se por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: histórico, belas artes, artes aplicadas, arqueológico, paisagístico e etnográfico. Eles estão divididos em bens imóveis, como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais, ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

O patrimônio imaterial compreende as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, instrumentos, objetos, artefatos e lugares que são reconhecidos por comunidades como parte integrante de seu patrimônio cultural. É caracterizado por sua transmissão de geração para geração e por sua constante recriação pelas comunidades em função de seu ambiente, interação com a natureza e de sua história. Esse processo de construção e reconstrução gera um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Portanto, quando nos referimos a uma feira, uma celebração, um museu, um causo, uma construção antiga, uma paisagem e tantas outras manifestações, estamos nos referindo ao patrimônio cultural brasileiro. E como tornar esse patrimônio cultural brasileiro presente em nosso meio? Valorizando-o, reconhecendo-o como parte de nossa memória e de nossa história. Eis um desafio possível em que podemos utilizar um espaço bastante favorável para esse fim, o espaço escolar.

Introduzir o patrimônio no meio escolar favorece aproximar o aluno de espaços de memória, contribui na construção de sua identidade cultural, fortalece o sentimento de pertencimento pela história local, bem como a valorização e preservação desse patrimônio. É preciso que essa valorização passe pela ação pedagógica através de ações voltadas para a sensibilização e reflexão.

2.2- Memória

Nossa dissertação busca propiciar a ressignificação do olhar no tocante ao patrimônio cultural local existente no município de Alagoa Grande-PB, mais especificamente, o Museu Casa Margarida Maria Alves, um lugar cheio de histórias e memórias que remetem a um passado que pode provocar lembranças e, ao mesmo tempo, esquecimentos. Muitas vezes, rememorar o passado nos traz alegrias, mas também dores, angústias que, às vezes, optamos por esquecer.

Ao diferenciar história e memória, Nora (1993) reflete:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...] vulnerável a todos os usos e manipulações [...]. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado (NORA, 1993).

O conceito de memória permite-nos reviver nossas lembranças pessoais, nossas experiências vividas, situações que são armazenadas em nossas mentes e que somos capazes de lembrar. Para impulsionar nossas reflexões em relação à memória, recorremos a autores como Le Goff (1990), Nora (1993) e Halbwachs (2006).

Em seu livro “História e memória”, Le Goff (1990, p. 423) define memória como sendo a “propriedade de conservar certas informações [...] pelas quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”, apontando as principais transformações sofridas pela memória, a partir do estudo das sociedades sem escrita, nas quais existiam os especialistas da memória, os homens-memória, eram eles que guardavam os códices reais, as histórias da corte (LE GOFF, 1990).

Com o aparecimento da escrita ocorreram profundas transformações com a memória coletiva. A escrita possibilitou à memória coletiva um duplo progresso: a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo, de um acontecimento memorável, assumindo a forma de inscrição e suscitando na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia; e o documento escrito, que apresentava duas funções principais: o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, como também assegurar a passagem da esfera auditiva à visual, permitindo “reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas” (GOODY *apud* LE GOFF, 2003, p. 433).

Maurice Halbwachs (2006), em seu livro “A memória coletiva”, evidencia que existem memórias individuais e coletivas. Para ele, a memória individual não está inteiramente isolada e fechada, de modo que

[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque, jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória individual sempre estará ligada à memória de um grupo (memória coletiva), sendo influenciada por diversos fatores externos. A memória é, assim, um elo entre presente e passado. Podemos indagar como esse passado foi constituído, de que forma ele fundamenta o presente, e como podemos reconhecer e valorizar a memória coletiva da localidade que estamos inseridos. Um dos caminhos que nos permite a reflexão dessas indagações é o caminho educacional.

Compreendemos que ações voltadas para a questão patrimonial contribuem para valorização das memórias locais, aproximação das pessoas com os bens públicos, cria vínculos, identificação e pertencimento com estes “lugares de memória”, expressão utilizada por Pierre Nora (1993) para se referir aos museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e associações.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui [...]. (NORA, 1993, p. 13).

Também destacamos as contribuições de Galzerani (2006), que nos apresenta uma concepção de memória ancorada em Benjamin:

Articula o conceito de memória ao conceito de narrativa [...] ele propõe mergulhar o discurso nas experiências vividas. Enfatiza que as práticas narrativas devem se assentar no desapontamento da concepção absoluta da verdade, deixando vir à tona pessoas mais inteiras, na relação com outras pessoas, situadas no presente, dialogando com o passado, mas abertas ao futuro. Pessoas deixando transparecer suas certezas, mas também suas incompletudes. Pessoas que renunciam a tudo preencher, para deixar que algo do outro possa dizer-se (GALZERANI, 2006, p. 4).

Uma concepção de memória fortemente articulada ao conceito de rememoração. Para Benjamin, “rememorar significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro” (GALZERANI, 2006, p. 3).

Promover uma ação educativa dentro do Museu Casa Margarida Maria Alves com os professores das séries iniciais (1º ao 5º ano), da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino Montenegro, é reconhecer sua função formadora, estreitando os laços com os docentes e a escola, ação que provoca (re) descobertas e favorece a ressignificação do olhar à medida que possibilita a rememoração do passado, por meio do diálogo, onde os sujeitos colaboradores compartilham suas experiências uns com os outros, e passam a se identificar com esse “lugar de memória”.

Acreditamos que o espaço museal a partir de um novo olhar possa indicar caminhos para inovadoras ações educativas, permitindo uma aprendizagem prazerosa e significativa no âmbito escolar. “Lugares de memória” que devem contribuir significativamente para

construção da identidade cultural dos indivíduos, promover reflexão relacionando passado e presente, sendo reelaborados e ressignificados por quem o visita.

2.3 - Museu Casa Margarida Maria Alves

A Casa Margarida Maria Alves como foco nessa pesquisa decorre de sua transformação em museu, símbolo da identidade local e, portanto, representação de um tempo vivido em detrimento de uma história de uma mulher que teve sua vida ceifada de forma trágica, provocando em seus familiares e admiradores tristeza, indignação, comoção, mas também dando voz e vez a importantes reivindicações por melhores condições de trabalho no campo, a exemplo da “Marcha das Margaridas”.

Adentrar nesse espaço, símbolo de história, é um convite a novos olhares, a uma reflexão sobre o passado, a conhecer um pouco da história de vida de uma mulher que se tornou um ícone e que elucida aspectos relevantes para a história local. Do mesmo modo que nos incita a olhar para nós mesmos, para nossa história, fazendo-nos reconhecer e relacionar aspectos importantes de nossa vida que se cruzam e se complementam com a história de vida de uma mulher corajosa, determinada e justa.

A transformação da casa em museu permite-nos compreender o patrimônio cultural como espaço de expressão das relações dos sujeitos com a sua história, suscitando-nos questionamentos fundamentais acerca da transformação de um bem em patrimônio.

Na perspectiva de Ferreira (2015, p. 34), seu processo de patrimonialização busca

[...] romper com concepções tradicionais que relacionam os bens patrimoniais a um passado idealizado e nostálgico. Considerados intocáveis e distantes da experiência dos sujeitos do tempo presente, esses bens seriam destinados à contemplação. Em contraposição a essa concepção, o trabalho investigativo sobre a questão patrimonial deve ressaltar as experiências vividas pelos sujeitos e grupos sociais, as diferentes visões de mundo e sensibilidades e o entrecruzamento do presente e passado.

Portanto, entretecendo os fios que ligam o passado e o presente, podemos refletir como uma líder sindical do estado da Paraíba passou a ser conhecida nacionalmente e internacionalmente após sua morte ser noticiada nos principais jornais da época, a exemplo do Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, Le Monde de Paris, entre outros.

Esse triste fim silenciou Margarida Maria Alves, mas outras vozes ecoaram e ecoam em defesa dos menos favorecidos, outras “margaridas” surgiram. Em algumas pessoas, despertou querer conhecer a história de vida de Margarida, sobretudo pessoas ligadas a

movimentos sociais, e, em outras, o desejo de fazer na cidade um espaço de referência para essa líder sindical. Dessa forma, faz-se necessário contextualizar a história desse patrimônio local, destacar aspectos que circunstanciaram a transformação da casa que se tornou símbolo da história e memória de Margarida Maria Alves em museu. A narrativa a seguir explica como esse desejo suscitou:

Eu lembro muito bem, na época jovem, do dia doze de agosto de mil, novecentos e oitenta e três, no começo da noite todos nós fomos surpreendidos aqui com o assassinato de Margarida... Vi o tamanho da repercussão que foi esse assassinato aqui em Alagoa Grande, repercutiu o Brasil todo e em vários países também por ser ela uma lutadora, batalhadora do direito do trabalhador, vivenciei isso tudo, eu era estudante na época... e anos depois... prefeito da cidade, comecei a ter essa ideia de construir aqui em Alagoa Grande algo, já que a luta dela foi um marco importante, destruída de forma hedionda, de uma forma brutal e covarde. Então, como é que Alagoa Grande tem um ícone na história do direito do trabalhador rural e não tem nada aqui pra... homenagear, pra ter uma referência? Tive essa ideia... Junto com nossa equipe.... Procurei saber de quem era a responsabilidade pela casa dela, nada melhor do que fazer... na casa dela [...] ¹⁸.

A casa que Margarida morreu estava à venda por seu filho Arimatéia e já tinha até sofrido umas modificações. Algumas iniciativas precisavam ser tomadas para que o desejo suscitado fosse realizado pelo ex-prefeito e por todas as pessoas ligadas à Secretaria de Educação e Cultura da época:

O primeiro passo foi procurar Arimatéia... levantamos um recurso e... a casa passou a pertencer ao município. Uma vez que a casa foi adquirida, o segundo passo foi recuperar a casa. Colocamos o que tinha sido modificado do original da casa, foi reformado, recuperado e a casa voltou ao seu original. Foi modificada porta e janela. Tinha sido colocado um janelão moderno, que não tinha nada a ver com o atual... No dia que ela foi assassinada ela tava debruçada naquela... porta dividida em duas, tava uma porta só, então foi colocado como era originalmente. O segundo passo foi recuperar o imóvel. O terceiro passo foi... fazer um trabalho de busca nos objetos ... de Margarida. Começamos a pesquisar recorte de jornais da época, fui no hospital... peguei o prontuário no dia que ela deu entrada, houve uma doação... de utensílios relacionados a plantador de cana, aqui, acolá, alguém chegou e doou um livro... Além disso apareceu uma cadeira que Margarida ficava sentada... nós tivemos uma certa dificuldade na época por questões político partidário, hoje não existe mais... e determinado partido político não quis ajudar em nada no sentido de disponibilizar os utensílios da época, qualquer que fosse móvel, objetos dela... por outro lado a Irma dela D. Quininha e familiares deram todo apoio... fizeram de tudo pra disponibilizar. Depois de muita luta, de muito tempo, devagarinho, foi recuperado as coisas dela ¹⁹.

É pertinente destacar essa ajuda de seus familiares, pois muitos anos já haviam se passado desde a morte da líder sindical em 1983, sem dúvida, a busca para que o acervo do

¹ Entrevista concedida pelo ex-prefeito Hildon Régis Navarro Filho (na época do PDT – Partido Democrático Trabalhista) à pesquisadora em agosto de 2019.

² Entrevista concedida pelo ex-prefeito Hildon Régis Navarro Filho à pesquisadora em agosto de 2019.

museu fosse adquirido seria uma das dificuldades a ser sanada. E mesmo que muitas coisas não tenham sido recuperadas, a casa de Margarida, em si, já é marcante e significativa.

Ao entrarmos no interior do museu, podemos perceber que poucas alterações ocorreram no lugar. A intenção era manter a casa o mais aproximado possível ao dia da morte de Margarida Maria Alves. As pequenas mudanças que ocorreram foram em detrimento da deterioração que o próprio tempo possibilitou acontecer.

Ao percorrermos seus cômodos, percebemos que a história da líder sindical se faz presente de forma singular, através de cada um de seus objetos, incluindo alguns que a ela pertenceu, utensílios utilizados no corte e transporte da cana-de-açúcar, fotografias, documentos como Registro Civil de Casamento e Certidão de Óbito de Margarida, quadros de homenagens incluindo folhetos, panfleto, monografia, recortes de jornais da imprensa nacional e internacional, entre outros. A própria estrutura física do local permite manter vivos os seus ideais. Pelas paredes e cantos do museu, a história dessa líder sindical permite ser vivenciada.

Inicialmente, além do acervo de Margarida Maria Alves, o museu também era utilizado como sede do Movimento de Mulheres, Núcleo de Apoio às Associações do Trabalhador Rural e Centro de Estudos das Questões Agrárias Maria da Penha. Na sala destinada para ser o Centro de estudo das questões agrárias, visualizamos um quadro com sua foto, e na parede uma frase por ela evidenciada “Só quem luta é que sabe a dor que a gente sente”.

A transformação de uma simples casa em museu revela que o mundo museal no Brasil está em transformação. A esse respeito, Chagas (2010, p. 7 e 12) aponta:

Já não são apenas os palácios de reis, príncipes, princesas e nobres; as casas de presidentes, ministros e políticos poderosos; as moradias de empresários e artistas bem sucedidos economicamente ou as residências de colecionadores abastados que produzem museus e conquistam um lugar entre os lugares de memória que constituem a memória social. Observa-se a valorização dos direitos à cultura, à memória, ao patrimônio e ao museu como direitos de todos, como direitos de todas as camadas sociais, de todos os grupos étnicos.

O próprio “Guia dos Museus Brasileiros”, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/ Ministério da Cultura), publicado em 2011, já evidencia a diversidade museal brasileira e aponta para um crescimento expressivo do setor. Traz informações acerca do ano de criação, situação atual, endereço, horário de funcionamento, tipologia de acervo, acessibilidade e infraestrutura para recebimento de turistas estrangeiros e natureza administrativa de mais de três mil museus já mapeados pelo Ibram em território nacional.

Com relação aos museus, a princípio, foram listadas as instituições cadastradas, ou seja, aquelas que preencheram o questionário de cadastramento do CNM (Cadastro Nacional de Museus) e que, portanto, dispõem de um conjunto maior de informações. Em seguida, os museus denominados mapeados, ou seja, as instituições cuja existência é verificada através de contato telefônico ou e-mail, mas que não preencheram o questionário de cadastramento. É possível perceber essa distinção entre museus cadastrados e mapeados através da cor do traço sublinhado presente no título da instituição, de modo que os museus cadastrados estão sublinhados em vermelho e os museus mapeados em cinza.

Na página 119 do documento, podemos encontrar os museus existentes em Alagoa Grande, tais como: o Memorial Jackson do Pandeiro, sublinhado de vermelho, ou seja, como um museu cadastrado; e o Museu Casa Margarida Alves, sublinhado de cinza, indicando ser um museu mapeado.

Em 2009, o CNM passou a adotar o conceito de museu estabelecido no Estatuto de Museus, promulgado pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro. Em seu artigo 1º, a Lei estabelece:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011, p. 16).

Portanto, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram funções museológicas. Neste sentido, enxergamos as funções museológicas do Museu Casa Margarida Maria Alves como um ambiente privilegiado e convidativo para fortalecimento do envolvimento com o patrimônio local, tornando-se um espaço não somente de visita, mas também de interação, conhecimento e vivência.

2.4- Margarida Maria Alves

Margarida Maria Alves, filha de Manuel Lourenço Alves e Alexandrina Inácia da Conceição, nasceu no sítio Jacu, município de Alagoa Grande – Paraíba, em cinco de agosto de 1933. Era a mais nova entre nove irmãos.

Aos vinte e oito anos mudou-se para Rua Olinda, onde permaneceu até sua morte. E casou-se em 1971, com o agricultor Severino Cassimiro Alves, com quem teve seu único filho, José de Arimatéia Alves, em 11 de junho de 1975.

Inicialmente, Margarida foi protagonista de uma história comum a muitas mulheres agricultoras da região até o envolvimento com o sindicato, o que fez com que se tornasse um ícone reconhecido nacionalmente e internacionalmente.

Vivenciou uma atuante participação no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande-PB, fundado em “[...] 9 de julho de 1962, pelo Vigário local padre Geraldo da Silva Pinto e pelos agricultores Álvaro Diniz, Severino Cassimiro Alves [marido de Margarida Maria Alves], Antônio do Nascimento e Manoel Santino” (FREIRE, 2002a, p. 292). Nesse mesmo ano, Margarida acompanhou o sofrimento de seus pais, que foram expulsos da terra onde morava com toda família. Também foi nesse ano que João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas²⁰, foi assassinado em Sapé-PB (FERREIRA, 2005).

Severino Cassimiro Alves, esposo de Margarida Maria Alves, foi o primeiro presidente do referido sindicato, o que provocou forte influência sobre sua atuação. A iniciação de Margarida Maria Alves no sindicato se deu como filiada, em seguida, como secretária, até concorrer aos pleitos de direção. Seu primeiro cargo de comando foi como tesoureira, na gestão de 20 de dezembro de 1967 a 1969. Em 1973, concorreu e foi eleita pela primeira vez presidenta, sendo reeleita, sucessivamente, para os mandatos dos anos de 1976, 1979 e 1982, permanecendo nessa função até ser assassinada.

Margarida esteve envolvida na direção do sindicato por 12 anos e tornou-se a primeira mulher a presidir um sindicato de trabalhadores na Paraíba, algo inédito até o momento para a época, assim como o fato de ter sido reeleita sucessivas vezes para esse mesmo cargo. Além de ter participado do sindicato de Alagoa Grande durante vinte e três anos, Margarida também

⁴ As Ligas Camponesas foram organizações de camponeses formadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) a partir de 1945. Foi um dos movimentos mais importantes em prol da reforma agrária e da melhoria das condições de vida no campo no Brasil. Elas foram abafadas depois do fim do governo de Getúlio Vargas e só voltaram a agir em 1954, inicialmente no estado de Pernambuco, e posteriormente na Paraíba, no Rio de Janeiro e em Goiás. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ligas_camponesas. Acesso em: ago. 2019.

“atuou na organização de outros Sindicatos dos Trabalhadores Rurais na região da lavoura canavieira da Paraíba, chegando a influenciar nas políticas da Confederação dos Trabalhadores da Agricultura – CONTAG” (FERREIRA, 2009).

Mas o que tornou Margarida Maria Alves, uma inicialmente filiada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande-PB, a principal líder sindical do Brejo Paraibano? Não é difícil responder essa indagação quando analisamos sua trajetória de vida política e percebemos sua indignação diante das precárias condições de vida e de trabalho dos trabalhadores rurais no campo. De acordo com Ferreira (2005, p. 104), “A consolidação como liderança não ocorreu do dia pra noite. Teve, na força dos seus discursos para o conjunto dos associados e demais trabalhadores/as, a *segurança* e o *sustentáculo* que eles necessitavam”.

Margarida era muito religiosa e professava a fé católica. Apesar disso, sempre se posiciona de forma crítica frente à atuação da igreja de Alagoa Grande na época da ditadura militar, período em que Severino Cassimiro Alves era o Presidente do Sindicato Rural de Alagoa Grande, com quem Margarida se casaria em 1971 (FERREIRA, 2009). Vejamos o depoimento de Margarida Maria Alves, citado por Rocha (1996, p. 37):

Eu me lembro que, em 1962, quando o sindicato foi fundado, se falava muito nas ligas Camponesa, em jornada de trabalho, que o trabalhador trabalhava dez, onze, doze horas. As Ligas estavam falando a verdade. Mas o padre não dava apoio às Ligas. E como eu era muito religiosa, aí não fiquei com as Ligas. Mas sempre achando que as Ligas tinham razão. Então a Igreja ajudou a fundar os sindicatos dizendo que os sindicatos eram desejo do Papa João XXIII. Veio a Revolução de 64. Foi um pega fogo, foi nego preso, morto e perseguido. Cassimiro foi perseguido, mesmo sendo do sindicato do padre. Cassimiro ficou doente dos nervos, pois ele ficou sozinho. A Igreja tirou o pezinho de banda, como se diz. ‘Fica aí, agora, Cassimiro, que não tem mais problema’. A Igreja ficou do lado latifundiário, entendeu?

A partir desse discurso de Margarida, é possível perceber que, apesar de sua crença religiosa, ela reconhece que no momento em que muito se precisou a igreja se omitiu, deixando de ser o amparo que o sindicato representado por Cassimiro tanto precisava.

Nesse cenário, Margarida Maria Alves se engaja em outros movimentos sociais, a exemplo da Comissão Pastoral da Terra – CPT, ligando-se à Teologia da Libertação, movimento interno da igreja que contava com alguns religiosos preocupados com a defesa dos oprimidos e que se comprometia com uma práxis cristã que privilegiava a organização dos trabalhadores. Alguns adeptos dessa Teologia participaram de vários movimentos de luta por Direitos Humanos e se destacaram na luta pela Reforma Agrária. Por meio dessa ligação, Margarida enfrentou grandes batalhas com o Grupo da Várzea, formado por usineiros da zona

canavieira paraibana, com abrangência política e econômica nas cidades de Santa Rita, Tibiri, Pilar, Mogeiro, Ingá, Sapé e Alagoa Grande, e tinha como maiores expressões duas famílias: os Veloso Borges e os Ribeiro Coutinho (FERREIRA, 2009).

Durante o seu percurso como sindicalista, esteve engajada na luta em defesa da conquista dos direitos por carteiras assinadas, férias, 13º salário e jornada de trabalho de oito horas. Esforçava-se para que fossem respeitados direitos básicos, já garantidos por Lei²¹ desde 1963. Assim, diversas ações foram movidas na Justiça Trabalhista contra usineiros da região e latifundiários, todas elas com resultados satisfatórios, tornando Margarida uma grande liderança política. Na concepção de França (2014, p. 110),

Embora pareçam reivindicações simples, a luta pelos direitos trabalhistas representou o ponto chave para o desmantelamento do latifúndio canavieiro em Alagoa Grande, sobretudo pelo enfrentamento à Usina Tanques. De acordo com o agente pastoral Giuseppe Tosi, as ações na justiça [...] representaram a gota d'água para a derrocada da atividade agroindustrial da usina que já estava à beira da falência, sobretudo devido à crise do Proálcool²² e à conseqüente redução de incentivos fiscais destinados ao setor sucroalcooleiro.

É pertinente destacar que, em 1982, o Sindicato entrou com uma ação judicial para obter a concessão de dois hectares de terra ao redor das residências localizadas nos sítios, para que os agricultores tivessem suas próprias plantações. Essa ação vitoriosa ficou conhecida como direito ao Sítio (FERREIRA, 2009) e causou total desagrado aos usineiros que costumavam plantar suas canas bem próximas às casas dos trabalhadores.

Em meados desse mesmo ano, Margarida, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande-PB, enviou uma carta ao Palácio do Planalto para o presidente Figueiredo, denunciando o desrespeito à legislação trabalhista no Estado da Paraíba, e cobrando medidas urgentes contra esse fato (ROCHA, 1996). Essa ação ressalta ainda mais sua coragem e determinação na luta por condições de trabalhos mais dignas.

Margarida era uma líder sindical que também estava ligada às questões sociais. Preocupada com o índice de analfabetismo ajudou a fundar o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural – CENTRU, do qual foi diretora de 1981 a 1983, considerado por ela

⁵ João Goulart, o presidente da República, lança a Lei nº 4.214 em 2 de março de 1963, conhecida como o Estatuto do Trabalhador Rural.

⁶ O PROÁLCOOL (Programa Nacional do Alcool) foi criado em 14 de novembro de 1975 pelo decreto nº 76.593, com o objetivo de estimular a produção do álcool, visando o atendimento das necessidades do mercado interno e externo e da política de combustíveis automotivos. De acordo com o decreto, a produção do álcool oriundo da cana-de-açúcar, da mandioca ou de qualquer outro insumo deveria ser incentivada por meio da expansão da oferta de matérias-primas, com especial ênfase no aumento da produção agrícola, da modernização e ampliação das destilarias existentes e da instalação de novas unidades produtoras, anexas a usinas ou autônomas, e de unidades armazenadoras.

como sendo um dos principais instrumentos de educação e de política. O CENTRU foi fundado no dia 9 de novembro de 1980 em um congresso ocorrido em Olinda-PE, constituindo sua sede nacional em Recife-PE e suas subsedes na Paraíba e no Rio Grande do Norte. O objetivo do CENTRU era desenvolver um projeto educativo e de conscientização libertadora nos termos do método de Paulo Freire, através de um programa que alfabetizava em quarenta horas os excluídos do ler e escrever em nosso país.

Cada vez mais inserida na política e sempre preocupada em defender os direitos dos trabalhadores rurais, Margarida passou a ser amada e respeitada por uns, sendo motivo de insatisfação para outros, pois se tornou uma ameaça aos interesses patronais da região canavieira e em consequência dessa postura, passou a receber diversas ameaças recomendando que ela parasse de “criar caso” e deixasse de atuar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Eis que as ameaças se concretizaram e ela foi brutalmente assassinada em 12 de agosto de 1983. A notícia da morte de Margarida teve uma grande repercussão e foi destaque nos principais jornais, rádios, TVs do Brasil e do Mundo.

A partir de então, vários Atos Públicos ocorreram, clamando para que sua morte não ficasse impune. O primeiro foi realizado em Alagoa Grande, na Praça Dom Adauto, em 12 de agosto de 1984, com a presença de mais de cinco mil pessoas, entre habitantes da própria cidade, de vários estados nordestinos e representações sindicais e políticas do Estado, do Nordeste e do País.

Passados 36 anos de seu assassinato, o caso continua impune, nenhum dos acusados foi condenado.

O que os assassinos não sabiam é que, apesar de terem calado a voz de Margarida, a sua luta não foi em vão, outras “Margaridas floresceram”, de modo que sua história de vida e suas causas continuam sendo referencial para mulheres de todo o Brasil, sendo reconhecida e lembrada através de homenagens que fazem disseminar seus ideais caminhos a fora. Em nosso trabalho, buscamos evidenciar algumas dessas homenagens.

O dia de seu assassinato, por exemplo, ocorrido no dia 12 de agosto, é conhecido como o Dia Nacional de Luta contra a Violência no Campo e pela Reforma Agrária, enfatizando que sua luta continua sendo referência. Em 1984, foi lançado o filme “Margarida Sempre viva” pelo CENTRU e PL Produções Visuais Ltda, de Recife. Recebeu postumamente, em 1988, o prêmio “Pax Christi Internacional” (Paz de Deus, em latim), movimento católico de respeito aos direitos humanos, justiça e reconciliação em regiões

devastadas por conflitos. Em 1994, a Arquidiocese da Paraíba criou a “Fundação de Defesa dos Direitos Humanos Margarida Maria Alves”. Em 2000, deu-se início à “Marcha das Margaridas”, mobilização que acontece em Brasília, sempre no mês de agosto, a qual nos deteremos nas linhas a seguir. E, em 2002, recebeu a “Medalha Chico Mendes de Resistência”, oferecida pelo GTNM/RJ.

Margarida tornou-se, assim, um símbolo político e representativo das mulheres trabalhadoras rurais e seu legado tem repercussão até os dias atuais. Em 2001, a casa onde morou e morreu Margarida Maria Alves, localizada na rua Olinda, nº 624, tornou-se um museu. Um espaço que nos oportuniza (re) viver sua história, (re) conhecer sua trajetória política, bem como fazer lembranças por meio de cada objeto, documentos, fotografias, cartas, reportagens que lá se encontram.

2.5- Educação Patrimonial

Proporcionar práticas educativas para trabalhar o patrimônio cultural torna-se um elemento enriquecedor no processo de ensino-aprendizagem. E a Educação Patrimonial vem ressignificar essa prática. Vejamos os conceitos de educação patrimonial segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999), como também conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2014).

De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4), a Educação Patrimonial refere-se a

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Para o IPHAN (2014), a Educação Patrimonial constitui-se:

De todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das

referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural diversas.

Podemos perceber que ambas as definições trazem a importância de um trabalho educativo que prime pela construção coletiva do conhecimento, por meio do diálogo e da participação. A educação precisa ter uma ação reflexiva e transformadora e não apenas reprodutora de informações.

A expressão Educação Patrimonial como uma metodologia inspirada na *Heritage Education*, desenvolvido na Inglaterra, foi introduzida no Brasil por ocasião do 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado em 1983 no Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro. E, em 1999, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro lançaram o “Guia Básico de Educação Patrimonial”, que se tornou o principal material de apoio para ações educativas realizadas pelo IPHAN durante a década passada. De acordo com as autoras, a Educação Patrimonial “Consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

As ações educativas significativas são incentivadas a partir de uma proposta metodológica que envolve quatro etapas: observação, registro, exploração e apropriação, cuja metodologia se aplica a:

[...] qualquer evidência material ou manifestação cultural, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Evelina Grunberg (2007), no Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial, traz de forma detalhada, cada uma das etapas, vejamos:

Observação – Nesta etapa, usamos exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas, medições, jogos de adivinhação e descoberta (detetive), etc., de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou tema observado.

Registro – Com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo.

Exploração – Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas,

entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados. Apropriação – Recriação do bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc.), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado” (GRUNBERG, 2007, p. 6).

Reconhecemos a importância do Guia Básico de Educação Patrimonial e do Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial, compreendendo-os como metodologias possíveis para se trabalhar a Educação Patrimonial.

Portanto, tanto a metodologia abordada no Guia, no Manual, e alguns trabalhos, entre eles a dissertação de Nara Cunha (2011), intitulada “CHÃO DE PEDRAS, CÉU DE ESTRELAS: o Museu-Escola do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, década de 1980”, a tese de Helena Araújo (2012) sob o título “Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades” foram tessituras capazes de provocar novas reflexões e serviram como fontes de inspiração para elaboração desta oficina.

Todas as etapas abordadas no Guia Básico de Educação Patrimonial e no Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial foram realizadas, porém não na ordem descrita, elas se correlacionaram umas com as outras num percurso diferente, mas cabível, oportuno à realidade educacional em foco.

Observa-se que as práticas que são desenvolvidas no âmbito escolar com ênfase na Educação Patrimonial decorrem de ações tímidas, que necessitam ser mais exploradas e vivenciadas. Por isso, acreditamos na importância da Educação Patrimonial para impulsionar a valorização do patrimônio cultural local, não apenas nos dias que antecedem a Emancipação Política da cidade, mas nas diferentes épocas do ano.

Portanto, compreendemos que para que os conhecimentos relacionados ao patrimônio local se efetivem, deve-se trabalhá-los de forma significativa. Desse modo, faz-se necessário provocar reflexões sobre sua importância no espaço escolar, possibilitando o aguçamento de sentimentos de pertencimento e contribuição para o reconhecimento e valorização desses patrimônios pelos docentes e, conseqüentemente enquanto sujeitos disseminadores, também pelos discentes.



3- MARGARIDA MARIA ALVES EM MÚSICAS, POESIAS E CORDEL

Canção pra Margarida Zé Vicente

Não faz muito tempo, seu moço
Nas terras da Paraíba
Viveu uma mulher de fibra
Margarida se chamou
E um patrão com uma bala
Tentou calar sua fala
E o sonho dela espalhou

Já faz muito tempo, seu moço
Que enriba deste chão
E em toda nossa Nação
O pobre é pra lá e pra cá
Lavrador faz mas não come
E a miséria é sobrenome
Do povo deste lugar

E quando na carne da gente ordia a opressão
Margarida erguia a mão
E seu grito era o nosso clamor

Daqui a algum tempo, seu moço
Se a gente não se cuidar
Se o pobre não se ajudar
Tubarão engole a alegria
Pois o jeito é treinar o braço
Para desatar esse laço
Que amarra o fulô do dia
E quando na roça da gente brilhar as espigas
Vai ter festa e nas cantigas
Margarida vai viver
E quando na praça e na rua florir Margaridas
Vai ser bonito de ver
Vai ser bonito de viver!

Margarida Maria Alves Robério Chaves

Margarida foi forte lutadora
Enfrentou grandes latifundiários
Obrigando a pagar justos salários
Defendeu a classe trabalhadora
Da classe burguesa traidora
Que inventou uma ação mais que bandida
Para desta mulher tirar a vida
Os patrões com bandidos se juntaram
Entre todas as mulheres que tomaram
Neste dia lembramos margarida

Sua coragem reflete na lembrança
Margarida deixou a esperança
Suas garras cortaram a maldade
Mostrando uma força da verdade
Os carrascos fizeram se calar
Mas que nunca tirou o seu pensar
E que vai existir em nossas mentes
A memória ficando existente
E se a flor já é seu próprio nome
**É MELHOR MORRER NA LUTA DO QUE
MORRER DE FOME!**

No jardim que ficou com sua ausência
Ufanismo que faz a persistência
Idolatro e percebo uma vitória
Margarida, a coragem e sua glória
são saudades que deixo da guerreira
uma mulher de triunfo e verdadeira
o escudo da bala é a palavra
que Maria usou em sua fala
e que vou adiante um pouco mais
Margarida eterna flor descanse em paz!

Margarida Viva

Bob e Amanda

No solo que nasce a luta do tempo plantou
a semente jamais morrerá.
Germinou a luta exala esperança de um
povo que sofre para prosperar.
A luta da vida peleja com a morte um forte
os fracos jamais Vencerá.

Margarida viva

Jamais morrerá

Melhor morrer na luta do que de fome

E a sua história sempre viverá

Flor Margarida

Bob e Amanda

A flor mais bonita
É olho do dia que abre ao sol
Tão pura e simples transforma o jardim

A flor mais querida

Dourada amarela

A flor da donzela

Linhagem perfeita

Presente pra mim

A Margarida

És simplicidade com delicadeza

Modesta e grandeza do início ao fim

A Margarida

Mais bela que a rosa

Mais forte que o cravo

Abraço e afago verdade marfim

A morte de Margarida

Soledade

Dia 12 de agosto

Nasceu um sol diferente

Um aspecto de tristeza

Cobria cada ambiente

Era deus dando um sinal

Da morte de uma inocente

Dizem que o dia 13

Não é a data verdadeira

Pra transmitir o azar

Canta uma ave agoureira.

Mais pra Margarida Alves

O azar foi sexta-feira

Era muito conhecida

Do brejo pra capital

Do INAMPS pra assembléia

Instituto e hospital

Por ser hábil presidenta

Do sindicato rural

Sexta-feira bem cedinho

Margarida decidida

Viajou pra Guarabira

Resoluta e destemida

Pra defender os direitos

Da classe desprotegida

Na cidade resolveu

O caso a que tinha ido

Voltou a alagoa grande

Com seu forte destemido

Alegre por defender

O trabalhador sofrido

Voltou pra sua morada

Para cuidar de seu filho

Depois do jantar ficou

Com seu pequeno junquilha

Comendo tranquilamente

Um pedacinho de milho

Cinco horas mais ou menos

Na sua casa modesta

Ouviu chama - lá na porta

Ela educada e honesta

Foi atender ao bandido

Que lhe deu um tiro na testa

Já caiu desfalecida
Do tiro que recebeu,
O pistoleiro maldito
Ninguém não o conheceu
Aquela infernal serpente
Entrou no carro e correu

Quando espalhou-se a notícia
Pelas ruas da cidade
Parentes, sócios e amigos
Diziam não é verdade
As lágrimas corriam em rios
Que faziam piedade.

Na sala da casa dela
Era grande agitação,
“seu” Casemiro e o filho
Choravam na aflição
E o sangue de Margarida
Corria em bicas, no chão.

A bala atingiu em cheio
O rosto da heroína.
Levaram pra o hospital,
(...) A turma da medicina,
Mandou fazer a autópsia
No hospital de Campina.

Triste hora de amargura
Foi no seu sepultamento:
No sindicato rural
Era grande o sofrimento.
Uns chorando outros rezando
Até o ultimo momento.

Jesus cristo deu a vida
Para redimir o pecado
Tiradentes, pela pátria
Foi morto e esquartejado
E Margarida na defesa
Do pobre necessitado

A missa de 7ª dia
Do mundo foi a mais bela
O altar todo composto
De padres, castiçais e vela
Mais de cinco mil pessoas
Faziam preces pra ela

O filho dela viveu
Um sofrimento sem igual
O seu esposo querido
Também sofreu no hospital
E ela dormindo o sono eterno
No trono celestial

36 anos já se passaram
E a justiça não tem vez
Dia 12 de agosto
Do ano de 83,
Aconteceu o maior crime
Que o latifúndio já fez.

Salve Margarida Alex Gabriel

Em meio as idas e vindas no canavial,
o fogo a madrugada cobria e
muitos rostos cobertos por cinzas
de mãos encalombadas e bucho vazio no
silêncio sofriam.
Ouvia-se apenas os assobios e as maquinas
a vapor
de uma terra de grandes contrastes
onde o ouro foi branco e preta era a fome.
Mas em voz de esperança uma guerreira
não cansava de repetir
que a luta havia apenas de começar.
Estampidos por muitas léguas foram teus
gritos para nos guiar,
até que uma triste notícia em lagrimas
escorria pela lagoa.
De que morrestes em luta mais não em
vão.
Hoje incontáveis são as essências de teu
esforço
e reconhecida és nessa imensidão.



4- ROTEIROS DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS ELABORADO PELOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA OFICINA

4.1- 1º ano



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA –
CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino
Montenegro

Série (Ano): 1º Turma: "A" Turno: manhã

Disciplina (as): História

Professor (a): Márcia Cristina de Oliveira Silva

Objetivos:

Reconhecer a história de Margarida Maria Alves.

Reconhecer as lutas e conquistas que Margarida obteve em prol dos trabalhadores.

Perceber os valores de seu caráter, como líder sindical.

Entender o que é um sindicato.

Reconhecer a história do Museu de Margarida Maria Alves.

Conteúdos:

Biografia de Margarida Maria Alves.

História do Museu de Margarida.

Metodologias:

- levantamento do conhecimento prévio dos alunos;
- Apresentação de fotos de Margarida;
- leitura da biografia de Margarida;
- comentários relacionados;
- Roda de conversa;
- Estudo do significado de algumas palavras;
- Exposição de fotos;
- Pesquisa, explorando a infância dos pais quando eram crianças;
- Aula passeio ao Museu de Margarida;
- Socialização da aprendizagem.

Recursos:

Fotos, ônilus, fita adesiva, recursos humanos, texto bibliográfico,

Avaliação:

A avaliação será realizada de forma contínua, através de roda de conversa e a participação dos alunos no decorrer das atividades.

Alagoa Grande, 30 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA –
CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino
Montenegro

Série (Ano): 2º Turma: A Turno: Manhã

Disciplina (as): História, Português, Artes

Professor (a): Christiana Ferreira da Silva Magalhães

Objetivos:

- * Despertar o interesse em conhecer mais sobre a vida de Margarida.
- * Desenvolver as habilidades artísticas dos alunos.
- * Incentivar a leitura de forma prazerosa e dinâmica.

Conteúdos:

Artes cênicas, leitura, vida de Margarida, luta agrária

Metodologias:

Desenvolver uma peça teatral sobre a vida e o momento da morte de Fargarida.

Recursos:

Roupas caracterizadas da época, espingarda, a própria casa, celular.

Avaliação:

A avaliação será feita durante todo o processo de desenvolvimento da peça verificando a participação e o interesse dos alunos.

Alagoa Grande, 26 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA -
CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino
Montenegro

Série (Ano): 2º Turma: B Turno: Manhã
Disciplina (as): Português, História, Geografia, Artes
Professor (a): Maria Betânia Cosme

Objetivos:

- Resgatar fatos registrados na memória dos alunos;
- Enfatizar o nome de Margarida e seu legado reconhecido mundialmente;
- Identificar razões que conduziram Margarida a lutar em prol do trabalhador rural;
- Reconhecer razões pelas quais ela foi ameaçada e assassinada;
- Destacar a importância do Museu Casa Margarida Maria Alves;
- Valorizar o trabalhador rural e sua atividade.

Conteúdos:

- Resgate de memórias;
- Biografia de Margarida;
- Linha do tempo sobre Margarida;
- Estudo sobre a carreira de trabalho;
- Reconhecimentos de alguns diretos trabalhistas;
- Estudo sobre o que vem a ser forças sindicais;

- Palavras em evidências - uso de dicionário;
- Expressão plástica e visual.

Metodologias:

- Roda de conversa;
- Exposição através de desenhos de fatores que estão registrados na memória dos alunos;
- Entrevista e palestra;
- Apresentação de uma carteira de trabalho;
- Exploração da carteira de trabalho;
- Exposição através de cartaz de alguns direitos trabalhistas;
- Apresentação de siglas de algumas forças sindicais e o que elas promovem;
- Busca em dicionário do significado de algumas palavras apresentadas;
- Visita ao Museu Casa Margarida Maria Alves;
- Registro fotográfico;
- Elaboração de frases;
- Produção textual coletiva;
- Construção de mural e maquete;
- Apresentação de slides;
- Confeção de dobraduras;
- Atividades envolvendo caricatura, pintura, acróstico, mosaico;
- Músicas que retratam a líder sindical Margarida Maria Alves;
- Exposição e apresentação de atividades - envolvendo as atividades trabalhadas.

Recursos:

- Papel ofício;
- Cartolina;
- Carteira de trabalho;
- Dicionário;
- Câmera fotográfica;
- Celular;
- Materiais (objetos audiovisuais);
- Transportes;
- Quadro, caneta, apagador

Avaliação:

A avaliação será contínua através da observação, da oralidade e da escrita.

Alagoa Grande, 30 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA –
CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino

Montenegro

Série (Ano): 2º Ano Turma: B Turno: Tarde

Disciplina (as): Português, Artes, História, geografia

Professor (a): Maria Belca B. de M. Cardoso

Objetivos:

- * Desenvolver o hábito da leitura
- * Informar sobre a importância de Margarida para a classe mais humilde.
- * Produzir um poema coletivo relatando a história de Margarida
- * Ilustrar algumas estrofes do poema.
- * Ler o aluno a pesquisar com conhecidos fatos de História
- * Observar as mudanças ocorridas na paisagem no decorrer dos anos.

Conteúdos:

- Texto informativo (História de Margarida)
- Poema
- Paisagem
- Versos e estrofes

Metodologias:

- leitura compartilhada
- Discussão coletiva sobre o texto.
- Aula expositiva de fotos.
- Aula explicativa
- conversa informal sobre fábula
- Ilustração das estrofes.
- Apresentação oral do poema.
- visita a casa de Margarida

Recursos:

- Texto / Quadro
- fotos
- casa de Margarida
- lápis de cor.

Avaliação:

A avaliação será contínua, através de roda de conversa e a participação dos alunos no decorrer das atividades trabalhadas.

Alagoa Grande, 30 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA –
CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino
Montenegro

Série (Ano): 3º Turma: B Turno: Tarde

Disciplina (as): _____

Professor (a): Maria José de Araújo Santana

Objetivos:

Leer e interpretar biografia
Reconhecer as características do gênero.
Conhecer a vida de Margarida e a história da casa.
Valorizar a Casa de Margarida como patrimônio histórico da cidade.
Expor trabalhos, pesquisas com recursos da internet.

Conteúdos:

Roda de conversa, Biografia, leitura oral, silenciosa de textos, relatos, pesquisas, Patrimônio histórico, cidade, campo, subtração, leitura de números.

Metodologias:

Roda de conversa sobre Margarida,
Apresentação da biografia, leitura silenciosa,
oral, relatos dos alunos, pesquisa, confecção de mural, desenho, pintura, recorte e colagem, exercícios escritos, xerocados, Uma aula passeio a casa de Margarida, onde os alunos vão registrar suas observações sobre a casa e tentar definir os espaços significativos muito além do ponto turístico.

Recursos:

Textos e questionários xerocados, desenhos, folha de papel, lápis grafite, colorido, tesoura, cartolina, cola, Casa de Margarida, ônibus

Avaliação:

Depois do trabalho,

Alagoa Grande, 30 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
 OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA –
 CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
 MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino
 Montenegro

Série (Ano): 4º Turma: A Turno: Manhã
 Disciplina (as): História e Artes
 Professor (a): Lauciana dos Santos Cabral

Objetivos:

- Conhecer o museu casa margarida maria Alves, patrimônio cultural.
- Trabalhar sobre Margarida Maria Alves em equipe.
- Confeccionar uma flor margarida simbolizando e homenageando Margarida Maria Alves pela sua morte.

Conteúdos:

- Texto Informativo - História do museu Casa Margarida Maria Alves.
- Expressão gráfica - Flor margarida e plástica

Metodologias:

- Aula passeio visitando o museu
na casa Margarida Maria Alves.
Leitura compartilhada do texto
informativo. e compreensão do
texto oral.

- Trabalho em equipe sobre a
história de Margarida Maria
Alves.

- Confeção de uma flor de
margarida com palito de picolé ou
de churrasco.

Recursos:

Texto miniografado (xerocado), revista,
jornal, cola, tesoura, cartolina,
palito de picolé, embralhado, ou
palito de churrasco.

Avaliação:

Avaliação participativa e coletiva
com os alunos.

Alagoa Grande, 30 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
 OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA –
 CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
 MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino
 Montenegro

Série (Ano): 5º ano Turma: A Turno: Manhã

Disciplina (as): História, Português, Artes

Professor (a): Paula Cristina Lima de Jesus

Objetivos:

- Ouvir histórias (memórias) sobre Margarida Maria Alves, contadas pelas famílias dos alunos
- Conhecer a Biografia de Margarida Maria Alves.
- Visitar o Museu de Margarida Maria Alves.
- Conduzir os alunos ao museu palestrando toda sua história.
- Relatar toda história sobre a vida de Margarida Maria Alves.

Conteúdos:

- Memórias
- Biografia
- Patrimônio Histórico

Metodologias:

→ Pedir para os alunos que perguntem aos seus familiares sobre a vida de Margarida e tragam essas histórias (memórias) para serem contadas para a turma.

→ Aula compartilhada sobre a Biografia de Margarida.

→ Hora de conhecer o Museu, para os mesmos poder saber onde ela morava, como era sua casa e diante da visita teremos uma palestra conduzida por onde eles fazem perguntas, registrando sempre esses momentos.

→ Momento de produzir tudo que aprendemos e vivenciamos, faremos uma produção textual contando a história de Margarida Maria Alves.

Recursos:

Folhas, canetas, quadro de giz, giz, apagaador, celular, ômbus, fotos

Avaliação:

Contando as histórias para montar um portfólio com todos os registros trabalhados.

Alagoa Grande, 26 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OFICINA PEDAGÓGICA - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA -
CASA MARGARIDA MARIA ALVES

ROTEIRO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS RELACIONADAS AO MUSEU CASA
MARGARIDA MARIA ALVES, PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Desembargador Severino,
Montenegro

Série (Ano): 5º ano Turma: "B" Turno: Tarde

Disciplina (as): História, Português, Artes, Geografia

Professor (a): Waldirton Duarte Cavallari e Cláudia Barros

Objetivos:

- Trabalhar a importância do museu para a preservação do pertencimento da identidade cultural e histórica do aluno.
- Discutir as histórias e memórias de vida dos alunos como fonte de aprendizagens para sinturam como sujeitos históricos que fazem histórias.
- Apresentar para o aluno a história da líder Sindical Margarida Maria Alves.
- Mostrar para os alunos que o museu (Casa Margarida Maria Alves) faz parte da nossa história de quem nos somos.
- Trazer aprendizagens significativas aos alunos por meio da valorização, preservação e reconhecimento do Museu Margarida Maria Alves como conclusão para o exercício da cidadania.

Conteúdos:

O que é um Museu? Para que serve? Contribuições para a formação identitária de um povo. Vida e obra da Margarida Maria Alves (gênero textual: Biografia de Margarida Maria Alves. Sindicalismo. A atuação do sindicato. A fotografia como reprodução da realidade. Novo Estado, cidade

Objetivos:

- Trabalhar na sala de aula o papel da luta que Margarida Maria Alves teve pelos direitos dos trabalhadores
- Discutir os efeitos sobre as marchas das Margaridas no Brasil
- Refletir sobre duas frases célebres dita por Margarida durante sua vida: "Da luta eu não fujo"
"É melhor morrer na luta do que morrer de fome."

- Análise da obra de Margarida está realizada.
- Os conteúdos dos trabalhos
- A história da Marcha das Margaridas.

Metodologias:

- Visita à obra Margarida Maria Alves
- Socialização dos conteúdos em sala de aula sobre a visita ao Museu de Margarida
- Duração da Programação de Margarida
- Uso de documentos sobre a visita de Margarida. Reflexão sobre a vida sindical e a Marcha das Margaridas
- Preparação de folios do Museu de Margarida, Maria Alves
- Produção de materiais sobre o Museu de Margarida
- Produção de materiais sobre a importância do Museu de Margarida para a nossa história local. Elaboração de frases, poemas, canções, jogos, dramatizações, vídeos, pinturas sobre Margarida Maria Alves.

Recursos:

Quadro branco com lápis, papel e caneta, vídeo sobre a história de Margarida, aparelho de som, Data Show, computador, projetor, imagens, figuras, cartões, folhas coloridas, lápis, caneta, cd, dvd,

Avaliação:

Avaliação processual, contínua. Imagens aplicadas, reflexões, momentos de perguntas e respostas, vídeos, atividades, construção de um álbum com os momentos dos alunos sobre a programação. Avaliação em visita ao Museu de Margarida

Alagoa Grande, 26 de agosto de 2019.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades.** 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. **Constituição da República do Brasil.** 36 ed. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Saraiva de Legislação).

CHAGAS, Mario. A poética das casas museus de heróis populares. **Mosaico**, v. 4, n. 4, 2010.

CHAVES, R. **Margarida Maria Alves**, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 3 nov.18.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Chão de pedras, céu de estrelas: o museu-escola do museu da inconfidência, Ouro Preto, década de 1980.** 2011. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

FERREIRA. Ana Paula Romão de Souza. **Margarida, Margaridas: memória de Margarida Maria Alves (1933 – 1983) e as práticas educativas das mulheres camponesas na Paraíba.** 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

FERREIRA. Ana Paula Romão de Souza. Pedagogia do feminino: Margarida Maria Alves na luta pela terra. *In*: SCHEIDER, L.; MACHADO, C J. dos S. (orgs.). **Mulheres no Brasil: resistência, lutas e conquistas.** 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2009, p. 67-84.

FERREIRA, Márcia Regina Rodrigues. **História, memória e educação das sensibilidades: o processo de patrimonialização da Casa Lambert de Santa Teresa-ES.** 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2015.

FRANÇA, D. P. I. **A ação pastoral da Igreja Católica de Guarabira na luta pela terra em Alagoa Grande-PB.** 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: sua História de 1625 a 2000.** 1. 2. edição revista e aumentada 1. João Pessoa: a União, 2002.

FUNDAÇÃO MARGARIDA MARIA ALVES. **“É melhor morrer na luta que morrer de fome”.** Disponível em: <http://www.fundacaomargaridaalves.org.br/homenagens/>. Acesso em: 9 set. 18.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA: NOVOS PROBLEMAS E NOVAS ABORDAGENS*, 7., 2006. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2006.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: Iphan, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, M.L.P. GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Superintendência do Iphan na Paraíba. Casa do Patrimônio da Paraíba. **Educação Patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade**. Caderno Temático 4. Organização, Átila Bezerra Tolentino [et al.], João Pessoa: Iphan, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo-SP, PUC-SP, n. 10, p. 7-28, 1993.

ROCHA, Guilherme Salgado. **Margarida Alves**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1996. (Coleção construtores da justiça e da paz)

SILVA, Maria Claudia Ferreira da. **Marcha das Margaridas** – 1 ed. – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

VICENTE, Zé. **Canção pra Margarida**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-vicente/988269/>. Acesso em: 03 nov. 18.

ANEXOS

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE-PB

Acervo Museu Casa Margarida Maria Alves

28 DE NOVEMBRO DE 2012

OBJETOS PESSOAIS		
	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
01	Bolsa de couro preta	01
02	Colar dourado	01
03	Relógio prateado	01
04	Óculos	01
05	Carteira vermelha com detalhes em preto e dourado	01
06	Presilha	01
07	Par de brincos dourados	01
08	Colar fino	01
09	Caixinha de joias com detalhes de conchinhas	01
10	Chave simbólica dourada	01
11	Blusa branca	01
12	Lençol branco	01
13	Medalha Sindicalista Margarida Maria Alves	01
14	Chapéu de couro preto	01
15	Troféu – Propositura do vereador Antônio Pereira – PT	01
16	Guarda-chuva	01
17	Projeto de resolução Nº 60/2004 – Assembleia Legislativa da Paraíba	01
18	Mensagens de solidariedade da Anistia Internacional	27
19	Quadro grande com foto de Margarida Maria Alves	01
20	Fichas utilizadas para o controle dos cambiteiros e cortadores de cana	-
	UTENSÍLIOS UTILIZADOS NO CORTE E TRANSPORTE DA CANA-DE-AÇÚCAR	
21	Chapéu de palha	01
22	Foice	01
23	Facão pequeno	01
24	Facão tamanho médio	01
25	Pedaço de corda	01
26	Enxada	01
27	Pau de cangaia	01
28	Esteira	01
29	Cambiteiras	04
	QUADRO DE HOMENAGENS	
30	Folhetos	07

31	Calendário – Agosto – Marcha das Margaridas - 2001	01
32	Poema sobre Margarida	01
33	Monografia intitulada “Margarida Maria Alves: a luta da flor do agreste que desabrochou no brejo” de Maria das Graças Silva Alves	01
34	Panfleto – A mão armada do latifúndio – Sebastião Barbosa	01
35	Livro – Do sangue de Margarida nascem... Margaridas	01
36	Livreto – Margarida, Flor de briga da CAMPANHA TRABALHISTA	01
37	Livro – Romaria da Terra – Margarida, continuamos tua missão – 1993	01
38	Livro – “Homens e mulheres que morreram na luta pela Reforma Agrária e pela vida”, de Ivanildo Pereira Dantas – 2010	01
39	Quadro esculpido em madeira – Aos filhos de Margarida Alves – 1º Congresso Nacional – Curitiba, 31 de jan. 85	01
40	Busto em argila de Margarida Maria Alves	01
	CÓPIAS DE RECORTES DE JORNAIS	
41	Jornal O Norte – Cinco mil pessoas no ato de protesto em Alagoa Grande	01
42	Jornal O Norte – Contag: metralhadora dos agricultores significa união pelos seus direitos	01
43	Jornal O Norte – Líder assassinada em Alagoa Grande é sepultada em clima de grande comoção	01
44	Jornal O Norte – Dom José afirma em Alagoa Grande que uma causa não se pode matar com balas	01
45	Jornal O Norte – Delegado ouve usineiros na terça, inclusive Agnaldo Velloso Borges	01
46	Jornal A União – Delegado especial ouvirá proprietário sobre crime	01
47	Jornal A União – Há três anos, as ameaças contra Margarida	01
48	Jornal A União – Milanez quer uma comissão judiciária para apurar crime da presidenta do sindicato	01
49	Jornal A União – Já designado delegado para apurar crime de Margarida	01
50	Jornal A União – Crime da agricultora: inquérito é aberto e comissão judiciária pode fazer a apuração	01
51	Jornal A União – Braga dá garantias à família de Margarida	01
52		
	FOTOS EXPOSTAS	
53	Pôster – Sessão solene Outorga de Título de Cidadã Honorária de Brasília, <i>Post-Mortem</i> , à Margarida Maria Alves	01

54	Fotos do túmulo de Margarida	02
55	Fotos da Missa de 7º dia – 19/08/1983	03
56	Fotos do Ato Público realizado em 19/08/1993	06
57	Desenho de Margarida falando ao povo “É melhor morrer na luta do que se acabar de fome”	01
	DOCUMENTOS EXPOSTOS	
58	Livro de Registro da sala de emergência da Fundação Nacional de Saúde	01
59	Ofício Nº 34/83 – Ao Exmº Sr. Aguinaldo Veloso Borges	01
60	Rascunho da ata de uma reunião presidida por Margarida em 24/09/1978	01
61	Cópia da ata de reunião presidida por Margarida em 24/09/1978	01
62	Carteira de identidade de beneficiário de José de Arimatéia Alves, filho de Margarida	01
63	Cópia do Registro Civil de Casamento de Margarida	01
64	Certidão de Óbito de Margarida Maria Alves	01
65	Cópia de Certidão de Nascimento de José de Arimetéia Alves, filho de Margarida	01
	PERTENCES DE MARGARIDA MARIA ALVES	
66	Marmita em alumínio	01
67	Xícara com pires e uma colher de café em alumínio	01
68	Bacia branca	01
69	Pilão pequeno	01
70	Colcha em tons de laranja	01
71	Fronhas em tons de laranja	02
72	Cortinas em tons de caramelo	02
73	Toalha de mesa bordada	01
74	Cortina bordada	01
75	Espelho com moldura azul	01
76	Terço em madeira	01
	QUADROS EXPOSTOS	
77	Quadro com uma oração à Virgem Maria	01
78	Quadro com fotografia da estátua de Pe. Cícero	01
79	Quadro com fotografia Sagrado Coração de Maria e Jesus Cristo	01
80	Quadro com fotografias do pai e da mãe de Margarida, da irmã Joaquina e do filho José de Arimatéia	01
81	Quadro com fotos dos familiares de Margarida	01
82	Quadro com foto do filho José de Arimatéia nos braços da avó	01
83	Quadro com foto de Severino Cassemiro Alves, viúvo de Margarida	01

84	Quadro com fotos dos pais de Margarida, Manoel Lourenço Alves e Inácia Alexandrina	01
85	Quadro com a foto da irmã de Margarida, Joaquina	01
86	Quadro com a foto de Margarida, José Horácio da Silva e Severino Casseiro, no Sítio Vertente	01
87	Quadro com foto de Margarida Maria Alves doado pelas irmãs	01
88	Quadro com foto de José de Arimatéia Alves	01
89	Quadro em homenagem a Maria da Penha Nascimento Silva	01
90	Quadro com foto colorida sobre o 17º aniversário de morte de Margarida	
91	Quadro com foto colorida – uma mulher e uma criança	01
92	Quadro com foto de Maria da Penha	01
93	Quadro artesanal com camurça – Imagem de uma mulher segurando trigo	01
94	Fotos em homenagem à Margarida	01
	IMPrensa NACIONAL E INTERNACIONAL	
95	Recorte de Jornal - A Tarde – “Marcha das Margaridas” abalou Brasília	01
96	Cópia – Revista Veja – A queima roupa	01
97	Cópia de reportagem sobre a morte de Margarida – Le Monde	01
98	Cópia de Jornal – Correio Braziliense – PM Paraibana apura a morte de sindicalista	01
99	Cópia de Jornal – Jornal do Brasil – Lavrador paraibano reivindica seus direitos onde líder	01
100	Cópia de Jornal – Folha Socialista – A impunidade matou Margarida	01
101	Cópia de Jornal – Folha de São Paulo – Violência aumenta nos canaviais da Paraíba	01
102	Recorte de Jornal – Fêmea – Margarida Maria Alves 18 anos de impunidade	01
103	Capa de DVD – Uma flor na Várzea – Direção: Mislene Santos/ Matheus Andrade	01
104	Folder – Casa Margarida Maria Alves	01
105	Cópia de uma prova para recenseador do IBGE – Maio/2000	01
106	Livro – A Morte de Margarida e o poder do patrão – José Flávio	01
107	Livro – Construtores da Justiça e da Paz – Guilherme Salgado Rocha	01
108	Recorte de Jornal – A União – Sempre Margarida	01
109	Recorte de Jornal – A União – Alagoa Grande inaugura casa em homenagem a Margarida Alves	01
110	Recorte de Jornal – A União – Margarida Alves é homenageada com memorial	01

111	Recorte de Jornal – O Norte – Museu Margarida	01
112	Recorte de Jornal – O Norte – Museu recebe o nome de Margarida Maria Alves	01
113	Livro – Margarida Alves – II Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero	01
114	Livro – A mão armada do latifúndio – Sebastião Barbosa	01
115	Livro – Margarida, Margaridas – Ana Paula Romão de Souza Ferreira	01
116	Trecho datilografado do livro “A mão armada do latifúndio”	01
117	Letra da música Margarida Viva, de Genário Dunnas	01
118	Reportagem sobre a Marcha das Margaridas – Uma marcha por Margarida	01
	ESTANTE	
119	Materiais diversos: encartes sobre o Salão de Artesanato, revistas, livretos.	
120	Plano Nacional Setorial de Museus	01
121	Guia dos Museus Brasileiros	01
122	Material sobre a 29ª Bienal Nacional	01
	MÓVEIS E EQUIPAMENTOS	
123	Filtro	01
124	Espelho	01
125	Cadeiras de madeira	09
126	Mesa (escolar) pequena	01
127	TV Toshiba	01
128	Quadros expositores em vidro e alumínio	06
129	Mesa expositora	01
130	Expositores suspensos na parede	02
131	Geladeira Prosdócimo Azul	01
132	Expositor de vidro	01
133	Mesa de escritório	01
134	Livro de Registro	01
135	Coleção “Museus em Números” Vol. 1 e 2	01
136	Cadeira acolchoada	01
137	Lixeiras	02
138	Pedestal de madeira	01
139	Cadeira de balanço	01
140	Mesa de centro com tampo de mármore	01
141	Mesa de televisão	01
142	Vaso com flores	01
143	Máquina de datilografia	01
144	Quadro “Casa Margarida Maria Alves”	01
145	Expositor com moldura em madeira	01

MEMÓRIAS PARTILHADAS NO 1º ENCONTRO

Como esquecer?

Me lembro com saudade,
Daquele tempo bem longe,
Quando vem a minha memória,
Lembranças de criança.

Lembro-me bem,
Das tardinhas de alegria,
Quando minha mãe dizia:
"Vamos todos se apitar".

Éramos quatro, os menores.
Que ela com carinho,
Dava banho e colocava pezinho,
Nos filhinhos a cuidar.

Todos sentados ficavam,
E a mamãe com a colher estava,
Comida na boca nos dava,
Para nos alimentar.

Me lembro com saudade,
Da minha mãe querida,
Que jamais será esquecida,
Pelo seu jeito de amar.

Como esquecer da minha infância,
De uma mãe que nunca cansa,
Dos seus filhos a cuidar.

A comida prontinha sempre estava,
A roupinha mesmo celhinha,
Simpinha também estava.

A minha cama cheirosinha,
Com o irmãozinho dividia,
E toda noite dormia,
Sem pressa para acordar.

Obrigada Deus!
Por minha mãe querida,
Que por sua filha,
Jamais será esquecida.

Mércia Cristina de Oliveira Silva.

45/08/19

Minha memória

Assim como o tempo vai!

Assim como o tempo vem

Algumas lembranças se vão e
outras em nossa memória ficam também!

Uma coxa de galo muito antiga

Que por anos você usou,

Passando-se mamãe

Pro ela você passou.

E o tempo foi passando

E a família começou aumentar

Em busca de melhor emprego

Para o Rio de Janeiro

Papai teve que viajar

Devido a enorme mudança de clima

Para melhor se adaptar

Dentro de sua mala

A coxa mamãe mandou colocar.

Os anos foram passando
E pra lá papai mandou nos buscar
Mas mãe demorou muito tempo
Pra cá a gente retornar.

E foram muitas idas e voltas

Para lá e para cá

E nessa trajetória a "coxa"

60 anos já vai completar,

e hoje saudosamente, na minha

casa está,

pois papai ^omeu ^{meu}deus antes de me
casar.

E ao se-la na minha quente
mesmo que o clima esteja muito
quente, o meu coração põe-se a
gelar com saudades de papai que
conosco já não está.

Uma memória inesquecível que
da minha mente jamais se apagará

Memórias

Lembrança do passado
Faz bem a memória
Falar do que há guardado
Enriquece nossa História

Muitos preferem não lembrar
Pois envolve emoção
É bom o fato Relatar
Para aliviar o coração

A muitos anos atrás
Fui contemplada com um presente
Veio de um rapaz
Que se encontrava ausente

Foi grande a felicidade
Ao mesmo agradei
Foi um dia importante
Do mesmo, jamais esqueci.

Ainda o tenho guardado
No armário, em um cantinho
Presente do meu amado
Que cuido com carinho

Vivendo no presente
Buscamos o passado
Lembranças ausentes
No coração ficou marcado.

Célia Cardoso

AValiação da Oficina Pedagógica



AValiação da Oficina Pedagógica - RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA - CASA MARGARIDA MARIA ALVES

Primeiras quis agradecer a você Querimara, pelo convite de fazer parte de sua pesquisa, onde aprendi a ter um olhar diferente sobre o Museu de Margarida Maria Alves, e olhe que já tinha ido lá várias vezes, mas nunca olhei de forma que me chamasse a atenção ou que tivesse curiosidade de saber algo a mais do que já sabia ou conhecia.

A sua dinâmica de conduzir a oficina me fez perceber como podemos ter um olhar especial as nossas rotinas, as nossas memórias que podemos fazer e levar algo prezioso aos nossos alunos, levei tudo que vivenciei para minha prática, não só no Museu de Margarida Maria Alves mas sim para as nossas outras experiências que nossa cidade tem.

... pesquisar, estudar, conhecer e reaprender ...

Penso que nosso tempo foi curto, mas o suficiente para entendermos o que nos foi proposto.

Paula Cristina Lima de Moraes



